

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO E POLÍTICAS AMBIENTAIS



**DE QUE NATUREZA SE FALA – REPRESENTAÇÃO SOCIAL  
COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**LÚCIA MARIA ALVES E SILVA**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. EDVÂNIA TÔRRES AGUIAR GOMES  
CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA SANTOS

Recife - 2002

**DE QUE NATUREZA SE FALA – REPRESENTAÇÃO SOCIAL  
COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

POR

LÚCIA MARIA ALVES E SILVA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE  
GESTÃO E POLÍTICAS AMBIENTAIS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

ORIENTADORA: PROFA. DRA. EDVÂNIA TÔRRES AGUIAR GOMES  
CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA SANTOS

FOTOGRAFIA: ALEX FAFE

Recife - 2002

## FICHA CATALOGRÁFICA

A474 n ALVES E SILVA, Lúcia Maria . **De que NATUREZA se Fala – Representação Social como Instrumento para Educação Ambiental.** 2002. f. 181 Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) - Universidade Federal de Pernambuco.

**1. Sociedade/Natureza. 2. Educação Ambiental. 3. Representação Social. I. Título. II. Autor**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE GESTÃO E POLÍTICAS  
AMBIENTAIS DA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROFESSORES COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

**Orientadora:** Profa. Dra. Edvânia Tôrres Aguiar Gomes  
Depto. de Geografia – Universidade Federal de Pernambuco

**Co-orientadora:** Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos  
Depto. de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria do Carmo Tavares Sobral  
Depto. de Engenharia – Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria José Araújo Lima  
PRODEMA – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Denis Antônio de Mendonça Bernardes  
Depto. de Serviço Social – Universidade Federal de Pernambuco

# DEDICATÓRIA

Para Ivanilda Alves e Silva

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de uma perspectiva interdisciplinar que impôs um processo participativo de discussão e análise, envolvendo diferentes áreas de conhecimento e, portanto, vários profissionais que participaram de formas diversas. Deste modo, pode-se então falar de uma produção coletiva, o que abre espaço para um sentimento de gratidão a cada uma das pessoas que direta ou indiretamente contribuíram na produção deste trabalho. Outros agradecimentos são na direção do afetivo, da força e apoio que algumas pessoas a mim dispensaram nos momentos de sufoco e dificuldades. Alguns agradecimentos são especiais pelo quanto crucial foi a contribuição de alguns, mas todos foram muito importantes, motivo pelo qual registro de coração a minha imensa gratidão a cada um.

Ao homem que amo, Fernando Paz, companheiro, amigo, amante, namorado, que se desdobrou todo tempo, buscando me ajudar, mesmo com algumas dificuldades de saúde que tivemos de enfrentar na reta final da elaboração desta dissertação. Para mim sinônimo de força, apoio, incentivo e presença permanente.

Aos meus amados filhos, netos, mãe, pai (in memoriam), irmãs e irmão, não só pela paciência e compreensão com minhas ausências, mas também pelo apoio e torcida, no sentido do vá em frente, estamos orgulhosos de você. Com relação à minha mãe e meu pai, o agradecimento é pra lá de especial, é impossível traduzir com palavras a importância dos dois, cada um a seu modo, para minha vida escolar e profissional, ao assumir comigo o amor, a dedicação e a responsabilidade na educação e na vida dos meus filhos e netos.

À Ana Lucia Carneiro Leão, Gerente da Educação Ambiental da CPRH (Gerência, na qual, trabalho.). Agradeço primeiro pela amizade, carinho e respeito, depois por todo apoio, compreensão e incentivo dispensado a realização deste trabalho. Uma postura coerente com sua posição de responsabilidade e compromisso social, valorizando este espaço de produção de conhecimento, na perspectiva de somar esforços, para o avanço da luta em prol de melhores condições ambientais.

Aos meus companheiros e amigos de trabalho, Tereza Brandão, Ângela Cirilo, Etiene Viana, Bete Braga, Martim Assueros, Carlos Falcão, Linda Pinheiro, Almerice Lima, Raphaella Luna e Nadia da Silva por todo carinho, amizade, respeito e atenção e pelo quanto foi e é possível avançar no conhecer a partir das nossas reflexões, sobre a nossa prática em educação ambiental.

Aos companheiros de trabalho e técnicos da Companhia Pernambucana do Meio Ambiente – CPRH, pelo apoio em suas áreas específicas de atuação: Andréa Olinto – arquiteta do gerenciamento costeiro; Assis Lacerda – engenheiro de pesca da Gerência de Áreas Protegidas; Mônica Rocha – advogada da Assessoria Jurídica; Vileide Barros Lins – bióloga do gerenciamento costeiro; Paulo Gomes, Catarina Cabral e Alex Fafe – biólogos da Gerência de Áreas Protegidas; Madalena Barbosa – bibliotecária; Almerice Lima – geógrafa da cartografia e desenho. Além de outros que independente de sua área de formação e de sua função também estiveram presentes quando precisei: Maria Auxiliadora Vasconcelos, Graça Nogueira, Patrícia Santos, Cândida Costa, Agnaldo Queiroz, José Ferreira, Orlando de Sá. Com destaque para a participação de Alex Fafe na fotografia e de Almerice Lima na elaboração dos mapas.

À CPRH na pessoa da diretora de planejamento e integração, Berenice de Andrade Lima pela sensibilidade e apoio ao conceder minha parcial liberação para realização deste mestrado.

À Ademar Filho, fotógrafo que fez as fotografias dos diferentes olhares que ilustram a capa deste trabalho.

Aos professores, colegas de turma e coordenação do Mestrado de Gestão e Políticas Ambientais – MGPA, da UFPE, pela criação e desenvolvimento deste espaço crítico de conhecimento, atualização e discussão de temas relacionados à problemática ambiental. Com especial gratidão a Christine Dabat e Marlene Maria da Silva, pelas contribuições específicas a esta dissertação.

Aos apoios administrativos do MGPA, especialmente na pessoa de Solange Lima pela atenção e orientação adequadas no encaminhamento das questões administrativas.

À Profa. Dra. Ângela Maria de O. Almeida do Instituto de Psicologia da UnB e ao Doutorando em Psicologia neste instituto, pela atenção e apoio no tratamento e análise dos dados realizados através do software ALCESTE.

Às minhas orientadoras, Profa. Dra. Edvânia Tôrres Aguiar Gomes (orientadora) e a Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos (co-orientadora). A profa. Edvânia Tôrres por ter acreditado em mim, sendo sempre um referencial de carinho, força e incentivo ao meu trabalho, criticando-o e contribuindo com competência para o seu aperfeiçoamento até a versão final. À profa. Fátima Santos que com carinho e simplicidade, por um lado, e competência e segurança, por outro, criou comigo um espaço dialógico em torno da abordagem teórica e prática das representações sociais, que possibilitou o aprofundamento dos meus conhecimentos sobre esta abordagem, consolidando a minha opção enquanto orientação teórica para o conhecimento do senso comum acerca da natureza, de grupos que interagem em uma problemática ambiental concreta. Às duas o meu sempre e afetuoso agradecimento.

## RESUMO

O presente trabalho representa um esforço de identificação do significado da *NATUREZA* para os diferentes grupos sociais que atuam no litoral Sul de Pernambuco. Para realização do trabalho foram selecionadas as praias de Gamela e Guadalupe com a particularidade de comporem ao mesmo tempo uma unidade de conservação da *NATUREZA* (APA de Guadalupe) e um Centro Turístico (CT Guadalupe). Partindo-se do pressuposto que o êxito da ação em educação ambiental tem como requisito fundamental o diálogo entre o senso comum e o conhecimento científico, a contemplação dos diferentes grupos sociais que interagem em situações ambientais concretas conta com a teoria das representações sociais como uma importante ferramenta teórico-instrumental para avançar no sentido de captar, interpretar e refletir sobre as bases de sustentação que fundamentam as relações dos homens entre si, desses para com a *NATUREZA* e, especificamente na composição de forças das relações sociedade e *NATUREZA*. Nesse sentido, e tendo como referencial a teoria das representações sociais de Moscovici, bem como a abordagem estrutural de Abric e a perspectiva societal de Doise, foi realizado um trabalho teórico e empírico nas áreas objeto da pesquisa. A obtenção e análise dos dados seguiram uma orientação pluri-metodológica. A coleta foi efetuada através de um teste de associação de idéias e entrevista, constituindo uma amostra de 236 pessoas pesquisadas, especialmente em duas situações: veraneio e final de semana comum. Para o tratamento dos dados contou-se com o apoio dos softwares EVOC e ALCESTE. Os resultados possibilitaram, a identificação da estrutura das representações sociais, as diferenciações grupais e os elementos definidores dos processos de objetivação e ancoragem das representações sociais da *NATUREZA* revelando, por um lado, a existência de um campo comum das representações orientado pela idéia da *NATUREZA* provedora, fonte de vida, frente à necessidade da preservação; por outro, as diferenciações grupais que revelaram uma *NATUREZA* provedora tanto no sentido físico como no sensual das necessidades humanas. Na ancoragem, a presença de representações hegemônicas demarca uma crise que confirma o espaço relacional sociedade humana/*NATUREZA* em processo de transformação na busca da configuração de uma nova Gestalt. Este trabalho ratificou a importância da utilização da teoria das representações sociais como um instrumento teórico e metodológico a ser ampliado na ação da educação e gestão ambiental.

## ABSTRACT

The present report represents an effort of identification of the meaning of the nature for the different social groups that act in the coast of Pernambuco. For accomplishment of the study the beaches of Gamela and Guadalupe had been selected, with the particularity to compose at the same time a Unit of Conservation of the Nature (APA of Guadalupe) and a tourist center (CT Guadalupe). Estimating itself that the success of the action in ambient education has as basic requisite the dialogue between the common sense and the scientific knowledge, the comment of the different social groups that interact in concrete ambient situations account with the theory of the social representations, as an important theoretic-instrumental tool to advance towards direction to pick up, to interpret and to reflect on the sustentation bases that base the relations of the men between themselves, of these to the nature and, specifically in the composition of forces of the relations society and nature. In this direction, and having as referential the theory of the social representations of Moscovici, as well the structural boarding of Abric and the societal perspective of Doise, it was carried out through a theoretical and empirical study in this areas object of this research. The attainment and analysis of the data had followed a pluri-metodological orientation. The collection and analysis of the data was effected using a test of association of ideas and interview, in a sample of 236 searched people, especially in two situations: summer holiday, and week all together. For the treatment of the data the software's EVOC and ALCESTE were used. The results make possible, the identification of the structure of the social representations, differentiation's of groups and the defining elements of the goal processes and anchorage of the social representations of the nature disclosing, on the other hand, the existence of a common field of the representations guided by the idea of the nature as a source of life, towards the necessity of the environment preservation; on the, the differentiation's group that had disclosed to a nature supplier, as much in the physical direction as in sensual of human beings necessities. In the anchorage, the presence of hegemonic representations demarcates a crisis that confirms a relation space society human/natures in process of transformation in the search of the configuration of a new Gestalt. This study ratified the importance of the use of the theory of the social representations as a theoretical and metodological tool to be extended in the action of the education and environment management.

# SUMÁRIO

RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
LISTA DE MAPAS.....	xiii
LISTA DE QUADROS.....	xiii
LISTA DE FIGURAS E CARTAZ.....	xiii
LISTA DE TABELAS.....	xiv
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	xv

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
------------------------	-----------

## **PARTE I: CONTEXTUALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

<b>CAPÍTULO 1. O Espaço Territorial e a Utilização da NATUREZA nas Praias de Gamela e Guadalupe.....</b>	<b>22</b>
1.1. As praias de Gamela e Guadalupe em sua localização.....	23
1.2. Uma paisagem perdida.....	29
1.3. O testemunho da atual paisagem.....	32
1.4. A dinâmica de evolução do espaço (paisagem, população e atividades produtivas).....	38
1.4.1. Os sítios.....	38
1.4.2. O loteamento.....	40
1.4.3. O turismo.....	45
1.4.4. A carcinicultura.....	47
1.5. Os grupos sociais.....	48

**CAPÍTULO 2. Representação Social da NATUREZA – uma  
abordagem interdisciplinar.....54**

- 2.1. A *NATUREZA* como objeto do conhecimento humano.....55  
2.2. A *NATUREZA* pelo foco de áreas específicas do conhecimento científico.....59

**CAPÍTULO 3. A Teoria das Representações Sociais – uma  
aproximação com o senso comum.....63**

- 3.1. Aspectos psicológicos e sociológicos das representações sociais.....68  
3.1.1. Dos aspectos psicológicos.....68  
3.1.2. Dos aspectos sociológicos.....71  
3.2. As funções das representações sociais.....73  
3.3. Uma abordagem estrutural das representações sociais.....76  
3.4. O processo de transformação das representações sociais.....79  
3.5. Representação social identidade e alteridade.....81  
3.6. Uma dimensão relacional da análise das representações sociais.....87

**PARTE II: ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA DISCUSSÃO  
E RESULTADOS**

**CAPÍTULO 4. Representação Social da NATUREZA – um  
enfoque metodológico.....91**

- 4.1. Delimitação do campo de estudo.....91  
4.2. Modelo teórico e metodológico de análise.....92  
4.3. Os sujeitos pesquisados.....94  
4.3.1. Os moradores.....95  
4.3.2. Os veranistas.....97  
4.3.3. Os turistas.....98  
4.4. Instrumentos utilizados.....98  
4.4.1. A associação livre.....99  
4.4.2. As entrevistas.....103

**CAPÍTULO 5. Análise e Discussão dos Resultados.....108**

**FASE 1: NATUREZA: O Campo Comum das Representações**

**Sociais .....110**

5.1.1. A estrutura das representações sociais.....110

5.1.2. Os conteúdos das representações sociais da *NATUREZA*.....117

**FASE 2: NATUREZA: As Peculiaridades Grupais Frente à**

**Representação Social da .....124**

5.2.1. Oposições resultantes.....124

5.2.2. A estrutura das representações sociais dos diferentes grupos sociais.....126

5.2.2.1. O grupo dos moradores (A).....127

5.2.2.2. O grupo dos moradores (B).....130

5.2.2.3. O grupo dos veranistas.....135

5.2.2.4. O grupo dos turistas.....139

**FASE 3: NATUREZA: A Ancoragem das Representações Sociais .....145**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....156**

**RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....163**

**ANEXOS.....168**

Anexo 1 Fragmento de cartaz de lançamento do loteamento A Ver o Mar.....169

Anexo 2 Figura 2 – Projeção de palavras em plano fatorial como resultante da análise do conteúdo semântico.....170

Anexo 3 Tabela 10 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos pesquisados.....171

Anexo 4 Tabela 11– Palavras principais, por ordem decrescente de frequência.....172

Anexo 5 Tabela 14 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS dos moradores (A).....173

Anexo 6 Tabela 15 – Elementos principais mais relevantes da RS da *NATUREZA*

dos moradores (A).....	174
Anexo 7 Tabela 17 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B).....	175
Anexo 8 Tabela 18 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B).....	176
Anexo 9 Tabela 20 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos Veranistas.....	177
Anexo 10 Tabela 21 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos veranistas.....	178
Anexo 11 Tabela 23 – Os Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos Turistas.....	179
Anexo 12 Tabela 24 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos turistas.....	180

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização da APA de Guadalupe.....	24
Mapa 2 – Hidrografia da APA de Guadalupe.....	26
Mapa 3 – Uso e ocupação do solo da APA de Guadalupe.....	28

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Disposição dos dados a partir da análise de evocação.....	102
Quadro 2 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos Grupos pesquisados .....	111
Quadro 3 – Classes de palavras resultantes da análise do contexto semântico produzido pelos sujeitos, a partir do programa ALCESTE.....	118
Quadro 4 – Esquema síntese dos prováveis elementos centrais e periféricos das RS da <i>NATUREZA</i> dos grupos sociais pesquisados em Gamela e Guadalupe.....	146

## LISTA DE FIGURAS E CARTAZ

Figura 1 – Modelo de quadro para apresentação das classes resultantes da análise do programa ALCESTE.....	107
Figura 2 – Projeção das palavras em plano fatorial, a partir da concepção de <i>NATUREZA</i> . (Anexo 2).....	170
Cartaz 1 – Fragmento de cartaz de lançamento do loteamento A Ver o Mar.....	169

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da população na 1 <sup>a</sup> etapa de análise das representações sociais da <i>NATUREZA</i> (total dos sujeitos: 236).....	94
Tabela 2 – Distribuição dos moradores (A) por faixa etária.....	95
Tabela 3 – Distribuição dos moradores (A) por faixa escolar.....	96
Tabela 4 – Distribuição dos moradores (B) por faixa etária.....	96
Tabela 5 – Distribuição dos moradores (B) por faixa escolar.....	97
Tabela 6 – Distribuição dos veranistas por faixa etária.....	97
Tabela 7 – Distribuição dos veranistas por faixa escolar.....	97
Tabela 8 – Distribuição dos turistas por faixa etária.....	98
Tabela 9 – Distribuição dos turistas por faixa escolar.....	98
Tabela 10 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos Pesquisados. (Anexo 3).....	171
Tabela 11 – Palavras principais, por ordem decrescente de freqüência. (Anexo 4).....	172
Tabela 12 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos grupos pesquisados.....	114
Tabela 13 – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da <i>NATUREZA</i> dos grupos pesquisados.....	115
Tabela 14 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS dos moradores (A). (Anexo 5).....	173
Tabela 15 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (A). (Anexo 6).....	174
Tabela 16 – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da <i>NATUREZA</i> dos Moradores (A).....	128
Tabela 17 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B). (Anexo 7).....	175
Tabela 18 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B). (Anexo 8).....	176
Tabela 19 – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B).....	132

Tabela 20 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos veranistas. (Anexo 9).....	177
Tabela 21 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos veranistas. (Anexo 10).....	178
Tabela 22 – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da <i>NATUREZA</i> dos veranistas.....	137
Tabela 23 – Os Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos Turistas. (Anexo 11).....	179
Tabela 24 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos turistas. (Anexo 12).....	180
Tabela 25 – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da <i>NATUREZA</i> dos turistas.....	141

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Foto 1 – Estuário do Rio Formoso.....	25
Foto 2 – Praias de Gamela e Guadalupe.....	30
Foto 3 – Vila dos Pescadores de A Ver o Mar e casas de veraneio.....	31
Foto 4 – Pontal de Guadalupe.....	33
Foto 5 – Bancos de areia e piscinas naturais no Pontal de Guadalupe.....	33
Foto 6 – Casa antiga de morador.....	33
Foto 7 – Casa de veraneio no Pontal de Guadalupe.....	33
Foto 8 – Detalhe da falésia argilosa.....	34
Foto 9 – Falésia por sob remanescente de restinga de capoeira.....	34
Foto 10 – Detalhe falésia vulcânica.....	34
Foto 11 – Casas de veraneio por sobre a falésia.....	35
Foto 12 – Ilha de Santo Aleixo.....	35
Foto 13 – Praia da Ponta da Gamela e Praia de Guadalupe.....	36
Foto 14 – Casa colonial da Praia da Ponta da Gamela.....	37
Foto 15 – Barracas da beira mar, na Ponta da Gamela.....	37
Foto 16 – Áreas de salgado.....	38

Foto 17 – Escadas para acesso a praia, sobre a falésia.....	41
Foto 18 – Paredões de pedras sobre a falésia.....	41
Foto 19 – Antenas da infra-estrutura de comunicação.....	42
Foto 20 – Trecho do acesso viário.....	42
Foto 21 – Remanescente de restinga de capoeira.....	44
Foto 22 – Remanescente de mata de restinga.....	44
Foto 23 – Alagamento permanente de áreas da restinga.....	46
Foto 24 – Manguezal seco.....	46
Foto 25 – Área de exploração de areia, alagada.....	46
Foto 26 – Lixão da Barra de Sirinhaém.....	47
Foto 27 – Casa típica de moradores, da área interior, do sítio de Guadalupe.....	49
Foto 28 – Tirador de coco.....	50
Foto 29 – Vendedor de guaiamum.....	50
Foto 30 – Pesca estuarina.....	50
Foto 31 – Catação do aratu.....	51
Foto 32 – Vila dos Pescadores de A Ver o Mar.....	52
Foto 33 – Casa da Vila dos Pescadores de A Ver o Mar.....	52
Foto 34 – Moradores no trajeto ao trabalho.....	52
Foto 35 – Moradores em conversa matinal.....	52

---

## INTRODUÇÃO

Uma breve retomada na história das discussões, debates e eventos locais e internacionais, em torno do agravamento da problemática ambiental nas últimas três décadas, aponta para alguns paradigmas e princípios que devem nortear e permear as abordagens teóricas e práticas em educação e gestão ambiental. Entre estas referências está, justamente, a necessidade de integração e participação de todas as áreas de conhecimentos – inclusive do senso comum – e de todos os setores sociais, nas intervenções ambientais, do planejamento a execução.

Entre as dificuldades para uma gestão ambiental comprometida com a qualidade do ambiente, está a capacidade de implementar uma gestão participativa que integre todos os grupos sociais, que atuam em um determinado empreendimento, empresa, unidade de conservação, município, etc. Um dos desafios, nesse sentido, é traduzir e conhecer informações de uma área e de outra: técnica/técnica, técnica/popular e popular/técnica. É necessário transparência dos valores e interesses subjacentes a cada posição. É preciso evitar a manipulação por grupos dominantes, dos grupos historicamente mais desfavorecidos.

A preocupação deste trabalho é com o conhecimento do senso comum, sua dinâmica de produção e inserção social nas relações que vão definindo o ambiente.

Neste contexto de necessidade do conhecimento do senso comum dos diferentes grupos sociais que interagem em situações ambientais concretas e partindo-se do pressuposto de que na base da problemática ambiental está a relação homem/*NATUREZA*, sociedade humana/*NATUREZA*, supõe-se que o estudo das representações sociais da *NATUREZA*<sup>1</sup> apresenta-se como um fértil campo para a aquisição de conhecimento, interpretação e reflexão dos diferentes olhares, valores, interesses, posições e práticas que circulam entre os grupos sociais, acerca deste objeto e que se constituem na comunicação

---

<sup>1</sup> “... *NATUREZA* em um de seus sentidos mais restritos: apenas incluindo aquilo que deixando de lado o sobre-natural, designa o que não é humano.” (Passmore, 1995, p. 91).

---

---

com representações de outros objetos, em elementos definidores da dinâmica de relações e construções dos diferentes contextos ambientais.

A teoria da representação social<sup>2</sup> é apresentada na perspectiva da apreensão dos conteúdos de composição e dos processos de formação das representações e define, segundo Moscovici (1978, p. 174) uma instância no domínio do ser e outra no domínio do fazer. Para ele (1978, p. 77) uma representação é social na medida em que contribui para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais. Referências as quais Abric (1998, p. 28 e 29) faz eco, destacando a importância da função das representações sociais como um sistema de interpretação e intervenção no meio físico e social. Assim sendo, a teoria das representações sociais apresenta-se como um referencial teórico e instrumento de pesquisa para a educação e a gestão ambiental, na identificação dos conhecimentos e das práticas sociais que se articulam no espaço relacional, sociedade humana/*NATUREZA*, que constitui o cerne da problemática ambiental.

A partir desta orientação este trabalho busca analisar as atuais representações sociais da *NATUREZA*, de alguns dos diferentes grupos sociais<sup>3</sup> (setores, classes e grupos) que atuam nas áreas das praias de Gamela e Guadalupe<sup>4</sup>.

Esta abordagem visa compreender: os sistemas de significação socialmente construídos e compartilhados, dos grupos com atuação direta na área, acerca da *NATUREZA*; a presença de idéias e valores que marcam o desenvolvimento do pensamento ocidental nas atuais representações sociais da *NATUREZA* analisadas e a interface dessas representações com os comportamentos e práticas atuais na relação sociedade/*NATUREZA*. A perspectiva é de que essas informações abram espaço para a compreensão das interações que estão se estabelecendo, entre os grupos envolvidos, para a criação e recriação do ambiente local.

---

<sup>2</sup> “... representação social como um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças a qual os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação.” (Moscovici, 1978, p. 28).

<sup>3</sup> “A definição dos grupos provém de um feixe de pressupostos que confere peso diferencial a certo número de critérios. Ex: critérios socioeconômicos, critério profissionais”. Ele introduz também, elementos de controle, por exemplo: separar em grupos diferentes pecadores com escolaridade e sem escolaridade. (Moscovici, 1978, p. 74).

<sup>4</sup> Áreas de praia localizadas no município de Sirinhaém, litoral sul de Pernambuco

---

---

A área selecionada para a pesquisa é bem representativa para o foco de interesse desta proposta. Primeiro, pela diversidade de atores sociais que se organizam em vários grupos (moradores, veranistas e turistas). Segundo, porque, por um lado, é parte de um centro turístico, o CT - Guadalupe, foco da atual dinâmica de desenvolvimento econômico do Litoral Sul de Pernambuco, o turismo e, por outro, pertence, junto com as outras praias do centro turístico e outras áreas de seu entorno, a uma unidade de conservação da *NATUREZA* a Área de Proteção Ambiental de Guadalupe - APA de Guadalupe.

Essas duas condições são já suficientes para fazer emergir uma riqueza de imagens, idéias, valores, interesses e conflitos que permeiam as representações sociais da *NATUREZA*, desses atores sociais.

O processo de criação e implantação do CT - Guadalupe e da APA de Guadalupe é carente de estudos e informações sobre a dinâmica sócio-cultural dos setores e grupos sociais da área. Os estudos que existem são de categorização e identificação de atividades produtivas e manchas habitacionais (CPRH, 1998), configurando-se, portanto uma lacuna de conhecimento que inviabiliza qualquer trabalho de gestão e educação ambiental, uma vez que estas articulam em sua abordagem teórica e prática, uma ação mediadora de interesses e conflitos dos grupos que realizam essas atividades e ocupam esses espaços.

Na prática, observa-se que a participação e envolvimento desses atores sociais com os seus problemas ambientais estão diretamente relacionados às diferentes representações sociais que eles têm da *NATUREZA*. Um breve olhar histórico, mostra, no entanto, que apesar das diferenças que se estabelecem entre as representações sociais de diferentes grupos da sociedade em uma mesma época, elas são marcadas pela identidade de alguns valores e idéias (ideologias) que quase sempre são manipuladas em favor dos interesses dos setores dominantes. O estudo dessas representações da *NATUREZA* é um caminho escolhido para ampliação dos conhecimentos sobre a dinâmica sócio-ecológica local e deverá contribuir, em um primeiro momento, para uma reflexão crítica acerca das relações que se estabelecem nessa dinâmica. Em seguida, para a identificação de estratégias e táticas a serem utilizadas pelos segmentos locais, na defesa de seus direitos a uma melhor

---

---

qualidade de vida e para uma prática educativa e gestora mais comprometida com o equilíbrio do ambiente.

---

---

# **PARTE I: CONTEXTUALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

---

---

# CAPÍTULO 1.

## O Espaço Territorial e a Utilização da *NATUREZA* nas Praias de Gamela e Guadalupe

A forma de ocupação dos espaços territoriais e a utilização dos seus recursos naturais refletem as condições históricas, sociais, econômicas e culturais de uma sociedade, suas formas de organização e o seu modo de produção. Relações que não estão, em nenhum momento, dissociadas das identidades e das representações dos grupos que as constroem.

A história recente de ocupação das áreas de praias de Pernambuco mostra a velocidade com que esses espaços se transformam face à dinâmica dessas relações. São praias nativas, sítios de coqueiros e cajueiros que se transformam em praias de veraneio, pólos turísticos ou até centros urbanos.

Do ponto de vista da degradação da natureza, são muitas as referências à destruição dos ecossistemas do litoral pernambucano. Souto Maior e Leonardo Dantas (1993), em seu livro, *A Paisagem Pernambucana*, mostram, através de vários autores, as modificações ocorridas na paisagem do Estado. A Mata Atlântica e ecossistemas associados; (manguezais e restingas) foram, já bem cedo, no Brasil colônia, sendo substituídos.

Dessa forma, para a maioria da população, dos veranistas, dos turistas e dos empresários do turismo, que hoje utilizam as áreas de praias, a proteção da *NATUREZA* nessas áreas, está mais ligada, não à preservação da vegetação nativa, mas, à conservação das praias e do verde atual, os coqueirais, espécime exótica, já incorporada à paisagem e que predomina na maior parte das praias desabitadas do litoral nordestino.

Nas últimas décadas, o turismo vem sendo apresentado como uma alternativa econômica para o desenvolvimento de regiões do litoral do Brasil, compatível com a preservação da natureza. Essa atividade, apesar de vir com o discurso de turismo

---

---

ecológico, aparece, muitas vezes, associada à descaracterização e degradação da paisagem natural e do modo de vida das populações locais.

### **1.1. As praias de Gamela e Guadalupe em sua localização**

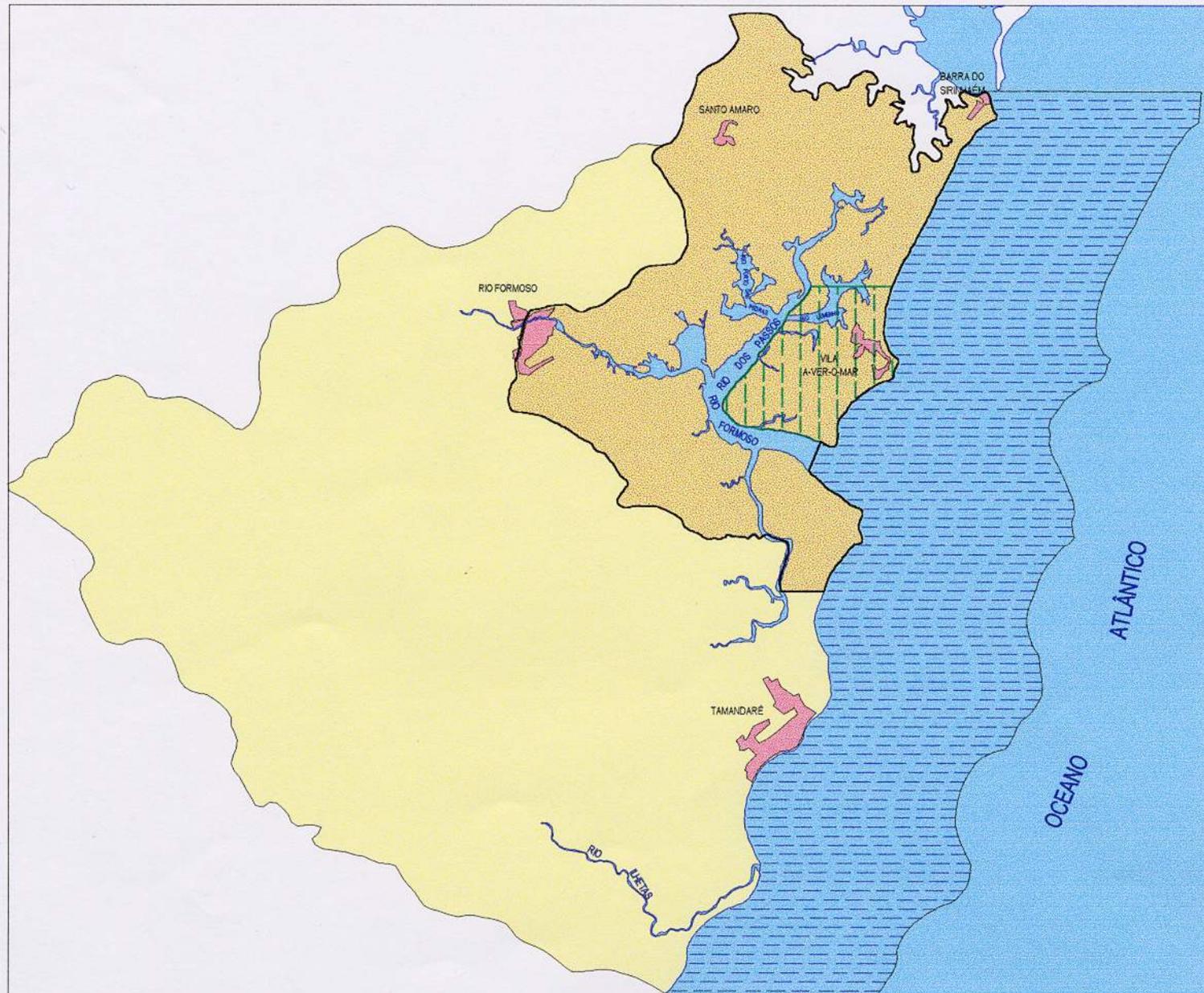
A área delimitada para a realização desta pesquisa, as praias de Gamela e Guadalupe, é foco de interesse nessa direção, através da implantação do Centro Turístico de Guadalupe – CT Guadalupe (Mapa 1). Ela possui mais do que coqueiros e praias a serem protegidas. Nela existe ainda exuberante manguezal, remanescente de Mata Atlântica, restinga e uma população nativa que convive, ao longo do tempo, com esse patrimônio sem degradá-lo. Ao contrário disso, a marca das modificações e da destruição da *NATUREZA* na região é resultado das atividades econômicas desenvolvidas historicamente, sem a devida preocupação com a degradação ambiental: extração do pau-brasil, cultura de cana de açúcar, cultura do coqueiro, especulação imobiliária.

Além de situarem-se em um centro turístico, as referidas praias estão também em uma APA, a Área de Proteção Ambiental de Guadalupe – APA de Guadalupe (Mapa 1), uma vez que esse centro está dentro dos limites desta.

Segundo a empresa de consultoria (MULTICONSULTORIA, 1990, p. 17), o projeto do CT Guadalupe foi concebido como um empreendimento estratégico para Pernambuco, com o objetivo de iniciar no Estado a implantação do Projeto Costa Dourada, o qual tem como principal finalidade promover a ordenação da orla marítima, visando associar exploração turística e manutenção dos ecossistemas costeiros, especialmente os manguezais.

A APA de Guadalupe criada em 1997 surge num contexto de preocupação com a proteção dos recursos naturais ainda preservados na região, depois da aprovação do projeto CT Guadalupe pelo órgão ambiental do Estado. A idéia foi bem acolhida pelo Governo estadual sob o argumento de sua importância, até mesmo para o desenvolvimento das atividades turísticas, pela necessidade de conservar a qualidade do ambiente natural, uma vez que este é o produto a ser oferecido aos turistas.

---



LEGENDA

- APA DE GUADALUPE
- CT/GUADALUPE
- APA MARINHA/OCEANO ATRÂNTICO
- ÁREA DE ESTUDO
- ÁREA URBANA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
MESTRADO EM GESTÃO E POLÍTICAS AMBIENTAIS

**DE QUE NATUREZA SE FALA**

REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Fonte: Mapa do Zoneamento/Diagnóstico Ambiental de Guadalupe (Carta Topográfica esc.: 1:25.000 - 1994/SUDENE - Mapas de assentamento Rurais - 1997 e 1998/INCR A Relatório de Imp. Amb. do CT - Guadalupe/MULT Consultoria Ltda - Plano Diretor do CT - Guadalupe - 1993 Plantas Urbanas - 1983/Pref. Municipais de Rio Formoso e Tamandaré-F. de sobredos-1998/CPRH/GERCO Cartas Imagem Geodato - 1998/PE/INCRAS - Trabalho de campo - 1998.)  
Produção e Edição Gráfica: Márcia P. Araújo/Marcos J. Lacerda, nov/1998

Mapa 01	Escala Aproximada: 1/150.000
Localização	

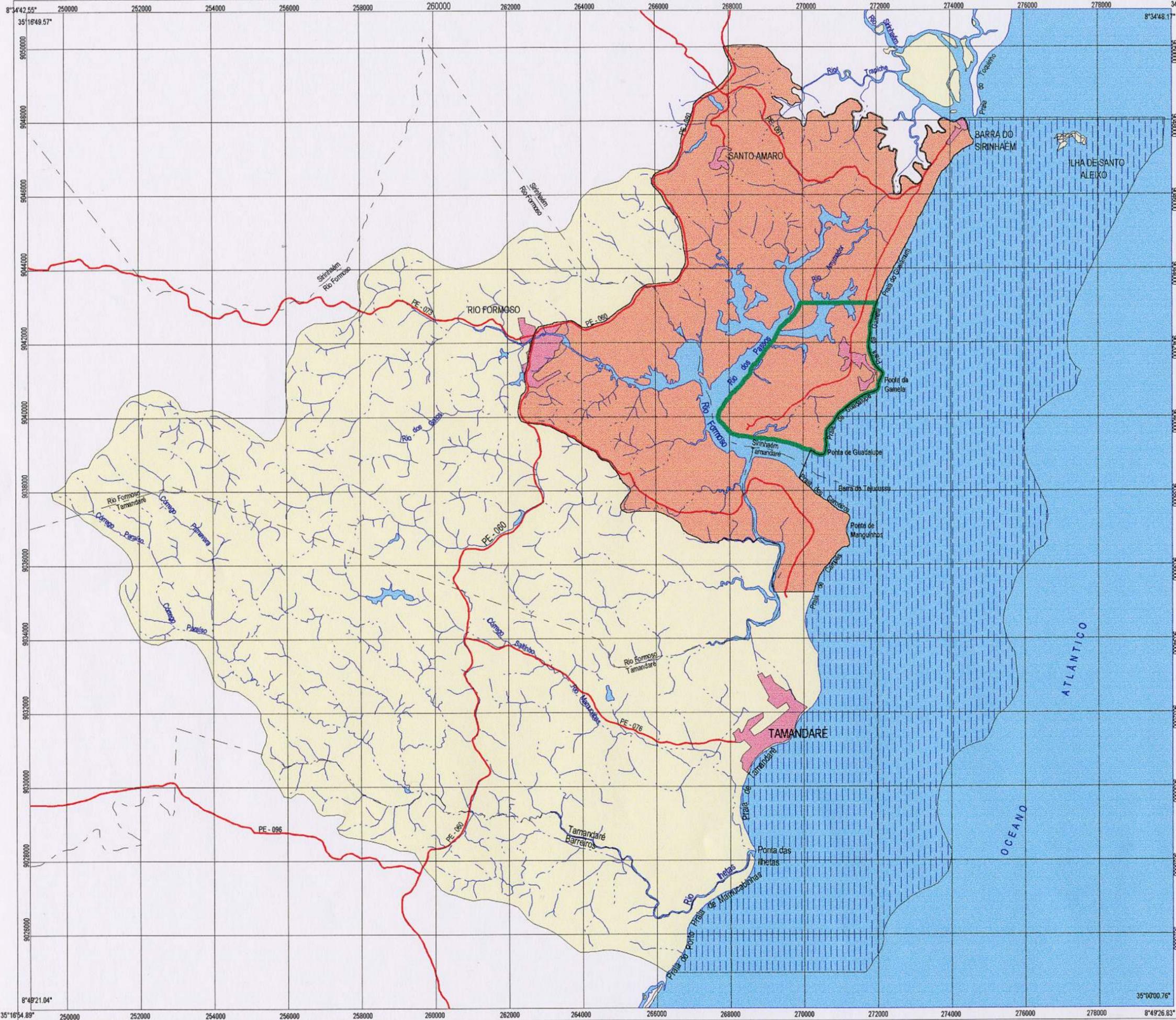
Data: OUT/2002 Edição Gráf.: M<sup>te</sup> Almerice B. Lima

Dessa forma, a área da APA deveria ter contornos muito mais amplos do que o Centro Turístico, o que garantiria o controle das atividades nas bacias hidrográficas de influência do estuário do Rio Formoso, que está no centro do CT- Guadalupe. A intenção é proteger, as praias do Centro Turístico, o estuário, os manguezais, os resquícios de Mata Atlântica e as praias que, mesmo fora dos limites do Centro, possuem características similares às já citadas e estão dentro da área de influência destas bacias.

A APA de Guadalupe, de acordo com informações do seu Diagnostico (CPRH, 1998, p. 6 e 7), está situada em parte de quatro municípios da Mata Úmida pernambucana: Sirinhaém, Rio Formoso, Tamandaré e Barreiros. Ela totaliza uma extensão de 44,255 hectares, sendo 31.591 hectares (71,4%) de área continental e 12.664 hectares (28,6%) de área marítima. No sentido Norte/Sul está localizada entre as bacias dos rios Sirinhaém e Una, tendo como limite Oeste o Oceano Atlântico. No litoral e ainda tomando como referencia esta direção a APA começa na praia da Barra de Sirinhaém no município de Sirinhaém, mesmo limite do centro turístico, e, tem em seu extremo Sul a praia do Porto em Barreiros. Seu contorno para o interior do continente segue os divisores de água entre as bacias dos rios Ilhetas e Una, dos formadores dos rios Ilhetas, União e Formoso e dos tributários do rio Sirinhaém, formando na direção oeste um vértice a uma distancia de 22 km do seu limite Leste lhes definindo um contorno ligeiramente triangular. Seus limites circunscrevem seis bacias hidrográficas, que tem seus principais rios desaguando nos estuários do Rio Formoso e Ilhetas (Foto 1) (Mapa 2).

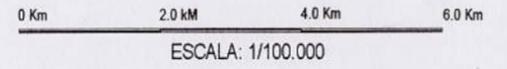


Foto 1: Estuário do Rio Formoso.



LEGENDA/CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

-  LIMITE DA APA/GUADALUPE
-  LIMITE DO CT/GUADALUPE
-  APA MARINHA
-  ÁREA URBANA
-  ÁREA DE ESTUDO
-  RIO/RIACHOS/AÇÜDES
-  LIMITE MUNICIPAL
-  RODOVIA PAVIMENTADA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
MESTRADO EM GESTÃO E POLÍTICAS AMBIENTAIS

DE QUE NATUREZA SE FALA  
REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Fontes:  
Mapa do Zoneamento/Diagnóstico Ambiental da área de Proteção Ambiental de Guadalupe  
(Carta Topográfica esc. 1:25.000 - 1994 /SUDENE- Mapas de Assentamentos Rurais - 1997 e 1998 /INCRA  
Relatório de Imp. Amb. do CT - Guadalupe /MULTI Consultoria Ltda.- Plano Diretor do CT - Guadalupe - 1993  
Plantas Urbanas - 1983 /Pref. Municipais de Rio Formoso e Tamandaré- Foto. de sobrevôos - 1998 /CPRH/GERCO,  
Cartas Imagem Gasoduto -1996 /PETROBRAS- Trabalho de campo - 1998.)  
Produção e Edição Gráfica: Mécia P. Araujo/Marcos J.Lecerda, nov/1998

Mapa 02  
HIDROGRAFIA

Escala Aproximada: 1/100.000

Data: OUT./2002

Edição Gráf.: Mª Almerice B. Lima

---

A APA de Guadalupe contém em seu território as duas grandes feições sócio-ambientais que caracterizam o Litoral Sul do Estado de Pernambuco: o domínio dos morros e colinas, tradicionalmente ocupados com cana-de-açúcar e a planície costeira que tem no coco, na pesca e no veraneio os principais elementos estruturadores de sua organização espacial. (CPRH, 1998, p. 7).

O diagnóstico já citado identifica além das atividades acima, outras que também são desenvolvidas na área (coco-da-bahia, cana-de-açúcar, policultura, pecuária bovina, avicultura, fruticultura, silvicultura, pesca estuarina, viveiros de camarão, extração mineral, lixões, atividades turísticas, veraneio). Elas estão devidamente definidas, caracterizadas e localizadas no “Diagnóstico Sócio-Ambiental da APA de Guadalupe” (CPRH, 1998). O Mapa 3 destaca as atividades da área da pesquisa.

De acordo com o diagnóstico (CPRH, 1998) citado acima, os últimos 20 anos apontam para um contexto de mudanças significativas na interação entre os vários elementos do espaço dessa Unidade de Conservação, modificando-os, mas, principalmente, recebendo os impactos da dinâmica desses elementos.

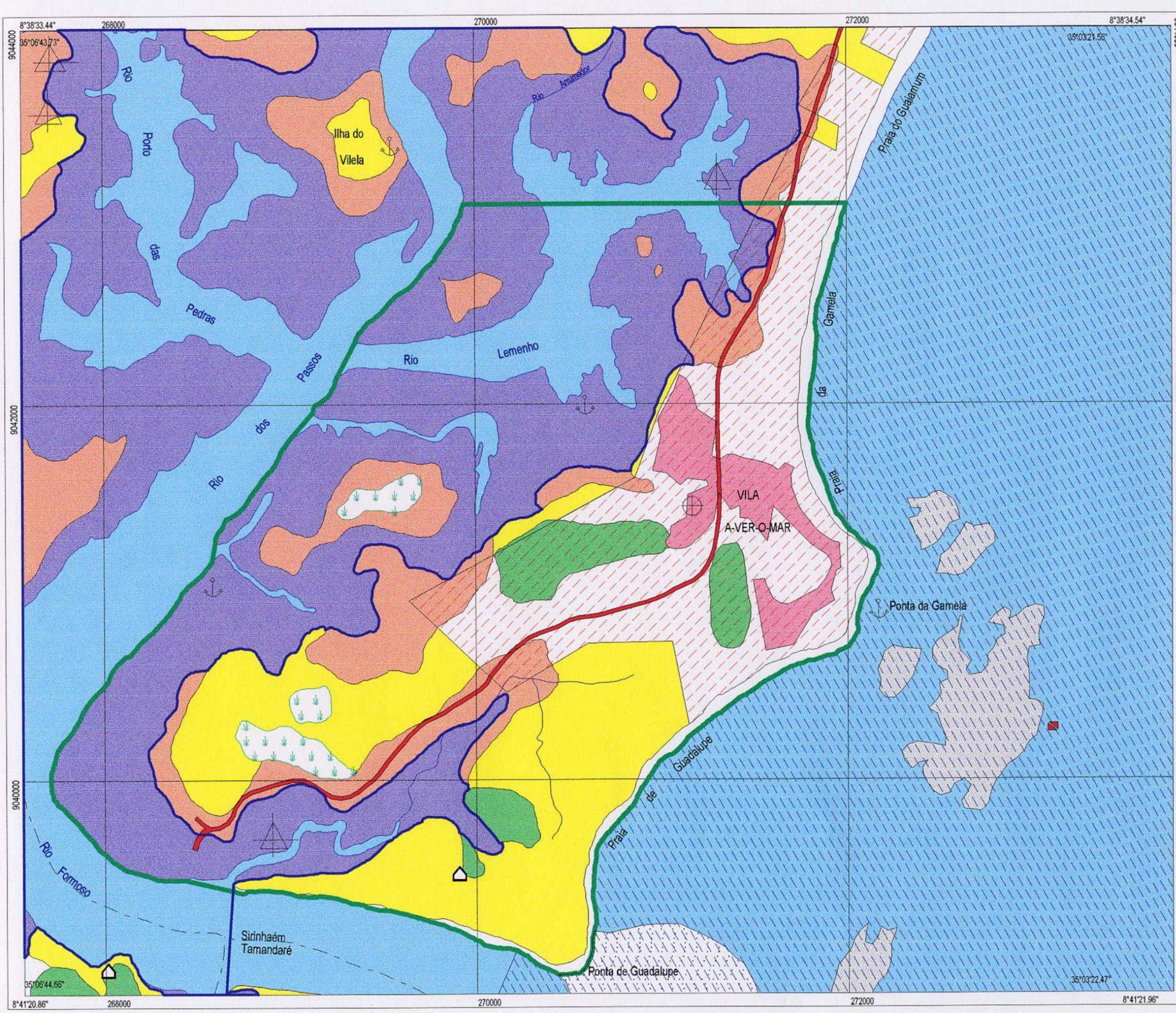
Entre os elementos destas mudanças está o PROÁLCOOL<sup>5</sup>, que nesse período impulsionou a expansão do cultivo da cana de açúcar com conseqüências danosas ao ambiente local. Entre as quais: diminuição das áreas de cultivo de subsistência; aumento do desmatamento dos remanescentes de Mata Atlântica da região; intensificação da utilização de agro-fertilizantes e agrotóxicos e aumento da produção de efluentes industriais (água de lavagem e resfriamento e o vinhoto), aumentando a poluição dos corpos d’água.

Além da sazonalidade do emprego, a desaceleração da agroindústria canavieira com a extinção do PROÁLCOOL, em seu reverso também apresentou conseqüências danosas ao ambiente com o aumento da pressão sobre os recursos pesqueiros dos estuários da APA de Guadalupe, que tem seu potencial reduzido a cada ano a partir deste fato e de outros que contribuem para o aumento da poluição e da degradação desses ecossistemas.

---

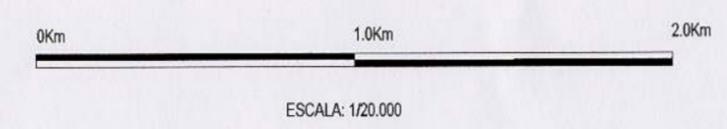
<sup>5</sup> Programa do Governo Federal criado pelo Decreto n. 76 593, de 14/11/75, visando reduzir a dependência do país em relação ao petróleo, com a produção do álcool carburante a partir da cana de açúcar. (CPRH, 1998, p. 8).

---



LEGENDA/CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

- |  |                       |  |                       |
|--|-----------------------|--|-----------------------|
|  | APA MARINHA           |  | PORTO/ANCORADOURO     |
|  | MANGUE                |  | VIVEIRO EM CONSTRUÇÃO |
|  | SALGADO               |  | PONTO DE MERGULHO     |
|  | COCO                  |  | COLÍSSOC./PESCADORES  |
|  | MATA REG. DO ESTADO   |  | SÍTIO HISTÓRICO       |
|  | ÁREA URB. EM EXPANSÃO |  | BANCO DE AREIA        |
|  | ÁREA URBANA           |  | RIO/RIACHO            |
|  | CAMPO DE RESTINGA     |  | RODOVIAS              |
|  | ÁREA DE TRABALHO      |  | LIMITE MUNICIPAL      |
|  | PESCA ESTUARINA       |  | CORAIS                |



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
MESTRADO EM GESTÃO E POLÍTICAS AMBIENTAIS

DE QUE NATUREZA SE FALA

REPRESENTAÇÃO SOCIAL COMO INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Fonte:  
Mapa do Zoneamento/Diagnóstico Ambiental da Área de Proteção Ambiental de Guadalupe  
(Carta Topográfica esc.1:25.000-1994/SUDENE-Mapas de Assentamentos Rurais - 1997 e 1998/INCRA  
Relatório de Imp.Amb. do CT-Guadalupe MULT Consultoria Ltda-Plano Diretor do CT-Guadalupe-1993  
Plantas Urbanas - 1983/Pref.Municipal de Rio Formoso e Tamandaré- F.de sobrevãos - 1998/CPRH/GERCO  
Cartas Imagem Gasoduto - 1996/PETROBRAS - Trabalho de Campo - 1998)  
Produção e Edição Gráfica: Mércia P Araújo, Marcos J. Lacerda, nov/1998

Mapa 03 Ocupação e Uso do Solo	Escala Aproximada: 1/20.000
Data: OUT/2002	Edição.Gráf.: MªAlmerice B.Lima

---

Outros impactos, no entanto, são advindos da dinâmica de expansão funcional e crescimento demográfico das cidades onde está situada a APA: aumento da população, com a formação de cinturões de pobreza; precariedade ou inexistência de infra-estrutura e serviços básicos urbanos como saneamento e aterro sanitário e extração de areia do leito dos rios para atender à especulação imobiliária. Ao lado da estagnação do comércio e serviços dos núcleos urbanos do Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré na relação com o município de Barreiros, enquanto centro supridor de produtos e serviços da região.

A construção da PE-060, principal eixo de acesso às praias do litoral Sul, impulsionou a ocupação da orla litorânea, através da consolidação do veraneio e do turismo no litoral Sul de Pernambuco.

Outra mudança deve-se à crise no setor sucroalcooleiro que motivou o fechamento de algumas unidades produtivas na região e vem influenciando uma tendência de redução da área ocupada com a cana de açúcar em consequência da venda/desapropriação de imóveis para assentamentos rurais e concentração nas mãos de grupos mais fortes. Além do que as unidades produtivas não vinculadas às usinas estão, cada vez mais, tendendo a uma diversificação de suas atividades, especialmente com a pecuária.

Finalmente o projeto turístico como concepção para o desenvolvimento estratégico do litoral nordestino, personalizado no projeto Costa Dourada para o litoral Sul de Pernambuco e Norte de Alagoas e que em Pernambuco concretizou-se com a aprovação do CT Guadalupe.

## **1.2. Uma paisagem perdida**

As Praias de Gamela e Guadalupe (Foto 2) estão situadas na margem esquerda do estuário do Rio Formoso. Esse é um espaço de intensa dinâmica sócio-cultural do CT Guadalupe.

Em um passado geológico recente a paisagem natural da área era marcada pela presença de dois ecossistemas associados que compõe a Mata Atlântica: a restinga e o

---

---

manguezal (Souto Maior e Dantas, 1993). Uma associação entre esta referência teórica, os depoimentos dos moradores idosos e proprietários da área; as condições geomorfológicas e os remanescentes de vegetação, ainda existentes; permite uma breve reconstituição da paisagem natural anterior à intensificação da cultura do coco. A mata de restinga, que beirava o mar, dominava, nessa época, o cenário, por sobre as áreas de areia branca, das falésias da praia de Guadalupe e por sobre a areia grossa e amarelada da praia da Gamela.



Foto 2: Localização das praias de Gamela e Guadalupe.

Um testemunho recente, presente no discurso de antigos moradores que revela uma paisagem de meados do século passado. Uma paisagem marcada pela presença da mata de restinga. Segundo esses moradores a essa época tanto em Gamela como em Guadalupe a restinga chagava a beira mar. Entre pés de mangabas, guajirús, araçás e outros, a espécie predominante era o caju. Mas, tinha muitas outras espécies a medida que se distanciavam da praia.

Esses moradores citaram, também por seus nomes vulgares, um pouco da riqueza da fauna aquática e terrestre da região: crustáceos e moluscos, peixes, animais terrestres e aves.

Nas outras áreas, adentrando no continente, a mata de restinga cercava uma lagoa de águas límpidas formada pelo afloramento do lençol freático, em uma área de depressão

---

---

ou cobria uma pequena elevação por trás da praia de Guadalupe. Essa vegetação estendia-se tanto no pontal de Guadalupe, limite sul da área pesquisada, como no interior da bacia sedimentar, seu limite oeste, até o manguezal. Nesse último limite a mata e o manguezal encontravam-se separados por um cenário que descortinava algumas áreas de salgados. Outras áreas mais baixas possuíam uma vegetação constituída por espécies herbáceas, testemunho de inundações periódicas dada à superficialidade do lençol freático.

Eram esses ecossistemas, em suas características peculiares, cenários de riqueza em fauna e flora, terrestre e aquática da área. Eles foram, porém, cedendo lugar a outros cenários frente às modificações que vieram com a dinâmica de desenvolvimento das relações que se estabeleciam entre a sociedade e a *NATUREZA* nas praias de Gamela e Guadalupe<sup>6</sup>.

Muito das características da vegetação nativa, no entanto, teimam em resistir aos impactos negativos advindos da dinâmica de ocupação da área. A área em foco compõe assim uma variedade de cenários em termo de praias, áreas verdes, manguezal e remanescente da restinga que ainda encantam os amantes das belezas cênicas naturais.

---

<sup>6</sup> A grande marca da ocupação do litoral pernambucano na história da colonização brasileira está no desmatamento inicial com a retirada do pau-brasil seguido da introdução da cana de açúcar e depois do coqueiro, além de outros produtos agropecuários para subsistência local. A série monografias municipais (CONDEPE, 1992, p. 18) trás informações desta área que remontam ao século XVII. Esta obra cita a expansão da produção do açúcar (segunda metade do séc. XVI) em função da ampliação do mercado consumidor europeu e a conseqüente invasão holandesa sofrida por Pernambuco em 1630 como elemento de grande influência nessa região do Rio Formoso, onde estão as praias de Gamela e Guadalupe. Uma época em que as áreas que não se prestavam à cana de açúcar vinham sendo ocupadas pela cultura do coco e outros produtos agrícolas, assim como, ampliava-se também o desenvolvimento das atividades pesqueiras. A afirmativa é de que estas atividades tenham se desenvolvido principalmente na primeira metade do séc. XVII a partir da intensificação do transporte fluvial com a instalação dos estaleiros nas imediações do estuário do Rio Formoso. Uma publicação mais antiga (Paes Barreto, 1955) faz referência a origem do município do Rio Formoso a partir da construção da capelinha de São Roque datada de 1612. Um marco do desenvolvimento da região inclusive para o município de Sirinhaém ao qual pertencem hoje as praias de Gamela e Guadalupe. No rumo do desenvolvimento da região, apesar de, como se vê, está em Rio Formoso o marco inicial, Sirinhaém segue como pioneira na evolução administrativa e jurídica. Em 26 de janeiro de 1759 Sirinhaém é elevada a categoria de cidade. A vila Formosa datada de 1627 é a origem comum aos municípios de Sirinhaém e Rio Formoso. Esse último, porém só teve sua emancipação política em 11 de junho de 1850. O desenvolvimento da região está na primeira metade do século XVII, período em que se supõe, foram também construídas as duas casas colônias que hoje, após algumas reformas, ainda dão o testemunho da época do início da ocupação da área das praias em foco. Uma época em que foi também introduzido o coqueiro e outras atividades agrícolas.

---

Além de uma população nativa que historicamente subsiste dos recursos naturais e do emprego, nas atividades produtivas desenvolvidas na área e no seu entorno.

### 1.3. O testemunho da atual paisagem

Uma rápida descrição, associada às fotografias que se seguem a cada texto, pode revelar um pouco da paisagem atual, a ser protegida nas praias de Gamela e Guadalupe. Um misto da *NATUREZA* marcada pelas várias intervenções humanas que foi desenhando ao longo do tempo o cenário que hoje descortina o mangue e o coqueiral; os remanescentes da restinga e o loteamento; a beira mar com suas falésias, coqueiros e casas de veraneio e a vila dos pescadores no limite mais oeste do loteamento (Foto 3).



Foto 3: Vila dos pescadores no canto inferior direito e casas do veraneio no canto superior Esquerdo.

No sentido Sul – Norte estão o pontal de Guadalupe, na margem esquerda do estuário do rio Formoso; a praia de Guadalupe, a ponta da Gamela e finalmente a praia da Gamela, que se limita com a praia do Guaiamum; numa sucessão de diferentes paisagens.

No pontal de Guadalupe o manguezal (Foto 4) vai descortinando um areal e compondo numa praia de areias grossas e águas límpidas, que na maré vazante se

transforma uma extensa área de piscinas naturais. (Foto 5). Na seqüência, a praia revela um coqueiral, e o contraste entre as casas pequenas e simples (Foto 6), antigas residências, ocupadas pelos caseiros da propriedade e as atuais casas de veraneio dos proprietários (Foto 7). Ai está também a marca da ocupação colonial revelada na antiga casa grande da propriedade.



Foto 4: Pontal de Guadalupe.



Foto 5: Piscinas naturais.



Foto 6: Casa de morador



Foto 7: Casa de veraneio

Essa costa vai ganhando altura e na praia de Guadalupe se transforma em falésia viva, com diferentes características. Inicialmente ela é uma falésia argilosa, formada por paredões coloridos, com argila de várias cores, como o quase branco, o verde água, o verde musgo e os tons amarelos, que variam do marfim ao telha, passando pelo quase vermelho. Nessa área a praia está coberta de seixos moles desses vários tons de cores (Foto 8).

Em seguida a falésia colorida se veste de branco por sob os remanescentes da restinga de capoeira (Foto 9). Na seqüência um contraste do negro da rocha vulcânica e o branco das areias da praia de Guadalupe (Foto 10). Nessa área começa a aparecer por sobre

a falésia, na beira mar, tanto o coqueiral, como, as casas de veraneio do loteamento *A Ver o Mar* (Foto 11), ao qual se retornará oportunamente.



Foto 9: Falésia por sob remanescente de restinga.



Foto 8: Detalhe falésia de argila colorida.



Foto 10: Detalhe falésia de pedra vulcânica.

Essa área das falésias se constitui em um mirante que descortina uma paisagem da praia e do mar, com vista para o pontal de Guadalupe e a praia dos Carneiros, no sentido Sul e a ilha de Santo Aleixo (Foto 12), no sentido Norte, muito visitada por veranistas e turistas por possuir uma praia protegida, com águas cristalinas.

Segundo o diagnóstico sócio-ambiental da APA de Guadalupe (CPRH, 1998, p. 21), esta é uma unidade geoambiental classificada como modelado colinoso, ocorrência

única na área. Trata-se de uma formação Cabo, de idade cretácea, constituída por arenitos, argilitos e silititos. Uma área que conta também com uma ocorrência vulcânica cretácea, da formação Ipojuca, representada pelo afloramento que forma as falésias em Guadalupe e pelo afloramento que forma a ilha de Santo Aleixo.



Foto 11: Casas de veraneio por sobre a falésia.



Foto 12: Ilha de Santo Aleixo tendo ao fundo a praia do Guaiamum.

Depois a falésia vai então se desfazendo, com o abaixamento da costa, num desenho que forma uma ponta a partir da qual a praia toma o contorno de uma Gamela, o que lhe valeu o nome de praia da Ponta da Gamela (Foto 13). Ali se encontra a casa grande

(Foto 14) e a capela de Nossa Senhora do Guadalupe, do antigo sítio da Gamela e trinta barracas (Foto 15), construídas com madeira e palha de coqueiro, onde alguns nativos comercializam bebidas e alimentos na época do veraneio. É uma das áreas mais nobres da praia, para banho de mar, nesse trecho um bloco de arrecifes coberto por uma rica fauna e flora, protege a praia dos impactos das ondas e oferece, em suas piscinas naturais, banhos em águas cristalinas na presença de pequenos e diversos peixes (Foto 13). Uma área onde a presença do coqueiro também é marcante, por ter sido a produção do coco a principal atividade produtiva da área, antes da implantação do referido loteamento.



Foto 13: Praia da Ponta da Gamela e Praia da Gamela.

A beira mar apresenta na paisagem seguinte uma praia de mar aberto, com ondas fortes, areia grossa de tom amarelado cavada pelo mar em forma de gamela a partir de sua ponta, o que lhe justifica o nome de praia da Gamela. Nesse trecho, um vasto coqueiral é o contorno de destaque, os lotes de beira mar ainda não foram comercializados, as poucas casas construídas então a uma distancia com cerca de cento a cinquenta metros da praia, uma faixa toda tomada pelos coqueiros, como símbolo da preservação da natureza, para o veranista, para o turista e para a maioria dos moradores, especialmente os mais jovens, que têm no coqueiro uma espécie nativa.



Foto 14: Casa colonial da praia da Gamela.



Foto 15: Barracas na beira mar, na Ponta da Gamela.

No limite Sul e Oeste dessas praias está o estuário do Rio Formoso com seu manguezal e áreas de salgados (Fotos 1, 2 e 16). Estas últimas, raras na atual paisagem litorânea pernambucana, vitimadas pelo aterro e drenagem para a cultura do coco e a implantação de loteamentos. A restinga ainda apresenta remanescentes em diferentes

---

estágios de recuperação que vai da capoeirinha a mata de restinga. Ecossistemas que apesar do discurso do turismo ecológico para a área apresentam-se sob forte pressão com as construções do loteamento e das obras de infra-estrutura do CT.



Foto 16: Área de Salgado.

#### **1.4. A dinâmica de evolução do espaço (paisagem, população e atividades produtivas)**

##### **1.4.1. Os sítios**

A área das praias de Gamela e Guadalupe, era até 1972 divididas em duas pequenas propriedades rurais. A propriedade de Gamela e a de Guadalupe que a partir da década de 50 passaram a ter na cultura do coco sua principal atividade produtiva, com grande expansão da área cultivada. Uma época em que o escoamento da produção ainda era feito por via fluvial para os barracões do Rio Formoso, centro de distribuição da área, em função da inexistência de vias terrestres.

---

---

Nesta época estas propriedades eram marcadas por uma herança colonial. Possuíam a casa grande em torno da qual 3 ou 4 hectares de coqueiros centenários davam o testemunho da presença desta cultura já em épocas remotas do Brasil colônia. Além de outras atividades agrícolas de caráter de subsistência, também herança desse passado.

As habitações existentes nos dois sítios eram a casa grande, uma capelinha e algumas casinhas dos moradores, na maioria das vezes de taipa. Estes moradores eram famílias que a procura de um local para morar, plantar uma roça, pescar, enfim sobreviver, vinham para essas propriedades. Segundo morador idoso (84 anos) da vila de pescadores de *A Ver o Mar*, eles chegavam e pediam morada, quase sempre concedida. Dessa forma eles se instalavam, plantavam, pescavam e trabalhavam nas atividades da propriedade. Era interesse desses proprietários conseguir trabalhadores, mão de obra barata, para as atividades desenvolvidas nas propriedades (caseiros, cozinheiras, arrumadeiras, babás, trabalhadores do sítio e até pescadores). Alguns foram inclusive trazidos pelos próprios proprietários com estes objetivos, cuidar, trabalhar na propriedade.

Pelos relatos dos antigos moradores em Gamela o número de famílias era pequeno, por muitos anos, a partir da década de 50 quando foi intensificada a cultura do coco, atividade básica do sítio, existiam apenas umas doze habitações de trabalhadores na propriedade, muito da mão de obra para as atividades do sítio de coqueiro vinha de fora, da Barra de Sirinhaém ou do povoado de Guadalupe. Esse último povoado, também segundo o já citado morador idoso, chegou a possuir um arruado de mais ou menos sessenta casas e a capela de Nossa Senhora de Guadalupe, também herança do período colonial, depois incendiada e destruída. O mesmo fim foi dado também ao arruado que resistiu até a década de 30 ou 40, quando da expulsão de seus moradores pelos proprietários, segundo o mesmo morador, apoiados pelas autoridades municipais constituídas.

As habitações com algumas pequenas reformas, como por exemplo, a construção de banheiros internos, mantiveram os padrões antigos, a casa grande, a capela e as casas dos moradores. Estas últimas de taipa apresentavam diferenças entre si. Umhas poucas eram mais bem acabadas e bem conservadas. Elas pertenciam aos trabalhadores fixos dos sítios, quando normalmente o casal exercia funções permanentes na casa grande ou em atividades do sítio. Eles tinham também, na agricultura e na pesca, atividades de subsistência, que

---

---

como os outros trabalhadores temporários que moravam no sítio costumavam cultivar sua roça e fazer sua pescaria para alimentar a família. Sem contar, com a fartura das frutas nas safras do verão e outono.

Em meados da década de 50 foi introduzida no sítio da Gamela a avicultura, pelos novos proprietários que adquiriram em 1952 a propriedade. Esta foi também uma pequena, mas nova marca imposta a paisagem. Foram construídos em alvenaria seis galpões para a criação de frango de corte. Essas construções ficavam a mais ou menos mil metros da casa grande, no sentido norte. A atividade não teve sucesso e os galpões foram transformados, cada um, em três habitações conjugadas que passaram a substituir as antigas moradias de taipa dos moradores do sítio. Suas antigas casas foram destruídas e eles passaram a habitar nas granjas, como ainda hoje denominam as casas que formavam três pequenos arruados com um total de dezoito casas<sup>7</sup> a uma distancia de mais ou menos cento e cinquenta metros do mar.

#### **1.4.2. O loteamento**

Mais uma vez a paisagem na praia da Gamela vai sendo redesenhada, agora, como na introdução do coqueiro, com um grande impacto. Em 1972, a propriedade de Gamela é vendida para implantação do loteamento *A Ver o Mar*, que tem a natureza, como apelo de marketing, conforme fragmento de cartaz em anexo, (Anexo 1). No final da década de 60 foi viabilizada ainda outra mudança estrutural, a construção do acesso viário que promoveu o re-direcionamento do armazenamento e distribuição da produção do coco. Antes da via rodoviária o escoamento desta produção, como na época colonial, era feito por via fluvial para o centro de armazenamento e distribuição do município do Rio Formoso, o qual entrou em declínio com o incremento destas atividades no próprio local de produção.

*A Ver o Mar* é um marco na destruição de referências da vivenciada e familiar paisagem. O mar dos poucos barcos e jangadas a velas, lembrança viva da ausência da grande quantidade de embarcações motorizadas, agora introduzidas pelos proprietários das novas residências de veraneio. A falésia que na sua luta com o mar parecia resistir intacta

---

<sup>7</sup> Além das casa dos galpões da granja, quatro das pequenas casas antigas foram mantidas, totalizando vinte e duas moradias, que substituíam as antigas. Esse foi um momento de alegria, pois os filhos já casados que moravam com os pais passaram a ter sua própria casa.

---

aos ataques do grande gigante, fora ocupada pelas residências de veraneio. Uma paisagem hoje muito degradada, tanto pelo avanço do mar, como pela construção de escadas para o acesso a praia (Foto 17) e muros de concreto para proteção das casas à beira mar (Foto 18). A figura do pescador no manguezal, no mar, nos arrecifes; regressando sempre carregado de ostra, de sururu, de aratu de caranguejo, de lagosta, de polvo e dos mais variados tipos de peixes é figura do passado. Uma fartura nas mesas de moradores e veranistas que relembram com saudade do tempo em que não era necessário pagar por essa riqueza.



Foto 17: Escadas sobre a falésia.



Foto 18: Paredões de pedra por sobre a falésia.

Os moradores destacam também pontos negativos nesse passado de fartura, para os mais carentes a fartura na alimentação era apenas dos frutos do mar e do mangue e das frutas na época do verão. Outros aspectos negativos destacados, do passado, foram a inexistência de transporte, de energia, de assistência à saúde e a precariedade da escolar, que oferecia apenas o curso primário (1º grau menor). Segundo eles, hoje a situação melhorou apesar da destruição da *NATUREZA*. Estes moradores estão se referindo a infraestrutura que aos poucos foi sendo introduzida, agora com mais agilidade frente a implantação do CT – Guadalupe. Neste contexto é destacado como avanço a chegada da energia (eletrodomésticos), da comunicação (radio, televisão, telefone), (Foto 19) da infraestrutura viária (Foto 20), do transporte coletivo; o acesso a outros níveis de escolaridade; a melhoria dos serviços de assistência a saúde e a limpeza urbana; o direito à casa própria, embora que agora distante do mar.



Foto 19: Antenas da infra-estrutura de comunicação.



Foto 20: Trecho do acesso viário.

No novo desenho do lugar as antigas residências dos moradores desapareceram. As novas residências, agora dos veranistas passam a compor o cenário da ponta e da praia da Gamela e de parte da praia de Guadalupe.

De acordo com relatos dos moradores, que à época, moravam nas granjas, à beira mar, ficou acordado verbalmente com os antigos proprietário que cada uma das famílias receberia um lote na parte mais interior do loteamento, desmembrada em cento e um lotes menores de 10 por 25m e denominada: Vila dos Pescadores do Loteamento *A Ver o Mar*. Um compromisso não assumido pelo novo dono da área. Os moradores foram então

---

pressionados a deixar suas antigas residências sem nenhuma indenização ou qualquer garantia. Nessa situação os que tinham melhores condições financeiras, compraram lotes na área citada, alguns inclusive se associando na compra de um único lote onde construíam duas casas.

Para essa vila de pescadores de *A Ver o Mar* vieram, além dos moradores das Granjas da beira mar em Gamela, alguns ex-moradores do sítio de Guadalupe.

Ainda hoje, três famílias das que deixaram as Granjas em Gamela, moram de favor na vila dos pescadores, sendo constantemente pressionados a desocuparem as casas em que residem. Essas casas (18) foram construídas pelo proprietário do loteamento, para venda. Dessas casas, oito, ainda não foram comercializadas e se encontram fechadas, sendo atualmente oferecidas para aluguel no veraneio, como alternativa ao insucesso das vendas.

A Vila dos Pescadores de *A Ver o Mar* encontra-se hoje construída em sessenta por cento de seus lotes. O número dos lotes comercializados não coincide com o de residências construídas, em função do freqüente re-desmembramento já mencionado, entre as casas principais e as puxadas de quintal existe aproximadamente umas cento e vinte moradias. Atualmente os lotes ainda não comercializados são procurados por moradores dos municípios do entorno, tanto para residência, como para o veraneio.

O loteamento *A Ver o Mar* não teve o desenvolvimento esperado, de um total de mil setecentos e doze lotes, foram comercializados, segundo o corretor de plantão (entrevista em Janeiro de 2002), cerca de 15%, quando o empreendimento foi embargado por medida judicial, por conta de irregulares ocorridas em financiamento concedido pela Caixa Econômica Federal ao proprietário do loteamento para a construção e venda de unidades habitacionais.

A venda dos lotes ficou então impedida, condição que favoreceu o não adensamento do loteamento, no tempo esperado, fazendo com que ainda hoje, depois de 30 anos do empreendimento, a paisagem se apresente pouco adensada (Foto 3) com grandes extensões de áreas verdes, ocupadas por coqueiral (Foto 2 e 13) ou remanescente da restinga (Foto 21 e 22).

---



Foto 21: Remanescente da restinga de capoeira

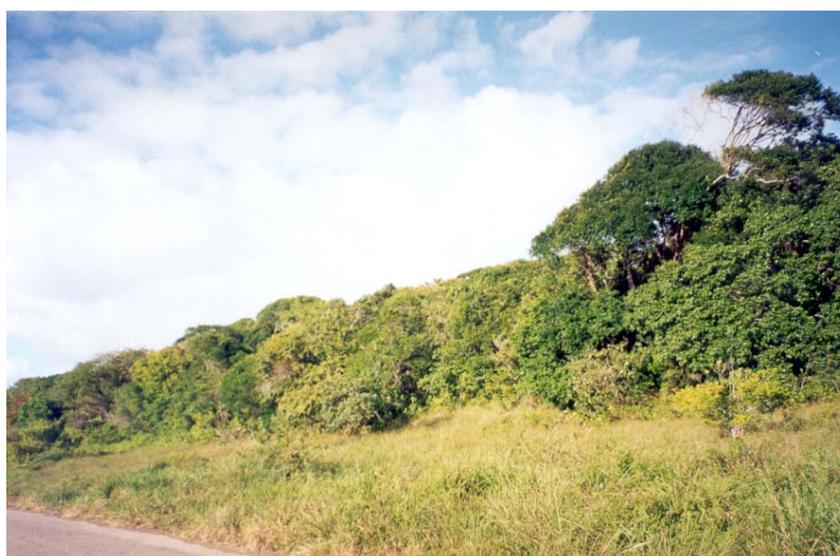


Foto 22: Remanescente da mata de restinga por trás da praia de Guadalupe.

Esta pendência jurídica foi resolvida no fim do ano 2001 e os lotes voltaram a ser negociados desde então, o que parece apontar para mais um cenário de substituição das áreas de restinga e do coqueiral existente. Na retomada da venda dos lotes, apenas alguns estão sendo negociados. Esses lotes compõem com as unidades já construídas blocos de casas de veraneio alternadas por áreas livres, que segundo o corretor de plantão, estão destinadas a valorização para futuras negociações com empresários do turismo. E assim, um novo desenho da paisagem se avizinha, outra vez na direção da degradação, tanto da vegetação introduzida, como do que de *NATUREZA* ainda resiste às intervenções humanas.

---

### 1.4.3. O turismo

Os novos contornos que estão sendo definidos para a paisagem, nas praias de Gamela e Guadalupe, vêm em nome da implantação de um pólo turístico na área. O Centro Turístico de Guadalupe está sendo implantado no coração do estuário do rio Formoso, ele situa-se nas duas praias da margem direita do rio Formoso, as praias de Campas e a praia dos Carneiros e em sua margem esquerda nas praias de Gamela e Guadalupe, essas últimas demarcadas como área para o presente estudo.

O discurso é na direção da preservação da natureza, do cuidado com o manguezal, com o mar, com a praia, com o arrecife e até com o coqueiral. A proposta, porém, apresenta contradições nesta direção. No Plano Diretor do CT Guadalupe (Pernambuco, 1994), estão propostas, já executadas e em execução algumas obras como: pontes e piers sobre o manguezal; um traçado viário que corta áreas de restinga, de manguezal e de salgados. Apesar do apoio dos moradores ao projeto pela expectativa na geração de emprego, eles fazem ecos aos veranistas nos questionamentos e denúncias sobre a ausência de proteção à natureza. As cobranças são na direção da forma como as obras estão sendo realizadas, com a destruição de tantas áreas nativas e com a inexistência dos devidos cuidados com as compensações exigidas e com a preservação do que não está sendo destruído.

Um exemplo neste sentido está nas áreas de restinga e de manguezal destruídas com a construção da infra-estrutura viária. Em áreas de restinga, o alagamento permanente pela ausência de drenagem adequada para escoamento das águas da chuva, que se acumulam com facilidade em função da superficialidade do lençol freático. Eram áreas que alagavam por curtos períodos durante o inverno sendo logo drenada pelos maceiós, também aterrados com o loteamento. Agora se tornaram lagos permanentes contribuindo para a proliferação de mosquitos, entre eles, os transmissores da filariose e da dengue (Foto 23).

---



Foto 23: Alagamento da restinga.



Foto 24: Manguezal seco.

Em trechos do manguezal ocorreu o inverso, o fluxo das águas da maré foi bloqueado pela construção da rodovia provocando a morte da vegetação (Foto 24). Outras áreas utilizadas para retirada de área para a construção da rodovia, encontram-se também alagadas permanentemente (Foto 25). Quanto às compensações, às denúncias são de que não estão sendo realizadas adequadamente, algumas mudas foram plantadas em áreas de salgado, impróprias à germinação e desenvolvimento do manguezal. Existe também denúncias quanto ao tratamento dado ao lixo que se acumula a céu aberto em lixão próximo ao manguezal na Barra de Sirinhaém (Foto 26).



Foto 25: Área de exploração de areia alagada



Foto 26: Lixão da Barra de Sirinhaém.

Os questionamentos e preocupações para o futuro giram em torno das áreas de implantação dos hotéis. Pelo Plano Diretor (Pernambuco, 1994), do Centro Turístico, as áreas reservadas para os hotéis e pousadas vão ainda impactar as áreas de restinga e do coqueiral.

Assim, tanto a vegetação nativa como o coqueiral, devem ainda, sofrer destruição com a implantação do restante da infraestrutura, com a construção dos hotéis e pousadas e com a retomada das vendas dos lotes em *A Ver o Mar*, Além da pressão sobre os recursos naturais, em função do aumento da população local e flutuante.

#### **1.4.4. A carcinicultura**

A carcinicultura é também uma atividade que vai redesenhando a paisagem. Já está em operação na praia do Guaiamum, vizinha à praia da Gamela, na ilha estuarina Lemenha, um projeto com área total de 129 ha e produção anual de 225t. Esta é uma atividade que vem sendo ampliado na região. A área em foco deve sofrer com os impactos não apenas desse empreendimento, mas também com outros que estão sendo implantados

---

em todo o estuário do Rio Formoso, área esta, que tem influência direta no estuário em Gamela e Guadalupe. O incremento desta atividade é marcante na área, e está representada pelo projeto, em processo de instalação, de uma unidade da Netuno para produção de alevinos.

### **1.5. Os grupos sociais**

Atualmente, atuam nesse espaço, uma população permanente e uma população flutuante. Os moradores (população nativa e permanente), os veranistas, os turistas, visitantes ocasionais (população flutuante), sendo os primeiros destes últimos considerados moradores de segunda residência, pela frequência e tipo de relação que estabelecem com o local. Outros atores sociais também circulam entre essa população flutuante, são técnicos municipais e estaduais da área ambiental, turismo, planejamento, desenvolvimento, saúde e educação, assim como, alguns trabalhadores, da construção civil, das obras da infraestrutura urbana. Os veranistas e turistas ocupam, atualmente, a faixa mais nobre da área, do ponto de vista econômico, os lotes a beira-mar e os próximos a beira-mar.

Os veranistas, moradores de segunda residência, em linhas gerais freqüentam a praia durante todo o ano, nas férias, fins de semana e feriados, principalmente, os por eles chamados feriadões. Quanto ao local de origem, 82% são da Região Metropolitana do Recife, os outros vêm dos municípios da região.

Os turistas que estão vindo pelas primeiras vezes, ou que vêm muito esporadicamente, não mantêm qualquer vínculo de propriedade com o local. Eles têm poucas opções de hospedagem (uma única pousada e dois privês ou residência de amigos e de aluguel). Em sua origem está ainda a marca de um turismo localizado, 88% dos entrevistados são da Região Metropolitana do Recife, 11% dos municípios da região e menos de 1% são de outros estados brasileiros (duas famílias). Não foi entrevistado nenhum turista estrangeiro.

As atividades do turismo e do veraneio realizadas estão associadas ao descanso; à contemplação; às caminhadas; aos banhos de mar e de sol, tanto na praia, como nas

---

piscinas naturais dos arrecifes e do pontal de Guadalupe; aos passeios de barco; à pescaria e às barracas da beira mar, mais freqüentada por turistas e visitantes com procedência das comunidades vizinhas (Santo Amaro, Barra e sede de Sirinhaém e outros municípios vizinhos). Os veranistas têm restrições as barracas na beira mar, eles consideram um fator de degradação da natureza, apontando-as como responsáveis pela sujeira da praia. Os freqüentadores mais jovens reclamam da inexistência de atividades noturnas e de badalações.

Os moradores que, até o final da década de 60 e início da de 70, ocupavam esse espaço, hoje, ocupado pelos turistas e veranistas, estão agora na Vila dos Pescadores de *A Ver o Mar*, nos lotes mais distantes da beira-mar, como se referem quando tratam de suas antigas moradias e local de nascimento da maior parte deles. Algumas famílias ainda ocupam rústicas construções de taipas na área do sítio de Guadalupe (Foto 27).

Os sujeitos integrantes desse grupo social têm uma estreita relação com o ritmo da *NATUREZA* e com as atividades produtivas até então desenvolvidas na área. Os mais

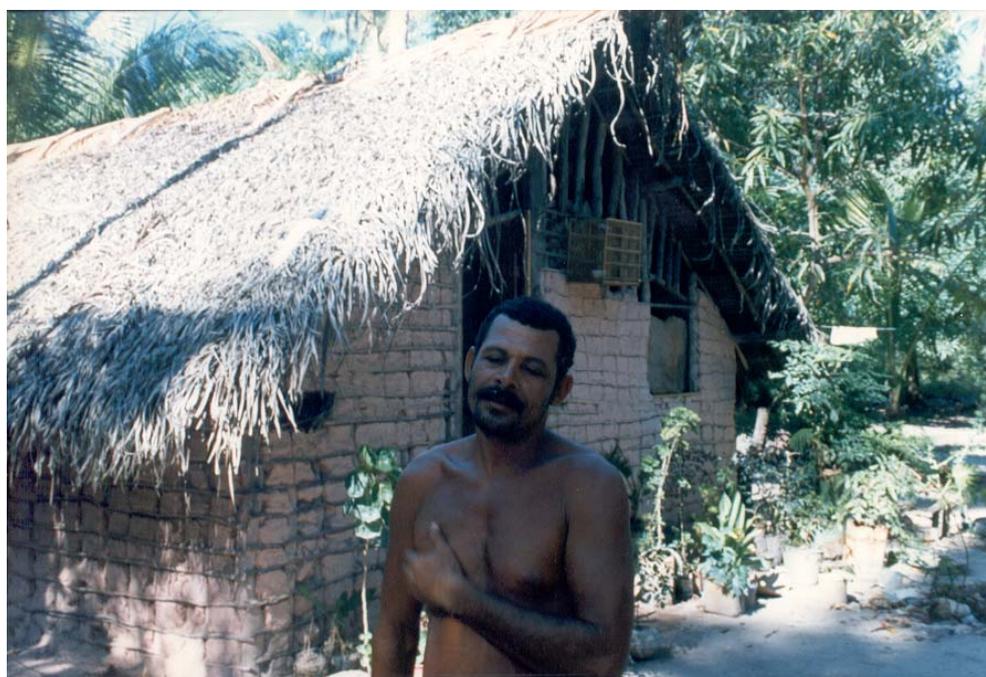


Foto 27: Casa típica dos moradores dos sítios, ao fundo detalhe da gaiola.

idosos, trabalharam na derrubada da mata de restinga para expansão da cultura do coco; exerceram as mais diversas atividades na casa grande; colheram e venderam os frutos

nativos nos centros urbanos da vizinhança e pescaram durante toda a sua existência. Alguns para complementar a renda familiar e para alimentar suas famílias, outros tinham na pesca sua principal atividade produtiva. Entre eles havia também os que cultivavam uma pequena roça de subsistência e os que procuravam ter uma ou duas vacas para produção de leite. Com o decorrer dos anos e o desenvolvimento das outras atividades já referidas, as ocupações passaram também a apresentar outras opções. Hoje os adultos em idade produtiva estão: na cultura do coco, como tiradores (Foto 28), descascadores, tratorista ou em alguns poucos cargos de gerentes ou coordenadores desta atividade; na pesca, tanto de mar aberto como estuarina e a pesca do guaiamum (Foto 29) em áreas de restinga, sendo que na penúltima existe uma presença muito forte da mulher e a marca do trabalho coletivo (Foto 30); a catação dos frutos do mangue é também uma atividade coletiva (Foto 31); no veraneio eles são caseiros, jardineiros, cocheiros, marinheiros, faxineiras e cozinheiras e já ensaiam algumas atividades comerciais ligadas ao turismo e ao veraneio, tais como barraqueiros e vendedores ambulantes dos pescados e das frutas locais. Dos antigos duas ou três famílias ainda mantêm uma pequena roça.



Foto 28: Tirador de coco.



Foto 29: Vendedor de guaiamum.



Foto 30: Pesca estuarina.

A vida em Gamela e Guadalupe, afora no período de veraneio e dos fins de semanas mais agitados com a presença dos veranistas e seu diferente estilo de vida, tem

ainda um estilo simples e um ritmo muito lento. Na vila dos pescadores (Foto 32) 98% das casas são de alvenaria (Foto 33), poucos veículos motorizados circulam na rotina do dia-a-dia do lugar, um coletivo faz quatro viagens diárias com destino a Barra e ao Centro de Sirinhaém. O transporte mais comum na vila dos pescadores é a bicicleta (Foto 34). Faz parte do hábito diário a conversa matinal, e matutina a sombra das árvores e na frente das residências (Foto 35). As crianças brincam na rua, o som dos pássaros anuncia o alvorecer e o cheiro das flores e das plantas da restinga ainda invade as residências no frescor das madrugadas.

A partir desse contexto, qualquer ação educativa e gestora comprometida com o equilíbrio ambiental, na área, deveria ter, em suas bases, o compromisso com o conhecimento científico da *NATUREZA* na interação com os outros elementos que compõem o ambiente, incluindo as diferenças dos pensar e agir desses grupos sociais que interagem no contexto em foco.



Foto 31: Catação do aratu



Foto 32: Vila dos Pescadores

Um trabalho nessa direção exige, no entanto, o conhecimento desses diferentes pensar e agir sobre a *NATUREZA* na articulação com os outros elementos da dinâmica ambiental. – um conhecimento escasso pela inexistência de estudos na área, sobre a temática em foco. O estudo das representações sociais da *NATUREZA* nas praias de Gamela e Guadalupe se insere nesse contexto como um caminho para identificar: Quais os elementos que permeiam as representações sociais da *NATUREZA* dos grupos que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe? Como são construídas estas representações ?



Foto 35: Casa da Vila dos Pescadores



Foto 34: Moradores no trajeto do trabalho



Foto 33: Moradores em conversa matinal

---

Que elementos estão na base da construção dessas representações? Quais as relações existentes entre elas e as práticas desses grupos sobre a *NATUREZA* local? Como esse conhecimento pode contribuir para a ação de educação e gestão ambiental da área em foco?

---

---

## CAPÍTULO 2.

### **Representação Social da NATUREZA: uma abordagem interdisciplinar**

A própria natureza psicossocial da espécie humana vem exigindo uma abordagem mais integrada, marcando com muitos estudos e pesquisa, a dimensão crítica da psicossociologia, área do conhecimento científico, que se consolida a cada dia, como uma necessidade para fundamentar a compreensão e as intervenções no social.

A Teoria das Representações Sociais surge nesse contexto como perspectiva alternativa à psicologia social individualista desenvolvida nos anos 60. Ela inaugura uma nova era no campo da psicossociologia a partir de Moscovici com sua obra *La Psychanalyse, son image et son public* publicada em sua primeira edição em 1961.

O estudo das representações sociais é um espaço de conhecimento que se constitui, por si só, em uma área temática interdisciplinar. Primeiro, por localizar-se na relação entre o indivíduo e o social, na fronteira de duas áreas do conhecimento científico, a psicologia e a sociologia. Segundo, por necessitar do aporte da história como elemento de apoio às análises sociológicas. Por fim, pela necessidade do apoio de outras áreas do conhecimento científico, que se impõem em função do objeto da representação social em foco.

A evolução da relação homem/NATUREZA, sociedade/NATUREZA, também desenha vários contornos que extrapola o campo de uma única ciência. Ela traz hoje o construto ambiente como expressão máxima da complexidade dessa inter-relação entre a sociedade humana e a NATUREZA. Um objeto que não pode ser apropriado no campo de uma única ciência e que está exigindo um esforço de integração entre diversas áreas do conhecimento científico, numa perspectiva de composição das ciências ambientais que estão se articulando interdisciplinarmente a partir dessa ótica da complexidade, em função dos construtos, definidos como objeto de estudo.

---

---

Neste caso, quando o objeto em foco é a representação social da *NATUREZA* e em um espaço geográfico específico, esse campo interdisciplinar é ampliado. A direção é de uma abordagem integrada entre, a história, a ecologia, a geografia, e as já citadas áreas do conhecimento científico, as quais serviram de aporte teórico para a realização deste estudo.

### **2.1. A *NATUREZA* como objeto do conhecimento humano**

O objeto *NATUREZA* tem sido tema já palmilhado por muitos ao longo da história do pensamento e com certeza, a seu modo, deve ter permeado também a vida dos nossos ancestrais na pré-história. A *NATUREZA* se constituiu então, ao longo do desenvolvimento da sociedade humana, como objeto para o senso comum, para a religião, para a filosofia, para a ciência. Estas áreas do conhecimento, no entanto, não estão de modo algum isoladas em suas construções teóricas. Elas se articulam historicamente definindo e redefinindo a *NATUREZA* enquanto objetos do conhecer humano.

A identificação das diferentes concepções do objeto *NATUREZA* no decorrer da história da sociedade humana é importante para a análise dos conteúdos e dos processos de formação das representações sociais da *NATUREZA*. O conhecimento destas concepções auxilia na compreensão da dinâmica de relações entre os elementos (ideologia, ciência, filosofia, religião), que permeiam o senso comum das classes, setores ou grupos sociais humanos.

Como ilustração e tomando apenas o mundo ocidental como referência, muitas são as concepções e representações da *NATUREZA* que marcaram a construção do conhecer nestes dois mil últimos anos da história da civilização humana. Autores como Thomas (1989) e Passmore (1995), fazendo diferentes focos nesse período revelam a força do mundo greco-cristão nas concepções da *NATUREZA* que vêm permeando o desenvolvimento do pensamento oficial, na filosofia, na tecnologia e na ciência.

Para a história da filosofia e da ciência ela foi *physis* para os gregos (Sócrates, Platão, Aristóteles), na antiguidade ocidental, enigma devassado e sem presente, oculto sob a luz, segredos que eles se propunham desvendar. Para eles *physis* é geração, processo

---

---

gênico, pela gênese se pode saber o que é hoje, a origem, a constituição, os elementos que geram ou geraram o cosmos: terra, ar, fogo, água. Do legado desses filósofos duas posições vão fazer eco no desenvolvimento do pensamento ocidental. A posição de Aristóteles (apud. Thomas, 1989, p. 21), de que na *NATUREZA* nada fora feito em vão e tudo tem um propósito. Aristóteles hierarquizou os seres do universo numa escala crescente que se inicia com os minerais até o homem, como único ser, depois de Deus, superior a todas as outras criaturas. A outra referência está no legado platônico (apud. Passmore, 1995, p. 95), compreensão identificada com a descoberta de relações funcionais que são expressas de forma matemática, entre processos e objetos concebidos de forma abstrata.

Para os estóicos na Antiguidade tardia também predominava a mesma opinião: a *NATUREZA* existia unicamente para servir aos interesses humanos. Posição que se reflete de acordo com Brown (1991) na sociedade, nas cidades gregas e romanas, ao destacarem como superiores os comportamentos que aproximam os homens da razão e os distanciam da animalidade. Uma posição que de acordo com Thomas (1989), também era defendida na Inglaterra na idade moderna, quando o predomínio era da *NATUREZA*, do mundo criado para o bem do homem.

As referências teológicas priorizadas do cristianismo no desenvolvimento do pensamento ocidental foram também da *NATUREZA*, do mundo criado para o domínio do homem. Tanto Agostinho, no final da antiguidade como Thomas de Aquino na Idade Média, defenderam também esta posição. Thomas (1989, p. 22 e 44), ao analisar na idade moderna a relação da sociedade humana com a *NATUREZA*, diz que “a moral, a religião, a educação erudita, a ‘civildade’ e o refinamento tinham o objetivo de elevar o homem acima dos animais”. Os teólogos da época chegam a uma síntese razoavelmente aceita: O jardim do Éden era um jardim preparado para o homem, no qual Deus consentiu a Adão o domínio de todas as coisas vivas, concessão perdida com o pecado original, mas depois restaurada após o dilúvio quando Deus devolveu ao homem a autoridade sobre a criação. O mundo ocidental vai então se desenvolvendo destacando do legado greco-cristão a interpretação da *NATUREZA* e dos processos naturais como inferiores à humanidade.

A modernidade ocidental, no percurso da ciência vai também priorizando esta ótica, os principais expoentes intelectuais da época continuam privilegiando a interpretação da

---

---

*NATUREZA* como feita para o bem do homem. Para Bacon (apud. Thomas, 1989, p. 32), o fim da ciência era devolver ao homem o domínio da *NATUREZA* perdido em parte com o pecado original. Descartes (apud. Thomas, 1989, p. 39), instala o corte definitivo entre *NATUREZA* e homem. Para ele, o homem é o único da *NATUREZA* que combina ao mesmo tempo matéria e intelecto. Com esta posição ele separa o homem da *NATUREZA*, justificando o domínio ilimitado deste sobre esta, posição que bem se expressa de acordo com Passmore (1995, p. 95), com o paradigma da substância material da *NATUREZA* enquanto um pedaço de cera, símbolo tradicional da maleabilidade.

Por um caminho diferente deste, Hegel e depois Marx (apud. Passmore, 1995, p. 96), seguem também por esta tradição da *NATUREZA* como algo inferior ao humano. No caso, a *NATUREZA* em si é negatividade, a sua existência se dá apenas através da consciência humana e para o domínio humano, para ser humanizada. É a humanização da *NATUREZA*, um percurso, que se pode dizer, oposto ao cartesianismo quando naturaliza o homem para destacar-lhe a alma, a consciência.

Estudiosos como Thomas (1989) e Passmore (1995), que hoje analisam a influência dessas idéias na relação do homem com a *NATUREZA* mostram que apesar delas terem incentivado a visão da “...*NATUREZA* não enquanto algo a ser respeitado, mas sim como algo a ser utilizado.” (Passmore, 1995, p. 93), elas não eram as únicas posições frente à *NATUREZA* presentes nas bases do pensamento ocidental. Elas foram, então, apenas, as idéias destacadas e privilegiadas no rumo do desenvolvimento e no contexto de interesses de cada época.

Assim, outras idéias, que não tiveram o destaque das já citadas, também permearam o desenvolvimento do mundo ocidental. O próprio legado judaico-criação, segundo Thomas (1989, p. 29) é ambíguo, nele também estaria a posição do homem com o dever agir responsabilmente com a criação divina. Para Passmore (1975, p. 92), na maior parte da história da humanidade a *NATUREZA* foi pensada, também, como tendo intenções, como capaz de ser influenciada pelos seres humanos por orações e súplicas através da própria mediação humana. Alguns autores segundo Passmore (1995), também criticaram o dualismo cartesiano e a visão platônica de relações funcionais e matemáticas. Idéias,

---

---

porém, totalmente rejeitadas pelo mundo ocidental greco-cristão em sua ciência (teologia, filosofia, tecnologia, ciência) oficial.

Hoje quando se reflete a relação homem/*NATUREZA*, sociedade/*NATUREZA*, em função do estado de degradação desta e até dos riscos de extinção da vida no planeta, alguns estudos ecológicos retomam esta posição da *NATUREZA* como sagrada atribuindo-lhe à capacidade de se rebelar e de responder as agressões humanas. Uma posição duramente criticada por Passmore (1995, p. 98), quando diz que:

“Temos de fato *razão* em condenar como superstição a crença de que as árvores, os rios, os vulcões podem ser persuadidos por argumentos; temos *razão* em acreditar que achamos na ciência meios de entender seu comportamento; temos *razão* em considerar que a civilização é importante, até na sua tentativa de transformar a *NATUREZA*. Não é abandonando a nossa tradição de racionalidade – duramente conquistada – que nos salvaremos.”

Como alternativa para os extremos na apropriação do objeto *NATUREZA* – o antropocentrismo com a sua ótica da *NATUREZA* para o bem do homem e totalmente passível de dominação, numa perspectiva de estranheza radical, ou de outro lado, à visão dos vários tipos de naturalismo que buscam reduzir a estranheza naturalizando o homem, ou ainda, a ótica mística da *NATUREZA* que lhe atribui vontade e intenções, buscando a redução da estranheza pela sua intelectualização – este autor (Passmore, 1995, p. 98), defende: a impossibilidade de se eliminar completamente a estranheza da *NATUREZA*, a necessidade de se conviver com o fato de que os processos naturais são totalmente indiferentes a nossa existência e a necessidade de se conviver também com a sua complexidade, o que inviabiliza qualquer projeto de sua dominação ou transformação completa. Nesta direção apresenta algumas condições gerais, que para ele, qualquer filosofia da *NATUREZA* deve apresentar na abordagem dos temas científicos da questão ambiental:

- A *NATUREZA* tem seus próprios cursos, indiferentes aos interesses humanos.
  - Uma intervenção na *NATUREZA* é uma intervenção em um sistema de interações que coloca em andamento novas interações e por isso o risco do aparecimento de conseqüências não previstas.
-

- Importância limitada de leis gerais, do modelo da física para o entendimento de alguns processos naturais e a exigência de leis específicas para compreensão destes.

Esta é então uma filosofia da *NATUREZA* que segundo Passmore (1995, p. 99 e 102), em nenhum termo é nova, suas bases vem sendo lançadas pelos diversos naturalismos e ela deve está ligada a uma concepção mais realista da *NATUREZA*, que considere os homens, as plantas, os animais, a biosfera como uma comunidade no sentido ecológico da palavra, mas não, no sentido de uma rede de concessões mútuas que geram direitos e deveres. Que os homens não sejam sem igual é com certeza um ponto satisfatório de partida, mas que eles sejam, em algum sentido, sem igual é ponto fundamental, para elaboração de uma nova filosofia da *NATUREZA*, que é neste momento a tarefa que se apresenta como a mais importante proposta à filosofia.

Neste estudo, a *NATUREZA* será então tomada como objeto para o estudo das representações sociais nas praias de Gamela e Guadalupe, “... em um de seus sentidos mais restritos: apenas incluindo aquilo que deixando de lado o sobre-natural, designa o que não é humano”. (Passmore, 1995, p.91).

## **2.2. A *NATUREZA* pelo foco de áreas específicas do conhecimento científico**

Como já visto no primeiro tópico deste capítulo, a história pode revelar a evolução das mais diversas formas de apropriação pela sociedade humana do objeto *NATUREZA*. Esta área do conhecimento se constitui em um espaço através do qual a sociedade pode apropriar-se das relações e dos acontecimentos que se desenvolvem historicamente, incluindo a dinâmica de modificação em torno do objeto *NATUREZA* por outras áreas específicas do conhecimento científico. Ela vai então estar para o estudo das representações sociais da *NATUREZA* como apoio às análises geográficas, ecológicas, sociológicas; como caminho para situar historicamente os elementos de evolução conceituais, filosóficos e ideológicos que marcam as construções e reconstruções das representações e das construções teóricas da *NATUREZA* nestas e em outras áreas do conhecer.

---

Na busca da apreensão dos construtos científicos da *NATUREZA*, que permeiam estas outras áreas do conhecimento definidas como importantes para este foco interdisciplinar, algumas concepções vão se delineando atrelada as concepções filosóficas historicamente desenvolvidas e já abordadas anteriormente.

A ecologia e a biologia, como áreas do conhecimento científico que têm na *NATUREZA* o objeto do seu conhecimento, têm importância fundamental no estudo das representações sociais deste objeto. O desenvolvimento conceitual destas ciências em torno do objeto *NATUREZA* vai revelar mudanças que se constituem como elementos presentes em diferentes concepções e contornos do universo simbólico do senso comum, acerca da *NATUREZA*.

Assim, apenas como ilustração, quando a *NATUREZA* é tomada como objeto para a ecologia em seus primórdios, ela se apresenta completamente dissociada do ser humano, distante, como o estudo da casa dos seres vivos, sem a presença do homem e tem nos ecossistemas naturais a sua principal unidade de estudo. Uma concepção de *NATUREZA*, talvez, apoiada pela posição de *NATUREZA* enquanto negatividade, proposta por Hegel, para o qual a *NATUREZA* existe apenas através da consciência humana. Em outro extremo poderia estar a *NATUREZA* para a biologia, também em seus primórdios, com o naturalismo darwiniano. Uma posição que através da teoria da evolução das espécies naturaliza o homem, como um ser vivo qualquer, um animal, que como os outros, trilhou o seu próprio caminho evolutivo, como parte integrante da *NATUREZA*. Uma posição mais orientada pelo dualismo cartesiano que naturaliza o homem para lhe destacar a consciência.

Numa abordagem contemporânea a ecologia se coloca em outro extremo. A posição da *NATUREZA* enquanto objeto para o conhecimento humano é abandonada por um objeto que inclui neste objeto a humanidade. São novos contornos de relações que através da ecologia humana define um objeto mais integrado de conhecimento, incluindo na casa dos seres vivos o homo sapiens e evoluindo para o conceito de ecossistemas urbanos, cuja referencia básica é o conceito de ambiente na busca de uma concepção integrada da sociedade com a *NATUREZA*.

---

---

Nesta ótica o ambiente é entendido, então, enquanto uma totalidade que integra todos os elementos que compõem o universo em permanente dinâmica e inter-relação, como afirma Seara (apud. Alves e Silva, 1998, p.10):

“O ambiente é a totalidade do planeta e os elementos que o compõem: físicos, químicos e biológicos, tanto os naturais quanto os artificiais, tanto os orgânicos quanto os inorgânicos, nos distintos níveis de sua evolução, até o homem e suas formas de organização na sociedade, onde a rede de inter-relações existentes entre estes elementos se encontra em estreita dependência e influência recíprocas”.

Na geografia a proposta para uma abordagem integrada entre a *NATUREZA* e a sociedade toma a paisagem como pista nesta direção, em especial para o encaminhamento de situações problemas. A referência está na paisagem enquanto categoria analítica, que segundo Gomes (1994, p. 148) assume o seguinte recorte:

“ ‘Paisagem’ que significam recortes do espaço, reservatórios de utopias: estética, políticas, intelectuais e didáticas. E mais ainda: paisagem, enquanto conceito que envolve oposição e nostalgia, que se pronuncia no mundo urbano-industrial contra o mundo urbano-industrial, contra a sua ‘fragmentação’ e ‘alienação’.

Estes elementos vão influenciando o imaginário social na construção do senso comum e até de concepções filosóficas que levam a diferentes formas de conceber o objeto *NATUREZA* e em conseqüência a diferentes posições quanto à relação homem, sociedade humana/*NATUREZA*. Inclusive Moscovici (1977), na sua busca de justificar a naturalidade da condição social da espécie humana, atribui a sociedade humana e as suas construções sociais à categoria de *NATUREZA*, quando elimina por completo a estranheza desta a partir da naturalização da humanidade. Esta ótica traz a sociedade humana e o homem para a *NATUREZA* em sua condição singular de evolução, com sua diferenciada capacidade de refletir sobre si mesmo, sobre o seu futuro, e de, portanto, na sua singularidade, fazer história, influenciando nos rumos de sua existência e no desenvolvimento da sociedade. Uma posição arriscada, que pode estar abrindo espaço para a negação desta singularidade na relação com a diferenciada condição de outras espécies animais. É claro que, como coloca Passmore (1995), uma singularidade caracterizada por uma estranheza contida a partir dos limites impostos pela *NATUREZA* à sociedade humana, em função da condição

---

---

natural da espécie humana, enquanto constituindo com os outros elementos naturais uma comunidade ecológica.

Como se vê a *NATUREZA* enquanto objeto de conhecimento para a sociedade humana é preñe de informações imagens e sentidos que se articulam no espaço e no tempo numa dinâmica de se fazer e refazer a partir de focos diversos que extrapola uma única área do conhecer e uma única concepção filosófica e científica. A própria história da sociedade humana, a partir de suas várias áreas de conhecimento, vai então, definindo e redefinindo a *NATUREZA* como objeto de conhecimento. São conhecimentos científicos que, segundo Moscovici, quando faz referência à psicanálise (1978), na medida de sua importância para a vida social, passam a ser reconstruídos também como conhecimento do senso comum, no universo de significados dos grupos sociais, integrando-se às suas conversações cotidianas, definindo e redefinindo as condutas, os costumes e as práticas desses indivíduos e grupos em sociedade. Um fenômeno cada dia mais efervescente e dinâmico em torno do objeto *NATUREZA* na medida da agudização da problemática ambiental e de sua repercussão na qualidade de vida dos indivíduos, das comunidades, dos grupos sociais, promovendo a permanente construção e reconstrução de diferentes formas de pensar este objeto e de fazer a relação sociedade/*NATUREZA*, no contexto dessa problemática.

---

---

## **CAPÍTULO 3.**

### **A Teoria das Representações Sociais – Uma aproximação com o senso comum**

Ao se definir como elemento central desta proposta de pesquisa o estudo de “representações sociais” emergiu a necessidade de uma maior aproximação dos referenciais teóricos envolvidos no estudo científico desse objeto. Esses referenciais foram à base para a metodologia de pesquisa utilizada e exposta no próximo capítulo.

Esta aproximação aborda a posição de alguns autores sobre representação social, começando com Moscovici, que, como já colocado, iniciou a partir de 1961, o desenvolvimento de uma série de pesquisas e estudos nessa área. A pesquisa que introduziu o conceito de representação social focava a psicanálise como objeto para a população francesa, a partir da análise de grupos sociais definidos. O trabalho focou o percurso de transformação da psicanálise, enquanto conhecimento científico, ao conhecimento do senso comum, enquanto representação social, como uma necessidade e ao mesmo tempo, uma exigência das pessoas para a compreensão e construção de sua realidade e para sua inserção no social. Para Moscovici (1978, p. 28):

“... representação social é um ‘corpus’ organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação.”

Assim, representação social seria as informações, idéias, imagens e valores que os indivíduos constroem coletivamente e que lhes permitem interpretar, reinterpretar e agir no e com o grupo social em que vivem. Elas são o acordo coletivo, do grupo em torno de um objeto, que articula o que chega de novo com o velho já conhecido e significativo, funcionando como referência para a construção das novas significações e re-significações.

---

---

O olhar de Moscovici ia, no entanto, além da constituição de um campo de estudo. Em 1976 (Moscovici, 1978, p.14), ele colocava que o desafio posto não era apenas o de conseguir uma melhor compreensão da generalidade das representações sociais e do seu papel na comunicação e na gênese dos comportamentos sociais. Ele confessava, naquele momento, que sua ambição era maior, era a de reorientar o campo da psicologia social a partir do fenômeno da representação social, redefinindo seus problemas e seus conceitos. Nessa direção abria dois focos principais de questionamentos. Um primeiro, em que condenava a tradição americana behaviorista dominante como obstáculo a esse projeto, em função de seu foco no indivíduo, no pequeno grupo e nas relações não-formais. Como segundo questionamento e obstáculo referia-se a tradição positivista, apontando para sua rigidez quanto à importância dada a necessidade da verificação experimental de fenômenos diretamente observáveis.

De fato ele parece ter concretizado suas intenções, pois, possibilitou com a abordagem das representações sociais o surgimento de um fértil campo de pesquisa e debates teóricos, com uma visão mais integrada da relação indivíduo-social na construção da realidade e na redefinição do campo da psicologia social.

Alves-Mazzotti (1994, p. 61) fazendo um foco neste ponto, coloca que a obra de Moscovici realmente constituiu um novo paradigma para a psicologia social, lançando as bases conceituais e metodológicas a partir das quais se desenvolveram muitas pesquisas e discussões que vem alimentando o aprofundamento desse campo de debate. Para esta autora esse espaço aberto ao estudo das representações sociais parece ter sido influenciado pelo “prestígio alcançado pelas teorias construtivistas, pelas abordagens qualitativas e, mais recentemente, pelo crescente interesse no papel do simbólico para a orientação das condutas humana” (Alves-Mazzotti, 1994, p. 61).

Finalmente, para Moscovici (1978, p. 50 e 51), uma representação social é então uma preparação para ação, não apenas enquanto guia de comportamento, mas, sobretudo, na medida em que reconstitui os elementos do meio onde ocorreu o comportamento. Elas determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas. Não são consideradas apenas como “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas

---

---

como “teorias”, “ciências coletivas” *sui generis*, destinadas à interpretação e elaboração do real. Elas têm um estilo de discurso próprio, sistemas que têm lógica e linguagem particulares, uma estrutura de implicações que está assentada em valores e em conceitos.

Com a teoria das representações sociais Moscovici buscava um movimento em dois sentidos: afastar-se da visão psicologista ou individualista da psicologia social, voltando-se para o seu extremo oposto, a tradição sociológica, com Durkheim e seu conceito de representação coletiva. Para essa abordagem uma explicação psicológica dos fatos sociais era erro grosseiro. Este autor procura a partir de sua abordagem dar conta de uma classe muito genérica de fenômenos como: a ciência, os mitos, e à ideologia. Segundo Alves-Mazzotti (1994, p. 62), Durkheim não teria tido a preocupação de explicar os processos que dariam origem a essa pluralidade de modos de organização do pensamento. Além de ser uma noção estática, não adequada ao estudo das sociedades contemporâneas, pela multiplicidade de seus sistemas e pela rapidez na circulação das representações.

O foco da teoria das representações sociais é por um espaço de integração. Nesse movimento, Moscovici (1978) estabelece as diferenças entre os objetos da representação coletiva de Durkheim, o mito, a ideologia, a ciência, diferenciando-os do novo conceito e, apesar de estar buscando um distanciamento da abordagem psicologista, mantém um vínculo com aspectos psicológicos ao atribuir as representações sociais conteúdos como imagem, opinião, atitude. Ele (2000, p. 8 e 11), propõe uma relação dualista que vê os fenômenos psicológicos do ponto de vista social e cultural (pensamento - linguagem). O espaço é de encontro de inter-relação entre o indivíduo e o social. As informações, os objetos estão impregnados de interações sociais. Eles não são passivamente absorvidos pelo indivíduo, eles são reconstruídos. Um movimento que segundo Moscovici (1978, p. 26) possibilita a constituição do sujeito ao recriar a realidade exterior que não se diferencia da realidade interior, marca das interações sociais que se aproveitam da linguagem para aprisionar os objetos em suas metáforas, com o objetivo de projetá-los em seu verdadeiro espaço que é o mundo dos símbolos. Para Guareschi e Jovchelovitch (2000, p. 19), não existe uma redução, nem ao mundo individual, nem ao mundo social, é um espaço relacional. O sujeito ao se construir, no coletivo, a partir da realidade do mundo, constrói também o mundo.

---

---

Os indivíduos são então, ativos, sujeitos que pensam e produzem socialmente representações adequadas à solução dos seus problemas na construção e reconstrução da realidade social.

O interesse central da teoria das representações sociais é desta forma a realidade cotidiana, o conhecimento do senso comum que explica, “orienta” e “justifica” o comportamento, “as práticas sociais”, criando e recriando a realidade social no curso das comunicações de uma sociedade dinâmica a partir da construção, reconstrução e destruição dessas representações sociais.

A abordagem aqui é do construto teórico de representação social enquanto conhecimento popular, conhecimento do senso comum, o que, segundo Moscovici (2000 p.10):

“... não significa que as conversações, os saberes populares ou o senso comum devam ser considerados à parte, ou que se aceite que somente eles expressem as representações sociais. Estas podem ser encontradas, sob outras formas, nas ciências, nas ideologias e em outras circunstâncias”.

As representações sociais são estudadas por Moscovici não apenas como produto, na articulação de seus conteúdos, mas também como processo, no percurso de suas construções. Enquanto produto, ele propõe apreender seu conteúdo e significado: a "atitude" com relação ao objeto, as "informações" de que o sujeito dispõe sobre ele e o "campo de representação" ou "imagem", isto é, o "conteúdo" concreto e estruturado de elementos referentes ao objeto.

Com relação aos processos de formação das representações sociais Moscovici (1978), identifica dois: a objetivação e a ancoragem. Na objetivação um conceito, uma idéia é transformada em algo concreto, real, em um objeto comum às pessoas do grupo; é dada a uma imagem uma contrapartida material; o objeto é naturalizado. Alves-Mazzotti (1997, p. 17), reescrevendo este autor, diz que é feita nesse processo uma seleção das informações que circulam sobre o objeto, numa tentativa de acoplar a palavra à coisa. Segundo Moscovici (1978, p.111), nesse movimento, opera-se a ruptura entre as normas técnicas da linguagem e o léxico corrente, o que era símbolo apresenta-se como signo. É

---

---

natural que se procure fazer corresponder uma realidade. Aí se dá a passagem dos elementos da linguagem científica para a linguagem comum, que obedece a outras convenções. Essa organização obedece a condicionantes culturais, sobretudo, de critérios valorativos, proporcionando uma imagem coerente e facilmente expressável do objeto da representação e é denominado "núcleo ou esquema figurativo".

Desta vez, citando Jodelet, Alves-Mazzotti (1997, p. 17), relata que muitos estudos têm demonstrado a generalidade da naturalização em contextos sociais reais. A estabilidade e materialidade do núcleo figurativo lhe conferem o estatuto de referente e de instrumento para orientar percepções e julgamentos sobre a realidade. Este fato, segundo esta autora, tem implicações para a intervenção social, neste caso, tem implicações também, para a ação em educação ambiental. Isto porque o núcleo figurativo é a parte mais sólida e estável da representação e dele depende o significado desta. Assim, qualquer ação que pretenda rever uma representação social terá que ser dirigida ao seu núcleo figurativo. Aqui, abre-se o espaço para o estudo das representações sociais da NATUREZA como um caminho, um instrumento, um espaço de conhecimento crítico para a ação da educação e da gestão ambiental.

O outro processo descrito por Moscovici (1978), é a "amarração" ou "ancoragem". Ela corresponde à transformação do objeto social em instrumento para a ação. A objetivação estaria no "domínio do ser e a ancoragem no domínio do fazer". Dessa forma, o primeiro processo mostra como os elementos representativos se integram à realidade social, enquanto que o segundo, permitiria compreender de que modo estes elementos contribuem para modelar as relações e como as exprimem.

Para Alves-Mazzotti (1997, p.17), ancorar é a integração cognitiva do objeto representado ao sistema de pensamento pré-existente e às transformações que, em consequência, ocorrem num e noutro. Ela diz que segundo Moscovici, ancorar é classificar e rotular, é um processo de familiarização e seleção com base em protótipos estocados em nossa memória. Dessa forma, a objetivação é a construção de elementos cognitivos a partir da intervenção de condicionantes, sociais enquanto que a ancoragem seria a intervenção social a partir da significação e utilização que lhes são conferidos. Isso mostra que os dois processos objetivação e ancoragem se referem à "formação" e à "utilização" da

---

---

representação social, evidenciando a influência dos fatores sociais na elaboração psicológica da representação e sua influência na conduta social de indivíduos e grupos.

Com base nesse referencial, o estudo das representações sociais da *NATUREZA*, dos grupos a serem pesquisados, pode possibilitar então, não apenas o conhecimento dos conteúdos que compõem as representações desses grupos, mas, vai também desvelar, os processos de suas construções, como elas se organizam, as idéias e valores que estão na base de sua sustentação e as atitudes e ações que motivam e sugerem.

### **3.1. Aspectos psicológicos e sociológicos das representações sociais**

#### **3.1.1. Dos aspectos psicológicos**

Moscovici (1978), aborda então o estudo das representações sociais na interface da dimensão psicológica e sociológica. De acordo com Alves-Mazzotti (1994), ele trabalha as representações sociais na perspectiva dos aspectos de natureza psicológica e sociológica. No campo dos aspectos psicológicos ele redefine as noções de opinião, atitude e imagem em sua relação com a noção de representação e a relação entre representação, percepção e formação de conceito.

Moscovici (1978, p. 48), critica a posição clássica da psicologia social quanto aos conceitos de opinião, atitude e imagem que pressupõe um corte entre o universo do indivíduo ou do grupo e o universo exterior, pressupondo a necessidade de um estímulo externo às respostas dos indivíduos. Para Moscovici (1978, p. 48), na noção de representação social não existe um corte dado entre estes dois universos, no qual, sujeito e objeto seriam absolutamente heterogêneos em seu campo comum. O objeto não é representado passivamente pelo sujeito, ele é reconstruído num movimento que possibilita ao mesmo tempo a constituição do próprio sujeito, enquanto se situa no universo social e material. Desta forma uma representação social não é somente uma preparação para ação na medida em que guia o comportamento, mas, na medida em que o remodela e reconstitui os elementos do ambiente em que o comportamento tem lugar. Ela vai incutir um sentido

---

---

ao comportamento integrando-o numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, “fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes” (Moscovici, 1978, p. 49).

Finalmente este autor (Moscovici, 1978, p. 50), coloca que os conceitos de opinião, atitude e imagem, como estão colocados, não consideram as relações e interações interpessoais. Os grupos são encarados a posteriori de forma estática como se apenas selecionassem e utilizassem as informações que circulam na sociedade e não na medida em que criam e comunicam. O que este autor quer enfatizar é o status das representações sociais como produtoras de comportamentos e de relações com o ambiente, enquanto uma ação que modifica tanto aqueles, como estas, não se constituindo apenas como reprodução desses comportamentos ou dessas relações, como uma reação a um dado estímulo exterior.

“Em suma, vemos aí sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações que assenta em valores e em conceitos. Um estilo de discurso que lhes é próprio. Não os consideramos como ‘opiniões sobre’ ou imagens de’, mas como ‘teorias’, ‘ciências coletivas’ sui generis, destinadas à interpretação e elaboração do real... Elas determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas.”, (Moscovici, p. 50 e 51).

O outro aspecto de natureza psicológica tratada por Moscovici (1978), é a relação entre representação social, percepção e conceito. Sobre este ponto ele começa também retomando a posição da psicologia clássica quanto a esta relação, na qual a representação se constitui como processo de mediação entre duas instancias psíquicas: uma de ordem intelectual, de onde emerge o conceito e outra de ordem sensorial da qual brota a percepção. Ele discorda desta posição argumentando que uma representação não é apenas uma instância intermediária que permite a passagem da esfera sensório-motora à esfera cognitiva. Em sua opinião ela é “um processo que torna o conceito e a percepção de certo modo intercambiáveis, uma vez que se engendram reciprocamente”. (Moscovici, 1978, p. 57).

O representar para este autor (Moscovici, 1978, p. 57), tem um lado que vai pela esteira do pensamento conceitual e outro que segue a direção da atividade perceptiva.

---

---

Assim, de um lado, diferente do aspecto perceptivo, a representação não exige a presença ou até mesmo a existência do objeto como condição de sua emergência. Ela está na direção do pensamento conceitual, atualiza um ser, representa uma qualidade à consciência, “distanciando-se suficientemente de seu contexto material para que o conceito possa intervir e modelá-lo a seu jeito”. (Moscovici, 1978, p. 57). Por outro lado, no entanto, a supressão do objeto não pode ser total e como na atividade perceptiva ela deve recuperar o objeto ou essa entidade e torná-los tangíveis. Para ele é nesse movimento que se dão às defasagens entre o que é “tomado” e o que é “devolvido” ao real, deixando entrever que “a representação de um objeto é uma reapresentação diferente do objeto”. (Moscovici, 1978, p. 58).

A representação se apresenta a partir desta abordagem (Moscovici, 1978) desempenhando varias funções: ela não faz uma simples replicação do objeto, mas o reconstitui, o reconstrói, modificando-o; ela atualiza conceitos e percepções tornando insólito o familiar e familiar o insólito; ela desloca e combina saberes, experiências e condutas de origem muito diversa reduzindo a variabilidade dos sistemas intelectuais e práticos, os aspectos desconexos do real. O que vai possibilitar a conjugação e a passagem das teorias e das significações particulares de um domínio para outro. A representação dar ao objeto status de signo, torna-o significante. Na perspectiva do sujeito, o objeto, é refeito a maneira do sujeito, no seu contexto. O que leva o autor a concluir que: ao dominar, ao interiorizar, ao fazer nosso o objeto, se está criando um modo verdadeiramente particular, no qual, “todas as coisas são representações de alguma coisa” (Moscovici, 1978, p. 65). Uma forma de conhecimento onde quem conhece se substitui no que conhece. Para ele, também se origina desta tensão a estrutura das representações sociais, que emerge do pólo passivo da estampagem do objeto – a figura – e do pólo ativo da escolha do sujeito – a significação, que no real se apresenta para nós em duas faces, a figurativa e a simbólica, tão pouco dissociáveis como os dois lados de uma folha de papel.

Para concluir este ponto Moscovici (1978, p. 66, 67) diz que quando um indivíduo ou um grupo formula uma representação de uma teoria ou de um fenômeno científico ele volta uma vez mais a produzi-la, ele está fazendo um caminho inverso ao da construção da teoria, sendo necessário à compreensão que:

---

---

“... ao tornar assim o ausente presente, o inabitual habitual, os mecanismos representativos desmantelam o que é imediatamente evidente e refazem no universo a unidade entre os vestígios de universos isolados e separados. São ‘arcaicos’ ou ‘primitivos’, sem dúvida. Justamente por causa disso, permitem a ultrapassagem e uma retomada de mecanismos que, sendo muito ‘recentes’ ou muito ‘refinados’, perdem o contato com o vivido do sujeito e o fluxo do real. Na origem dessa ultrapassagem vamos encontrar o hiato entre o que se sabe e o que existe, a diferença que separa a proliferação do imaginário e o rigor do simbólico.”

### **3.1.2. Dos aspectos sociológicos**

A apreensão do qualificativo social das representações, para Moscovici (1978), pode ser focalizada a partir do estudo de três pontos: a organização de seu conteúdo e sentido; os processos responsáveis por sua formação e sua função de orientação no processo de formação, na orientação de condutas e na orientação das comunicações sociais.

O quadro da organização, do conteúdo e do sentido que compõem as representações sociais é fornecido através da análise de três dimensões (Moscovici, 1978, p. 67 a 75): a informação, a atitude e o campo representacional ou a imagem. A informação diz respeito à organização dos conhecimentos que os grupos detêm acerca de um objeto social. O campo representacional que é a idéia da imagem, do conteúdo concreto e limitado das proposições relativas a um aspecto preciso do objeto da representação e pressupõe uma unidade hierarquizada de elementos. E a atitude, que é a orientação global, posição favorável ou desfavorável, que o grupo possui em relação ao objeto da representação. Essas três dimensões compõem diferentes universos de opinião organizados de diversas maneiras em diferentes classes, culturas e grupos sociais. Análise cuja utilidade se justifica para Moscovici (1978, p. 71), pela necessidade de abordagens comparativas exigidas por uma disciplina como esta, o que depende da possibilidade de se poder destacar conteúdos de relacionamentos sistemáticos entre os grupos pesquisados.

O estudo das dimensões das representações pode ser feito em cada grupo para cada uma das diferentes dimensões. No estudo realizado por este autor a atitude apareceu como

---

---

a mais freqüente das três dimensões, o que o fez concluir que uma pessoa se informa e constrói uma imagem de alguma coisa somente depois de ter uma posição sobre esta.

Para concluir a abordagem desse ponto ele diz que a possibilidade do estudo comparativo dessas dimensões permite, também, a delimitação dos grupos de acordo com a representação social de cada um, graças à reciprocidade existente entre uma coletividade, um grupo social e sua teoria, sua representação.

O segundo ponto abordado por Moscovici (1978, p. 75 a 77), para definição do qualificativo social está em uma questão já bem mais definida e para ele menos superficial do que a anterior, apesar de nesta tanto ter se detido. Trata-se da posição de que o processo de produção de uma representação é engendrado coletivamente. O que ele não considera tão relevante, uma vez que, outros tipos de conhecimento como a ciência e a ideologia também o são. Nessa perspectiva ele propõe, como importante, uma mudança de foco, de quem produz e da diferença que existe entre outras formas de conhecimentos coletivamente produzidos, para a sua função, para o porque se produz uma representação social. Este terceiro ponto, o estudo de suas funções, é para o referido autor, fundamental na medida em que é específico das representações e que contribui exclusivamente no processo de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Ao concluir seu estudo sobre as representações sociais da psicanálise Moscovici analisa o pensamento natural a partir de observações realizadas durante sua pesquisa. Ele (1978, p. 248) analisa e descreve a representação social como um sistema cognitivo, com o objetivo de estabelecer uma correspondência entre situação social e funcionamento do sistema cognitivo, partindo de uma crítica às dicotomias tradicionais entre indivíduo/sociedade, lógico/ilógico, para fortalecer a posição de não fecundidade da oposição entre pensamento científico e não científico.

Sua abordagem analisou e descreveu os seguintes aspectos do pensamento natural:

- Características da situação social – dispersão das informações, pressão para a inferência e focalização de grupos e indivíduos.
  - Atributos do sistema cognitivo – formalismo espontâneo, dualismo causal, preeminência da conclusão e pluralidade dos tipos de raciocínios.
-

- Princípios intelectuais – analogia e compensação.

O resultado da pesquisa revelou para Moscovici a existência de um fenômeno, a polifasia cognitiva, que ele considera a principal característica do pensamento natural e que para ele deve se constituir mesmo no objeto de estudo da psicologia social. Esse fenômeno consiste na utilização pelo sujeitos, indivíduos ou coletivo, de uma pluralidade de modos de pensar que corresponderia a diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo e são acionados a partir de diferentes situações do meio e interações sociais. Um modo de pensar caracterizado pelo funcionamento paralelo, em um mesmo indivíduo, de dois sistemas cognitivos: o sistema operatório e o metassistema normativo. O primeiro, responsável pelas associações, inclusões, discriminações e deduções. O segundo que procede ao controle, verificação e direção das primeiras com base em relações normativas e valorativas.

Para finalizar a teoria das representações sociais, apresentada por Moscovici na perspectiva da reorientação da psicologia social focaliza, assim, dois aspectos fundamentais nessa direção: a descrição dos processos de formação e o estudo do sistema cognitivo que lhe é próprio. Ele trabalhou no desenvolvimento de um modelo para identificação dos conteúdos, dos mecanismos psicológicos e sociais, dos processos de produção e das funções das representações, possibilitando uma perspectiva integrada das interações psicossociais.

### **3.2. As funções das representações sociais**

Como já abordado rapidamente, em Moscovici (1978, p. 76), esta perspectiva das funções das representações sociais está desenvolvida para afirmação do qualificativo social de uma representação. Para ele é mais representativo nesse sentido enfatizar a função ou “por que” se produzem as representações sociais, do que, quem as produzem, como são produzidas ou as entidades e as circunstâncias que as refletem, embora estas últimas sejam também refletidas nesse qualificativo social. O estudo dessas funções é fundamental na medida em que é específico das representações e que contribui exclusivamente no processo

---

de produção de conhecimentos, formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Abordar teoricamente as representações sociais, falar do seu conceito, de seus conteúdos e de seus qualificativos, enquanto social, faz emergir naturalmente o foco de suas funções, o que parece conferir a estas uma importância fundamental. Um foco que foi, também, se revelando nas aplicações desta teoria. Esta importância e destaque lhes valeram um aprofundamento numa abordagem específica desenvolvida por Abric (1998).

Ao abordar a teoria das representações sociais, este autor, refere-se as suas funções, como um conhecimento, uma “visão de mundo” que os “indivíduos ou os grupos têm e utilizam para agir, para tomar posição”. (Abric, 1998, p. 27). Ele afirma que elas se constituem em um sistema de pré-decodificação da realidade, porque possibilita ao sujeito um conjunto de antecipações e expectativas funcionando como um sistema de interpretação da realidade. Elas determinam assim seu comportamento e suas práticas, servindo de guia e orientação das ações e das relações sociais.

Como se vê no próprio esforço para definição do que seja uma representação social, já se impõem suas funções de compreensão da realidade, definição de comportamentos e orientação de ações e relações.

Para Abric (1998, p. 28) o papel de destaque das representações na dinâmica de relações e nas práticas sociais é justamente porque, como se pensa, elas respondem a quatro funções essenciais: a de saber, a identitária, a de orientação e a justificadora, como expostas em seguida.

#### 1) Função de Saber

De acordo com Moscovici (1978, p. 50), esta função possibilita a construção e aquisição de um conhecimento acessível e compreensível, um conhecimento prático, do senso comum que vai permitir a maior parte do grupo a utilização na vida cotidiana. Para Abric (1998, p. 29) ela permite compreender e explicar a realidade. Nessa função de conhecer está também a função de comunicação, uma vez que, a produção do

---

---

conhecimento é a condição necessária para a existência de comunicação. Ele se apóia em Moscovici (1978, p. 78), que diz do movimento dos conhecimentos científicos ao senso comum permitido pelas representações sociais que traduzem os conflitos normativos, materiais e sociais motivando e facilitando a transposição de conceitos considerados esotéricos para o plano do saber imediato e permutável, tornando-se assim, de fato, instrumento de conhecer e de comunicar.

## 2) Função Identitária

A função identitária das representações sociais permite a proteção da especificidade dos grupos e o controle social, pela coletividade, sobre cada um de seus membros. Ela ganha destaque pela sua importância nos estudos de comparação dos grupos sociais e no controle social, nos processos de socialização. Para Mugny e Carugati (apud. Abric, 1998, p. 29), esta função, tem como papel situar os indivíduos e os grupos em um campo social, delimitando, satisfatoriamente, uma identidade pessoal e social coerente com o sistema de normas e de valores determinados no plano social e histórico.

## 3) Função de Orientação

Esta função foi também muito destacada por Moscovici (1978, p. 51, 77 e 79). Nesta perspectiva, as representações sociais orientam e regem as condutas e as práticas desejadas e admitidas no cotidiano social, uma vez que, demarcam um campo de informações, comunicações e valores possíveis e compartilhados pelos grupos se constituindo em um espaço de construção da realidade social.

Para Abric (1998, p. 29 e 30), As representações sociais se constituem de fato em um guia para ação através de seu sistema de pré-decodificação da realidade. O que resulta de três fatores essenciais:

- Elas intervêm na definição da finalidade da situação, determinando os tipos de relações pertinentes para os sujeitos e os tipos de estratégias cognitivas em algumas situações de solução de problemas;

- Elas produzem um sistema de antecipações e expectativas, sendo, então, uma ação sobre a realidade, a partir da filtragem das informações, interpretações que têm como objetivo adequar essa realidade à representação;
- E finalmente, porque refletindo a natureza das regras e dos elos sociais, elas são prescritivas de comportamentos ou de práticas obrigatórias, pois definem o que é lícito, tolerável ou ilícito, inaceitável em um dado contexto social.

#### 4) Função Justificadora

Abric (Abric, 1998, p. 30), diz que assim como as representações sociais têm um papel importante na dinâmica de orientação das ações, elas intervêm também na avaliação dessas ações. Elas vão permitir aos sujeitos explicar e justificar suas condutas em uma situação, diante de seus parceiros ou nas relações entre grupos. Para Doise (apud. Abric, 1998, p. 30), essas funções têm um papel essencial na justificativa das condutas e comportamentos adotados nas relações intergrupais. Elas terminam por se constituir, em elementos de justificativa de condutas hostis, nas situações de relações competitivas entre grupos.

### 3.3. Uma abordagem estrutural das representações sociais

A abordagem estrutural das representações sociais começa a ser esboçada por Abric em 1976 (Abric, 1998, p. 30) quando o autor inicia seus trabalhos em torno da idéia de núcleo central, a partir do modelo figurativo de Moscovici (1978, p.125 a 131) que já fazia a proposição de um núcleo para as representações sociais em 1961, na primeira edição deste trabalho citado. Para Abric (1998, p. 31), inicialmente, a estrutura das representações é formada por um núcleo central e elementos periféricos que na evolução desta abordagem se constituem em um duplo sistema: o central e o periférico.

Este autor (Abric 1998, p. 31), apresenta, no começo do desenvolvimento de sua abordagem teórica, um núcleo central das representações sociais. Este núcleo é determinado pela natureza do objeto representado, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e pelos valores e normas sociais que circulam no ambiente

---

ideológico do momento e do grupo, definindo o significado e a organização interna das representações.

O núcleo central ou núcleo estruturante das representações assume duas funções. A primeira é uma função geradora, fenômeno que cria ou transforma o significado de outros elementos da representação social. É ele que imprime ou modifica o sentido, o valor de outros elementos da representação. A outra função é a organizadora que permite ao núcleo central determinar a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação social. O núcleo torna-se, então, através desta função elemento de unificação e estabilização das representações.

Esta estrutura constitui a base comum, compartilhada pelos elementos de um grupo. É dotada de grande estabilidade, resistindo às mudanças e assegurando, assim, a permanência da representação em contexto móvel e evolutivo. Para identificação de uma representação não basta a identificação de seu conteúdo, pois duas representações completamente diferentes podem possuir o mesmo conteúdo. É então necessário identificar a sua estrutura, a sua organização, os elementos que constituem o seu núcleo central, que são os definidores de diferentes representações. Apenas a mudança do núcleo central de uma representação indica então a sua transformação, o que determina a importância da identificação desses núcleos para o estudo comparativo das representações sociais.

Outro ponto importante destacado pelo autor é de que a centralidade de uma representação está numa dimensão qualitativa. Não é apenas a quantidade de elementos que define a centralidade de uma representação, mas, a capacidade de lhe atribuir significado.

Na evolução desta abordagem o núcleo central apresenta-se como um sistema central que mantendo as características e função do primeiro e nas palavras de Abric (1998, p. 33), é determinado essencialmente pelo social, por fatores ligados a condições históricas, sociológicas e ideológicas, diretamente associadas a valores e normas, definindo os princípios fundamentais em torno dos quais se constituem as representações. É a base comum dos conteúdos sociais e coletivos definindo a homogeneidade do grupo. Ele mantém as características de estabilidade e de coerência que assegura a perenidade da

---

---

representação destacando, no entanto, sua lenta evolução, salvo condições excepcionais, e acrescenta que sua origem não está no contexto imediato, mas, no contexto global, histórico, social, ideológico, que define as normas e os valores dos indivíduos e grupos.

Desta forma a conclusão é de que: se a transformação de uma representação ocorre apenas com a mudança de seu núcleo central; se for ele que diferencia uma representação de outra; se o conteúdo de uma representação não é suficiente para sua identificação e reconhecimento; se um mesmo conteúdo pode originar duas ou mais representações; se a diferença vai estar na organização dos elementos em diferentes núcleos centrais, é determinante a necessidade de conhecimento desse núcleo para a certeza de se estar diante de representações sociais diferentes. O conhecimento do núcleo central é, no contexto dessa dissertação, condição indispensável para o estudo comparativo das diferentes representações sociais da *NATUREZA*.

Na evolução do segundo sistema, Abric (1998, p. 31 e 32) apresenta inicialmente os elementos periféricos que se organizam em torno do núcleo central. Eles são o essencial do conteúdo das representações e preenche as seguintes funções:

- Concretização, que permite adaptação do núcleo central a situações concretas.
- Regulação, que permite as modulações individuais.
- Defesa, que protege o núcleo central, absorvendo e reinterpretando as mudanças nas situações concretas.

Depois, quando trata os elementos periféricos enquanto sistema, Abric (1998, p. 33 a 34), diz que sua determinação está num plano mais individual e contextualizado, permitindo modulações pessoais em relação ao núcleo central, possibilidade de diferentes expressões de uma mesma representação. Este sistema é a parte mais acessível da representação; é dotado de flexibilidade e protege o sistema central permitindo adaptações de informações e até de práticas. Ele também permite um certo nível de heterogeneidade entre os indivíduos de um mesmo grupo. Sua importância é fundamental no processo de construção das representações, uma vez, que associado ao sistema central, permite a ancoragem na realidade, e, ao contrário de ser sinônimo de diferentes representações, de acordo com Flament (apud. Abric 1998, p. 34), é elemento essencial no estudo de seus processos de transformação.

---

---

Assim, de acordo com Alves-Mazzotti (1997, p. 20), a evolução da teoria do núcleo central só reforça o caráter eminentemente funcional do sistema periférico e o caráter essencialmente normativo do sistema central. O que consolida o papel deste último na definição do significado e na organização das representações, enquanto que o outro, vai assegurar um espaço relacional, se constituindo em instância mediadora das transformações das representações sociais.

### **3.4. O processo de transformação das representações sociais**

A possibilidade de transformação das representações sociais é considerada o grande mérito da teoria do núcleo central. Através desta é possível descrever as mudanças e os processos de uma representação, fato que tem implicações para a intervenção social, neste caso, tem implicações também, para a ação em educação ambiental. Aqui, abre-se o espaço para o estudo das representações sociais da *NATUREZA* como um caminho, um instrumento, um espaço de conhecimento crítico para a ação da educação e da gestão ambiental, o que orienta a opção por este foco.

Além de apontar para a organização interna das representações como elemento de compreensão do processo de evolução e transformação das representações sociais Abric (1998, p. 35) questiona a relação existente entre o desenvolvimento de práticas sociais contraditórias ao sistema da representação e a dinâmica de conservação ou transformação desta.

Para responder a este questionamento ele recorre a noção de reversibilidade desenvolvida por Claude Flament em 1994. Para este autor (apud. Abric, 1998, p. 35) os processos de transformação das representações sociais tomam direção diversa em função da possibilidade ou não da reversibilidade da situação. Assim quando a situação é percebida como irreversível os sujeitos pensam que as transformações de algumas práticas são definitivas e as mudanças nas representações também se tornam definitivas, elas vão afetar diretamente o sistema central da representação social. No outro caso, quando a mudança é percebida com perspectiva de reversibilidade, ocorrem transformações reais, mas, elas são superficiais, ocorrem somente no sistema periférico, os elementos novos e

---

---

discordantes são integrados a representação apenas através deste, enquanto o sistema central permanece estável e insensível às modificações.

Desta forma, quando uma situação é percebida como irreversível, as práticas novas e contraditórias têm conseqüências muito importantes para o processo de transformação das representações, definindo então os três seguintes tipos de transformações:

- Transformação “resistente” – acontece quando as práticas novas e contraditórias ainda podem ser gerenciadas pelo sistema periférico e por mecanismos clássicos de defesa. Surge a presença de sistemas estranhos no sistema periférico que evitam o questionamento do núcleo central, permitindo uma transformação apenas em nível de periferia. A transformação do núcleo central ocorre somente na presença da multiplicação desses esquemas estranhos, ao longo do tempo, implicando em uma transformação gradual e lenta da representação no seu conjunto.
- Transformação “progressiva” – esta ocorre quando as práticas novas não se contrapõem totalmente ao núcleo central. A transformação acontece sem ruptura, sem explosão do núcleo central e os esquemas vão sendo integrados a este progressivamente.
- Transformação brutal – nesta situação as práticas novas atacam diretamente o significado central da representação, impossibilitando a ativação do sistema de defesa periférico. A importância das novas práticas, sua permanência e seu caráter de irreversibilidade provocam uma transformação completa da representação a partir da transformação direta e completa do seu núcleo central.

Ao se ressaltar as argumentações de Abric (1998) e dos outros autores sobre a abordagem estrutural das representações sociais, pretende-se destacar a importância desta para a análise das representações sociais, ajudando a compreender: a evolução das mentalidades e das práticas sociais, a organização interna e as regras de transformação social, as interações que se estabelecem entre diferentes grupos sociais e a *NATUREZA* na construção do seu ambiente. Pode-se então, a partir desta ótica, traçar um caminho para a compreensão do percurso de construção e da dinâmica de transformação das representações sociais da *NATUREZA*.

---

---

Alguns autores como Herzlich (apud. Andrade, 1998, p. 145) e a própria Andrade questionam o determinismo, proposto por Abric e outros, na relação direta entre representação social – comportamento e práticas sociais. Apesar de admitirem uma influência das representações sociais sobre as condutas humanas eles chamam atenção para que entre estas se interpõem uma série de mediações, controle social, imposição de novas práticas, entre outras. A recíproca, porém, parece não apresentar oposição. As mudanças nas práticas sociais, mesmo quando impostas, são sempre acompanhadas de mudanças bruscas ou graduais das representações sociais, como afirma Abric (1998).

### **3.5. Representação social, identidade e alteridade**

No capítulo quatro foi tratado, que uma das funções das representações sociais, é a função identitária a qual tem como papel definir um campo representacional constituindo-se como elemento de controle social dos membros dos grupos e dos processos de socialização na definição das identidades individuais e sociais.

Na esteira da relação representação social – identidade, outros autores vão se revezando na elucidação de alguns elementos para melhor compreensão dessa relação. Nesta perspectiva Andrade (1998, p. 142), diz que o ator social, o ‘eu’, como objeto de conhecimento do próprio sujeito é um fenômeno cognitivo definidor de sua identidade no plano individual e social. O processo identitário é assim simultaneamente individual e social, pois exige uma interestruturação entre estes dois planos de articulação orgânica de componentes psicológicos e sociológicos que organiza diferentes campos de representação em função de cada objeto, marcando com essa característica relacional o espaço de produção das representações sociais. Então, representar um objeto é fazer com que tenha sentido para nós, a partir da relação com o sentido de outros objetos, é inserí-lo de modo significativo no nosso mundo. É apreendê-los em determinados contextos e relações que definem o seu campo de representação, no qual, o sentido do objeto depende de sua relação com outros objetos e com outras representações desse campo.

Na inserção em diferentes grupos sociais, os indivíduos assumem diferentes identidades coletivas, perseguindo a identificação com os grupos e sentimento de

---

---

pertencimento, mas seguindo também o caminho da diferenciação, tornando-se autônomos e afirmando-se como indivíduos, como sujeitos e atores sociais. Andrade (1998, p. 44), faz então referência a Moscovici (1978) por sua posição quanto à interação entre sujeito/objeto do conhecer, na qual o indivíduo se projeta no objeto que representa. O objetivo da autora é destacar a reciprocidade entre a representação de um objeto e o perfil da identidade do sujeito, e vice versa, a identidade do sujeito como um elemento de referência da sua visão de mundo, impregnando com sua marca os objetos que constrói. Nesse sentido, a identidade é ponto chave na representação de qualquer objeto, na articulação das categorias estruturantes do campo de representação de qualquer objeto.

No caso da *NATUREZA* como objeto, à identidade psicológica e sociológica dos indivíduos e grupos pesquisados (pescadores, veranistas e turistas) deve, então, articular categorias diferenciadas a partir de suas identidades, na constituição de seus diferentes campos de representação, uma vez que o perfil de identidade de cada grupo vai imprimir suas diferentes marcas na seleção e organização dessas categorias estruturantes, que deve compor cada campo de representação do objeto *NATUREZA*.

Na busca de um conceito de identidade que dê conta dessa visão integrada, desse espaço relacional, indivíduo – social, exigido pela abordagem das representações sociais, Santos (1998, p. 153), propõe a utilização do conceito de identidade pessoal de Pierre Tap, como elemento de articulação entre os conceitos de identidade e representação social. Para Pierre Tap (apud. Santos, 1998, p. 152 e 153), a identidade pessoal é um sistema de representações que o sujeito desenvolve sobre si mesmo. A identidade se constitui em um sistema articulado de múltiplas dimensões (continuidade, coerência, positividade, diferenciação interna e externa, afirmação de si e originalidade) no jogo das relações sociais através da apropriação de regras, valores, normas e formas de pensar de uma cultura, compondo um conjunto de características (físicas, psicológicas, morais, jurídicas, sociais e culturais), a partir das quais a pessoa se conhece, se define e se faz conhecer ou permite fazer-se situar, definir ou reconhecer pelo outro.

Deste modo o sujeito se constrói enquanto identidade psicossocial e constrói o seu lugar, assumindo e definindo a sua posição social, a partir da apropriação da cultura e das instituições sociais mediado pela alteridade.

---

---

Essa questão da alteridade, do outro na construção da identidade é discutida por Jovchelovitch (1998, p. 69), na relação com a teoria das representações sociais a partir de uma perspectiva sócio-ontológica.

Para esta autora (1998), a alteridade não se explica apenas na diferença e na negatividade. É o reconhecimento do outro que possibilita a produção de sentido e seus correlatos (a forma simbólica, a linguagem, e as identidades). Ela apresenta como justificativa um argumento em dois momentos. Primeiro, o de que os elementos constitutivos do simbólico emergem do reconhecimento da alteridade. Jovchelovitch (1998, p. 70), diz que:

“... sem alteridade não há saber e que seu reconhecimento é elemento fundante, tanto para a emergência do eu como do outro, enquanto objetos do conhecimento simbólico. A partir daí, procuro retomar a subjetividade e a objetividade como elementos constitutivos na formação do simbólico, e principalmente mostrar que, longe de serem dados, esses elementos são uma dura conquista do desenvolvimento intersubjetivo.”

No segundo momento a autora (1998, p. 70), analisa a emergência do simbólico no campo social, onde são construídas as representações sociais, dizendo que:

“Como espero demonstrar, conceituar e reconhecer a alteridade implica um reconhecimento do lugar primeiro da intersubjetividade na vida individual e social. A intersubjetividade proponho, nos permite ver que o subjetivo e o objetivo não são dados, mas devem ser conquistados. Do mesmo modo que a formação do símbolo, as representações sociais devem ser conceitualizadas como uma conquista da intersubjetividade. É a intersubjetividade que de um lado, permite a existência do ato significativo, ao mesmo tempo em que, de outro lado, previne o totalitarismo de interpretações simbólicas que se propõem únicas, ou capazes de exaurir o objeto com a versão que propõem.”

Nesta perspectiva as representações sociais são produzidas na vida social, no espaço de comunicação intersubjetiva e são ao mesmo tempo um dos elementos que possibilitam a comunicação intersubjetiva. Essa opção relacional intersubjetiva permite a teoria das representações sociais romper as amarras que aprisionam o objeto da psicologia social tanto de um determinismo psicológico, como das sombras do dualismo cartesiano.

---

---

A presença tanto do objeto como do sujeito é imprescindível à vida simbólica. Para Jovchelovitch (1998, p. 71), o símbolo representa ao mesmo tempo alguma coisa e o sujeito social, sendo por outro lado, também, representado por este mesmo sujeito. Ele representa ao mesmo tempo a subjetividade e a objetividade. A primeira condição que lhe garante a vida, a conexão com o tempo histórico e o contexto local. A segunda é condição referencial, sem a qual o símbolo tornar-se-ia uma entidade onipotente, descolada do mundo, fora de si mesmo, sem história e sem contexto.

Toda a vida psíquica, toda capacidade de conhecer é resultado da possibilidade de emergência do simbólico, da capacidade de representar, que por sua vez, como se vê, decorre do ato de tomar o outro e em consequência a si mesmo, ao eu, como objeto do saber. “A capacidade de re-presentação psíquica e o desenvolvimento do eu... são produtos das trocas e relações entre o sujeito relacional e o seu meio ambiente.” (Jovchelovitch, 1998, p. 73). É nessa condição relacional que se cria um espaço de negociação da objetividade do mundo, uma vez que, no processo de conhecimento do outro pelo eu, esse eu, toma consciência de sua inserção nesse sistema relacional com perspectivas independentes, que constituem a objetividade de sua realidade subjetiva. É um espaço também da consciência, do limite do que eu, o sujeito, pode construir na presença do objeto que lhe impõe a objetividade, os limites de sua ação. A alteridade impõe, assim, ao sujeito, esses limites. A consciência do eu e do objeto constrói a consciência de sua realidade intersubjetiva.

Essa condição objetiva não é, para a Jovchelovitch (1998, p. 75), a reificação do real, ou a idéia de que a objetividade é fato dado, definido como um ser que precede o sujeito. Ela vai emergir da condição de que a compreensão da alteridade exige o reconhecimento do outro enquanto eu, com seus projetos, desejos e expectativas. Não é apenas o outro eu que pensa e sabe, é o outro enquanto alteridade. Desse reconhecimento pelo eu do outro, como um distinto, emerge a condição objetiva da realidade social. Uma objetividade, que é negociada, que surge do diálogo entre reconhecimentos mútuos conferindo a todos a legitimidade para ser, para exprimir ente si suas distinções como objetividade.

---

---

Todos os atores sociais são reconhecidos enquanto sujeitos do saber, não há redução da realidade social à realidade do eu. Elas se entrelaçam numa pluralidade que implica na consciência da solidão para a possibilidade do ato significativo, para o encontro dessa realidade plural com o objeto. Assim Jovchelovitch (1998, p. 76), afirma que o ato significativo não se constrói no vácuo, nem desconectados de outros sentidos. Ele constrói e é construído, pois a alteridade barra a construção puramente subjetiva do sujeito na construção de uma rede intersubjetiva que também depende de sua relação com a objetividade do mundo. O simbólico então não esgota completamente o objeto, nem coincide integralmente com ele, apenas o representa nesse espaço plural de negociação do real.

Apesar dessa posição de que a alteridade não se explica apenas em um espaço relacional de diferença, de negatividade, mas também de cooperação e de compromisso, de relacionamento com a diferença, muitas pesquisas apresentam nos seus resultados a diferença como o destaque na construção da alteridade.

Esta é a posição de um trabalho intitulado: O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro, no qual Ângela Arruda (1998, p. 17), fazendo uma análise das representações sociais da *NATUREZA* e da humanidade, no período entre o Brasil Colônia e os primórdios da República, vai demarcando os contornos, as margens, da identidade-alteridade no imaginário brasileiro.

A ambivalência é uma marca na construção da alteridade. A *NATUREZA* como a imagem do paraíso, herança medieval que a colocava como jardim do éden, ou por outro lado à *NATUREZA* esmagadora, inferno, espaço demarcado por monstros e tormentas, onde não se encontra nem trigo nem vinho. As representações da humanidade, também marcadas pela ambivalência, apresentam: o índio e o negro, ora como figura de valor pela sua proximidade com a *NATUREZA*, ora, pela mesma via, como o próprio povo do diabo, a mulher como figura, ao mesmo tempo horrenda, sexo insaciável e voraz, e, fascinante, mãe, mistério profundo da vida. (Arruda, 1998, p. 30 e 31).

A definição dos contornos da alteridade, no caso, segundo Arruda (1998, p. 17), vai privilegiar a diferença, como contorno mais saliente e intrigante da alteridade, destacando

---

---

representações que a autora chama de hegemônicas. É a semelhança que desconcerta, na busca da incorporação da diferença que surpreende. A descoberta de que o outro não é tão diferente assim, mas um semelhante que não se consegue situar. O foco é então em um ponto de ancoragem que permita acomodar o desconforto que é a semelhança e não a diferença, diz Arruda (1998, p. 20).

A *NATUREZA* é então edenizada e a humanidade demonizada. E é clara a marca da relação identidade-*NATUREZA*. As representações hegemônicas de *NATUREZA* vão definindo os contornos da identidade de um colonizador superior à *NATUREZA*, para o qual esta é ofertada por Deus, como o paraíso. Enquanto os outros, índios, negros e colonos vão sendo colocados como mais próximos da *NATUREZA*, e, portanto, como inferiores e disponíveis, como os outros elementos da *NATUREZA*, para serem utilizados como parte do presente de Deus.

Para Arruda (1998, p. 37), uma primeira relação, no período colonial, teria tido a marca da diferença. Em outro momento, porém, no Brasil império, a diferença é renegociada. Movidos pela busca de uma identidade brasileira e apoiados por teorias e movimentos estrangeiros retraduzidos e adaptados à cor local. A elite vai buscar no novo a valorização da mistura étnica, do meio, da raça, da cor e da *NATUREZA* do lugar. Os elementos destacados e adaptados são os que reforçam a construção do Estado e a afirmação das camadas letradas dirigente. Ela chama atenção para o que denomina ancoragem invertida, a substituição do velho pelo novo, na busca do reconhecimento do atual. Para a mesma, um movimento na realidade de mão dupla, onde o novo é incorporado sem o abandono total do velho. A *NATUREZA* é valorizada para o reconhecimento da miscigenação e da paisagem natural, mas conservam, por exemplo, as idéias evolucionistas. A literatura “retrata apenas um Brasil pitoresco, prenúncio da modernidade e do progresso que se anunciarão ao final do século... A *NATUREZA* continua a ser o grande biombo das misérias nacionais.” (Arruda, 1998, p. 38).

Para Arruda (1998, p. 43) a ancoragem tem sido sempre colocada no antigo, no terreno do passado, mas ela pode se fazer a partir de um outro ângulo e ao invés da assimilação e acomodação, buscar o novo na direção de reorientar o familiar. Alguns elementos são, através da ancoragem, colocados numa situação de estranheza, enquanto

---

---

outros novos, e, portanto, estranhos, são assimilados numa associação com o familiar. É um espaço de transformação das representações sociais a partir da criação de um novo senso comum que acomoda o novo e estranha o familiar.

Ao se apresentar às argumentações destes autores sobre a relação representação social/ identidade/ alteridade e em especial a abordagem de Arruda (1998), sobre a alteridade como marca na dinâmica de construção e de transformação das representações sociais da *NATUREZA* do Brasil colônia ao Brasil império, pretende-se destacar a influencia destes elementos na relação com o objeto *NATUREZA* nos processos de formação das identidades. Assim, é possível então, identificar os elementos identitários que marcam as diferenças e as semelhanças das representações sociais de *NATUREZA*, na dinâmica da relação sociedade/*NATUREZA*, em permanente definição e redefinição pela mediação sócio-cultural, espaço no qual circulam, a partir da possibilidade de emergência simbólica da identidade-alteridade, as representações sociais numa dinâmica de ser e fazer a vida social.

### **3.6. Uma dimensão relacional na análise das representações sociais**

A partir de estudos práticos dos processos de construção das representações sociais, Doise (1980, p. 189), chama atenção para a importância desses estudos não ficarem apenas no foco descritivos, na análise dos conteúdos das representações, na definição dos laços estruturais, na análise da objetivação. Para ele é fundamental a utilização de uma perspectiva de análise psicossociológica que aborde prioritariamente a ancoragem na dinâmica relacional das representações sociais numa dimensão explicativa. É procurar um sentido para a combinação particular de noções que formam o conteúdo das representações, e não, defini-lo apenas pela análise interna dos conteúdos semânticos.

Para ele (Doise, 1980, p. 189), uma representação social é sempre revestida ou consolidada em significações mais generalizadas, intervindo nas relações simbólicas apropriadas a um dado campo social. O que o guiou na identificação de três focos de análises nos estudos da ancoragem das representações sociais: o psicológico, o sociológico e o psicossociológico.

---

---

O primeiro, o foco psicológico (Doise, 1980, p. 189, 190 e 191), está assentado na análise de crenças e valores gerais como, por exemplo, o mundo é justo. Ele utiliza métodos correlacionais, fatoriais e está preocupado com os elementos que diferenciam um grupo de outro, procurando identificar apenas as características, as atitudes, as crenças que variam de acordo com os indivíduos de cada grupo específico.

Outro tipo está no enfoque da análise sociológica (Doise, 1980, p. 189 e 193), na qual o destaque é para a posição social, para a comparação entre grupos, buscando a utilização de técnicas que distingam um grupo de outro através de análises discriminante ou análise de segmentação que identificam os laços existentes entre pertences sociais e representações na manutenção de relações privilegiadas com determinadas representações.

Por fim, o tipo psicossociológico que para Doise (1980, p. 189, 190, 191 e 192), deve ser a própria essência da análise das representações sociais, o foco na dimensão relacional e explicativa. Esse tipo de análise considera a posição por semelhança, a construção das representações como opiniões consensuais a partir de análise fatorial das correspondências, com pertencentes categorias, como variáveis suplementares numa relação entre posições ou categorias sociais. Os elementos da ancoragem são revelados a partir da forma pela qual os indivíduos situam-se simbolicamente com relação às semelhanças sociais, divisões posicionais e categorias próprias a determinado campo social.

A expectativa é então de que, apesar das diferentes representações de *NATUREZA* que emergem das práticas e envolvimento de grupos sociais em um determinado contexto ambiental, essas representações, estarão marcadas pela identidade de alguns valores e idéias (ideologias) que definem um campo social comum de emergência dessas representações sociais em um dado contexto social relacional que delimita simbolicamente divisões, posições e categorias dos indivíduos pertencentes aos diferentes grupos sociais.

A esse respeito, Alves-Mazzotti (1994, p. 71), chama atenção para o foco relacional na análise dos processos de uma representação social, a necessidade da relação entre a estrutura das representações sociais, suas condições sociais de produção e as práticas sociais que induz e justifica. O que exige a análise nessa perspectiva de campo social de

---

---

que fala Doise (1980). A identificação dos aspectos culturais, ideológicos e interacionais prevalentes em um grupo específico, “explica a emergência de seu núcleo figurativo inscrevendo-o em uma rede de significações” (Alves-Mazzotti, 1994, p.71), que extrapola o campo representacional do dado grupo social e como fala Doise (1980, p. 191), deve situar simbolicamente em relação de semelhança, divisões, posições e categorias, os indivíduos desse determinado grupo social, com outros grupos sociais, em um dado campo social.

Pelo conjunto de elementos expostos acima, considera-se que o estudo das representações sociais da *NATUREZA* pode apresentar-se como um instrumento de conhecer e de agir para a educação e a gestão ambiental, sobre as interações sócio-culturais que se estabelecem na dinâmica de construção e reconstrução ambiental de um espaço qualquer em foco.

---

**PARTE II: ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA  
DISCUSSÃO E RESULTADOS**

---

---

## CAPÍTULO 4.

### Representação Social da NATUREZA – um enfoque metodológico

#### 4.1. Delimitação do campo de estudo

Como já abordado, o objeto *NATUREZA* vem sendo re-visitado por muitos ao longo da história da sociedade humana, a partir dos conhecimentos disponíveis, dos interesses e das posições ideológicas de cada época. É fato também, já comentado, a efervescência dos debates e das diferentes posições que emergem, na atualidade, em torno deste objeto, em função de sua posição na base da temática ambiental. Questão que vem exigindo uma postura de integração e inter-relação entre as diversas áreas do conhecimento, incluindo o senso comum, na abordagem dos problemas ambientais concretos. É neste contexto, que se situa o interesse pelas representações sociais da *NATUREZA*, numa perspectiva interdisciplinar, que sirva de orientação teórica e metodológica para apreensão de conhecimentos do senso comum, acerca deste objeto, de grupos sociais que interagem na concretude das situações ambientais.

Este estudo tem como objetivo: compreender os sistemas de significação socialmente construídos e compartilhados, de grupos com atuação direta na área em foco, moradores, veranistas e turistas, acerca da *NATUREZA*; identificar as idéias que estão na base dessas representações e finalmente verificar a interface dessas representações com as condutas e práticas atuais na relação sociedade/*NATUREZA*. A expectativa é de que essas informações abram espaço para a compreensão das interações que estão se estabelecendo, entre os grupos envolvidos, para a criação e recriação do ambiente local. Espera-se também que essas informações possam, em um futuro breve, apoiar a identificação de estratégias e táticas a serem utilizadas pelos segmentos locais, na defesa de seus direitos a uma melhor qualidade de vida, bem como, que elas possam apoiar a fundamentação de uma ação educativa e gestora, teórica e prática, mais comprometida com o equilíbrio do ambiente.

---

---

A teoria das representações sociais será, assim, o referencial teórico que orientará este trabalho na direção de um estudo comparativo destes grupos sociais. A expectativa é de que o conhecimento dos conteúdos, das estruturas e dos processos de construção das representações sociais, destes grupos, permita identificar não apenas as diferenças de representações que se supõe existam sobre a *NATUREZA*, mas também as idéias e os valores que possam ser comum aos três grupos e que num jogo de interações, entre eles, possam estar definindo identidades, posições e orientando as condutas e as práticas sociais que contribuem para a construção e reconstrução da realidade ambiental.

#### **4.2. Modelo teórico e metodológico de análise**

Para este estudo, foi utilizado um modelo de análise quantitativa das representações sociais, que toma por base um quadro teórico e metodológico, exposto por Doise (2000). Com base na teoria das representações sociais, Doise (2000, p. 11) propõe a construção de uma psicologia societal, que imbrica o estudo dos sistemas cognitivos no plano individual com os estudos dos sistemas relacionais e societais. Para ele uma perspectiva do estudo das representações sociais, proposta por Moscovici, que exige uma abordagem relacional dos sistemas cognitivos complexos do indivíduo com os metasistemas de relações simbólicas, que caracterizam uma sociedade.

Na perspectiva de uma psicologia societal, os estudos das representações sociais devem então integrar em suas explicações hipóteses sobre os modos de funcionamento social e individual. Uma ótica que impõe o estudo comparativo dos grupos sociais, sob pena de perda da dimensão societal (posicional e ideológica) das representações sociais. O modelo proposto trabalha em três diferentes fases de análise, articulando então, regulações societais e modos de funcionamentos cognitivos.

As hipóteses de base destas fases de análise estão expostas em Doise (2000, p. 12). A primeira, parte da posição de que diferentes membros de uma população (membros de diferentes grupos sociais) compartilham crenças comuns próprias a uma dada relação social, uma vez que as representações sociais se originam em um espaço relacional de comunicações, que pressupõem referências comuns aos indivíduos, ou grupos, implicados

---

---

nas trocas simbólicas. A segunda hipótese focaliza a natureza das posições individuais em relação a um campo de representações sociais. Aqui, a teoria das representações sociais vai explicar o como e o porquê os indivíduos ou grupos sociais se diferenciam nas relações que eles estabelecem com essas representações. A terceira, propõe considerar a ancoragem das tomadas de posições em outras realidades simbólicas coletivas, com foco em: hierarquia de valores, percepções das relações entre grupos e categorias e experiências sociais compartilhadas.

A partir desta orientação, três fases de análises serão então realizadas. A primeira fase de análise estará buscando identificar os elementos que constituem o campo comum das representações sociais de *NATUREZA*, os elementos que são comuns a indivíduos dos quatro grupos pesquisados (turistas, veranistas e dois sub-grupos de moradores). A segunda fase procurará não apenas a tomada de posição individual, mas, a tomada de posição dos diferentes grupos sociais pesquisados e finalmente a terceira fase, a análise da ancoragem das representações sociais, de cada grupo pesquisado no contexto relacional, desses grupos, de suas realidades simbólicas coletivas.

Como apoio a este modelo de análise utilizou-se o referencial teórico e metodológico da estrutura das representações sociais proposto por Abric (1998). Para coleta e tratamento dos dados foram utilizadas duas técnicas de coleta, a associação livre e uma entrevista semi-estruturada e dois softwares, o EVOC e o ALCESTE, para tratamento. A apresentação destes dados está orientada pelo modelo proposto por Ribeiro (2000). Com a proposta de Doise se busca uma perspectiva de análise relacional, considerando os modos de funcionamento social e individual. Com a proposta de Abric é possível identificar a estrutura das representações sociais. Uma abordagem pluri-metodológica, que tem como ótica atender aos objetivos propostos no presente estudo, utilizando técnicas já testadas pela teoria das representações sociais.

---

### 4.3. Os sujeitos pesquisados

Totalizaram 236 sujeitos os participantes deste estudo, integrantes de três grupos sociais que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe, os veranistas, os turistas e os moradores, estes últimos divididos em dois sub-grupos, os adultos na faixa entre 21 a 45 anos (Moradores A) e os adultos acima de 45 anos (Moradores B). Os turistas e os veranistas entrevistados estão na primeira faixa de idade, entre os adultos mais jovens.

**Tabela 1** – Distribuição da população na 1ª etapa de análise das representações sociais da *NATUREZA* (total dos sujeitos: 236).

	F	%
<b>Faixa etária</b>		
21 – 30	59	25,0
31 – 45	128	54,1
46 – 65	34	14,4
> de 66	18	7,6
<b>Sexo</b>		
feminino	156	66,4
masculino	80	33,6
<b>Faixa escolar</b>		
analfabeto	24	10,1
1ª a 4ª série do 1º grau menor	44	18,6
5ª a 8ª série do 1º grau maior	28	11,8
1ª a 3ª série do 2º grau	59	25,0
3º grau (completo e incompleto)	81	34,6
<b>Profissão</b>		
pescador	25	0,6
atividades locais	75	31,8
ciências naturais	11	4,6
ciências exatas	20	8,5
ciências humanas	58	24,6
outras atividades fora sem ocupação	45 02	19,1 0,8
<b>Origem</b>		
Gamela/Guadalupe	78	33,1
município vizinho	29	12,3
outro município	27	11,4
Recife	90	38,1
outro estado	12	5,1
<b>Tempo na área</b>		
5 a 10 anos	25	10,6
11 a 20 anos	45	19,0
21 a 27 anos	54	22,9
mais de 28 anos	66	28,0
menos de 5 anos	46	19,5

A proposta inicial era trabalhar com uma amostra que totalizasse 64 sujeitos por categoria, na faixa etária de 21 a 45 anos. A realidade, porém, estimulou outro procedimento. Diante de um universo pequeno de residências ocupadas, todas foram visitadas, tanto no veraneio como na vila dos pescadores sendo entrevistado uma pessoa

por residência. Na vila dos pescadores como existia uma definição bem nítida nas residências entre duas gerações foram entrevistadas, quando possível, duas pessoas, uma na faixa de idade A (21 a 45 anos) e outra na faixa B (acima de 45 anos). Os turistas foram entrevistados nas pousadas, nos privês e em algumas residências.

Para a primeira fase da análise, os sujeitos foram considerados como uma população, ou um grupo único, dos sujeitos que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe, de acordo com a composição descrita na Tabela 1 acima apresenta.

Na segunda fase da análise os sujeitos foram considerados separadamente nos grupos pesquisados: 67 moradores (A), 52 moradores (B), 75 veranistas e 42 turistas.

#### 4.3.1. Os moradores

Todos os moradores pesquisados têm residência fixa em Gamela, na vila dos pescadores de *A ver o mar*.

##### 4.3.1.1. Os moradores (A)

Os moradores (A) apresentam-se distribuídos quase que paritariamente nas duas faixas de idade, com uma diferença percentual de apenas 14%, o que equivale a 9 sujeitos. A Tabela 4 apresenta a distribuição dos sujeitos por faixa etária.

**Tabela 2** – Distribuição dos moradores (A) por faixa etária (67)

Faixa etária	f	%
21 a 30 anos	29	43
31 a 45 anos	38	57
<b>total</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

Os moradores (A) concentram-se em uma faixa média, quanto à escolaridade, que tem 61% destes sujeitos cursando ou que abandonaram em séries que vão da 5<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau a 3<sup>a</sup> série do 2<sup>o</sup> grau. Entre os outros 33% estão os que estão cursando ou cursaram uma série entre a 1<sup>a</sup> e a 4<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau; 1%, destes, que corresponde a 1 sujeito é

analfabeto e 5% são universitários ou possuem o 3º grau completo. A Tabela 5 apresenta maior detalhamento da condição de instrução formal dos sujeitos deste grupo, por faixa de escolarização.

**Tabela 3** – Distribuição dos moradores (A) por faixa escolar (67)

<b>Faixa escolar</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
analfabeto	1	1
1ª a 4ª série do 1º grau menor	22	33
5ª a 8ª série 1º grau maior	22	33
1ª a 3ª série do 2º grau	19	28
3º grau (completo e incompleto)	3	5
<b>total</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

#### 4.3.1.2. Os moradores (B)

O grupo dos moradores (B) foi constituído por moradores distribuídos quase que homogeneamente em três faixas de idade, como demonstrado na Tabela 2

**Tabela 4** – Distribuição dos moradores (B) por faixa etária (52)

<b>Faixa etárias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
46 a 55 anos	16	30
56 a 65anos	18	35
> 66 anos	18	35
<b>total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

No que concerne à escolaridade, a maior parte destes sujeitos (86%) está concentrada nas faixas mais baixas de escolarização, que vai da condição de analfabeto a 4º série do 1º grau menor, sendo que 30% deles estão distribuídos entre a condição de alfabetizados à 4ª série e os outros na condição de analfabeto (44%). Na Tabela 3 apresenta-se a distribuição das idades.

**Tabela 5** – Distribuição dos moradores (B) por faixa escolar (52)

<b>Faixa escolar</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
analfabeto	23	44
1ª a 4ª série do 1º grau menor	22	42
5ª a 8ª série 1º grau maior	4	8
1ª a 3ª série do 2º grau	3	6
<b>total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

### 4.3.2. Os veranistas

Um percentual maior de sujeitos (77%) do grupo dos veranistas está concentrado na faixa etária que vai de 31 a 45 anos de idade, como exposto na Tabela 6, que apresenta detalhamento da distribuição por faixa etária.

**Tabela 6** – Distribuição dos veranistas por faixa etária (75)

<b>Faixa etária</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
21 a 30 anos	17	23
31 a 45 anos	58	77
<b>total</b>	<b>75</b>	<b>100</b>

Os sujeitos do grupo dos veranistas estão concentrados nas faixas mais altas de escolaridade, 72%, se encontram na condição de universitário ou com o 3º grau completo. A Tabela 7 expõe os detalhes, por faixa escolar.

**Tabela 7** – Distribuição dos veranistas por faixa escolar (75)

<b>Faixa escolar</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
5ª a 8ª série 1º grau maior	1	1
1ª a 3ª série do 2º grau	20	27
3º grau (completo e incompleto)	54	72
<b>total</b>	<b>75</b>	<b>100</b>

### 4.3.3 Os turistas

Um percentual maior de sujeitos (69%) do grupo dos turistas está concentrado na faixa etária que vai de 31 a 45 anos de idade, como exposto na Tabela 8, que apresenta detalhamento da distribuição por faixa etária.

**Tabela 8** – Distribuição dos turistas por faixa etária (42)

<b>Faixa etária</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
21 a 30 anos	13	31
31 a 45 anos	29	69
<b>total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>

Um percentual alto de sujeitos (97%) do grupo dos turistas está concentrado nas duas faixas mais altas de escolaridade, sendo que 57% deles estão entre os universitários ou com o 3º grau completo, conforme detalhamento a seguir (Tabela 9).

**Tabela 9** – Distribuição dos turistas por faixa escolar (42)

<b>Faixa escolar</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
5ª a 8ª série 1º grau maior	1	3
1ª a 3ª série do 2º grau	17	40
3º grau (completo e incompleto)	24	57
<b>total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>

## 4.4. Instrumentos utilizados

Para identificação das representações sociais foi utilizada uma abordagem pluri-metodológica, que articulou dois instrumentos de coleta de dados com dois de análise. Um primeiro par de procedimentos utilizou um instrumento de coleta de dados baseado em uma técnica de associação de idéias usada por Abric (apud. Alves Mazzotti & Mazzotti, 1997), com um instrumento de análise de dados, o software EVOC (Ensemble de Programmes Permettant l' Analyse des Évocations), utilizado por Vergès (apud. Sá, 1998). O outro par de procedimentos partiu de uma entrevista semi-estruturada, como instrumento de coleta, que foi analisada pelo software ALCESTE (Analyse Lexicale par Contexte d' un Ensemble de Segments de Texte), proposto por Reinert em 1990 (apud. Ribeiro, 2000).

---

A coleta de dados, tanto para a associação livre, como para a entrevista semi-estruturada, foi realizada em um mesmo contato com o entrevistado. A associação livre sendo realizada como momento inicial da entrevista. A proposta de aplicação das duas técnicas em um mesmo contato serviu para objetivar a realização da pesquisa, evitando a necessidade de retorno ao entrevistando. A ordem de aplicação das técnicas buscou evitar que os conteúdos discutidos na entrevista pudessem fornecer informações que viesse a influenciar na escolha dos elementos evocados pelos sujeitos na associação livre, com a perda da condição de espontaneidade que esta técnica possibilita.

Para efeito didático, no entanto, os procedimentos de coleta e de análise de dados serão apresentados em tópicos separados na relação com os instrumentos de análise utilizados.

Além dos instrumentos para apreensão das representações sociais foi realizada também, uma entrevista para apoiar os dados secundários utilizados na descrição e contextualização da dinâmica de ocupação e desenvolvimento do espaço em estudo.

#### **4.4.1. A associação livre**

A técnica da associação livre foi utilizada, inicialmente, com o objetivo de reduzir mecanismos psicológicos de defesa, favorecendo a produção de informações mais espontâneas, depois, para identificar os conteúdos das representações sociais delimitando a sua estrutura e organização, a partir da identificação dos elementos que compõem o seu sistema central e periférico.

Esta técnica, aqui utilizada, foi proposta por Vergès (apud. Sá, 1998, p. 52), para a pesquisa da estrutura das representações sociais, numa perspectiva quantitativa. Em sua base estão os estudos de Abric (apud. Alves Mazzotti & Mazzotti, 1997) para identificação da estrutura das representações a partir da associação de idéias, numa perspectiva qualitativa. Para este autor, esta técnica permite a identificação dos elementos constitutivos da representação, do seu conteúdo, sendo capaz também de sondar o seu núcleo estrutural.

---

---

Como Abric (apud. Alves Mazzotti & Mazzotti, 1997, p.18), Vergès (apud. Sá, 1998, p. 52) parte das palavras ou expressões fornecidas na associação livre. A ordem de evocação e a frequência com que as palavras são emitidas na associação livre permitem, de acordo com Vergès (apud Sá, 1998), a identificação do conteúdo e da organização das representações sociais. O universo semântico do grupo social é revelado. Isto porque, segundo Guarnier (apud. Ribeiro, 2000, p. 67) as representações sociais estão organizadas em um campo semântico como uma forma de conhecimento com estruturas estáveis, com elementos prenes de significados passíveis de expressarem-se a partir de um teste de associação de idéias.

#### 1) Procedimento de coleta de dados

A associação livre foi aplicada oralmente, uma vez que muitos dos entrevistados entre os moradores são analfabetos. A abordagem foi feita diretamente pelo pesquisador, casa a casa.

Os turistas (42 sujeitos) e veranistas (75 sujeitos) foram entrevistados em um período de 15 dias, na alta estação, entre os dias 9 e 23 de janeiro de 2001. Os sujeitos se mostraram receptivos, apenas os ocupantes de uma residência de veraneio, se negaram a participar da pesquisa. Os moradores, (sub-grupos A e B) também muito receptivos, foram entrevistados 5 meses depois, em um período de 14 dias, de 03 a 16 de junho, já na baixa estação, época em que se encontravam mais livres das ocupações com o turismo e o veraneio.

O procedimento para a coleta dos elementos da associação livre consistiu em solicitar ao sujeito que dissesse todas as palavras ou expressões curtas que lhes viessem à cabeça, a partir do termo *NATUREZA*, escolhido como indutor. Após a exposição dos elementos que o entrevistado associou á palavra indutora escolhida era solicitado, ao mesmo, que elegeisse hierarquicamente, as duas que, para ele, fossem as mais representativas da *NATUREZA*, as que estivessem mais próximas da *NATUREZA*. Estas palavras priorizadas serviram como elementos de apoio para a verificação da centralidade dos elementos da representação social.

---

---

É importante destacar também, que para esclarecer o que estava sendo solicitado, era informado que se estava “realizando uma pesquisa sobre como os moradores, os veranistas e os turistas (uma expressão para cada respectivo público) que vivem (ou freqüentam) as praias de Gamela e Guadalupe concebem a *NATUREZA*”, ou, “o que eles entendem como *NATUREZA*”, ou ainda, “para eles o que é a *NATUREZA*”.

## 2) Procedimentos de análise de dados

Para análise dos dados, recolhidos através da técnica da associação livre, utilizou-se o software EVOC, a partir do qual foi possível realizar a análise dos conteúdos evocados, possibilitando o delineamento da estrutura das representações sociais com a identificação de seus elementos centrais e periféricos.

Esta técnica permite a realização de uma análise de evocação, a partir das palavras ou expressões fornecidas na associação livre. Vergès (apud. Sá, 1998, p. 52) propõe a combinação entre a maior freqüência de emissão e a menor ordem de evocação das palavras ou expressões que, por sua saliência, constituem-se nos termos hipotéticos do núcleo central da representação, enquanto que os demais vão compor o sistema periférico, com termos que circulam de uma proximidade maior ou menor, em relação a esse núcleo.

Para Vergès, (apud. Sá, 1998, p. 52) esses termos são dispostos, a partir de sua saliência, em um quadro dividido em sentido vertical e em sentido horizontal, compondo assim quatro quadrantes.

Nos quadrantes do lado esquerdo do eixo vertical, estão os termos cuja ordem de evocação estão abaixo da média; nos quadrantes direitos, os que estão acima da média. Os quadrantes superiores e inferiores são ocupados em função da freqüência de emissão das palavras ou expressões. As emitidas mais vezes ocupam os quadrantes superiores, enquanto as outras, ficam nos quadrantes inferiores.

Os resultados da associação livre são dispostos a partir dessa orientação em um quadro (Quadro 1) composto de quatro quadrantes como modelo disposto a frente. No

---

primeiro quadrante estão os elementos mais frequentes e evocados mais prontamente em relação às palavras ou as expressões associadas ao termo indutor. Estes são os elementos de maior relevância e, portanto, são hipoteticamente os componentes da zona central da representação.

O segundo e o terceiro quadrante possui elementos menos salientes na estrutura das representações. Eles estão, com relação aos primeiros, numa posição inferior quanto à frequência ou quanto à ordem de evocação. Eles compõem a periferia próxima do núcleo central, ou os prováveis elementos do sistema periférico, constituindo-se, portanto, em conteúdo importante na organização das representações sociais.

**Quadro 1** - Disposição dos dados a partir da análise de evocação

	ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
F R E Q Ü Ê N C I A	1º Quadrante – Zona central	2º Quadrante – Periferia próxima
	Termos com > frequência de emissão e < ordem média de evocação (> prontidão na evocação).	Termos com > frequência de emissão e > ordem média de evocação (< prontidão na evocação).
	3º Quadrante – Periferia próxima	4º Quadrante – Elementos periféricos
	Termos com < frequência de emissão e < ordem média de evocação (> prontidão na evocação).	Termos com < frequência de emissão e > ordem média de evocação (< prontidão na evocação).

No quarto quadrante estão, portanto, os elementos com menor frequência e evocados menos prontamente, são menos salientes, correspondendo a uma periferia distante, uma segunda periferia. Estes elementos compõem a marca do sujeito, da individualidade nas representações, constituindo-se em “modulações individuais” (Abric, 1998, p. 32 e 33).

A análise de evocação, disponibiliza os elementos que hipoteticamente compõem a centralidade e a periferia da representação dos grupos pesquisados, os quais são ainda submetidos a um teste de confirmação da centralidade, a partir de uma nova análise, denominada Análise de Palavras Principais. Este procedimento consiste em comparar, a média dos elementos priorizados e hierarquizados pelos atores pesquisados no momento da

---

associação de idéias, em cada grupo, com os elementos do núcleo central identificados na etapa da análise de evocação.

A partir destas etapas de análise foi possível obter um indicador confiável da centralidade e da periferia dos elementos que compõem as representações sociais da *NATUREZA* estudadas. As etapas deste trabalho descritas neste sub-tópico foram realizadas no Departamento de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

#### **4.4.2. As entrevistas**

Dois tipos de entrevistas foram utilizados de acordo com os objetivos a seguir: 1) adquirir informações para descrição e contextualização do desenvolvimento histórico do espaço local, em função das atividades econômicas desenvolvidas, com aplicação restrita aos moradores e veranistas que vivem ou freqüentam a área há mais tempo 2) adquirir informações e posições, de cada sujeito, sobre a *NATUREZA*, na relação com pontos específicos das questões ambientais da área estudada. Esta segunda entrevista aplicada a todos os sujeitos favorece a produção de informações consideradas na análise dos resultados, no estudo comparativo dos grupos e na reconstituição dos processos de formação das representações sociais.

##### **1) Procedimentos de coleta de dados**

Com o objetivo de uniformizar os procedimentos, as entrevistas para abordagem das representações sociais foram realizadas nas mesmas condições da associação livre. Ela foi aplicada para os mesmos sujeitos e como já colocado imediatamente após a associação de idéias, portanto, nas mesmas condições de informações, registro, local e período. Esta entrevista é do tipo semi-estruturada possibilitando a livre expressão sobre cada tópico de interesse da pesquisa definidos pelas seguintes questões:

- O papel da *NATUREZA* na vida de cada um.
  - A relação *NATUREZA*/ambiente.
-

- 
- As preocupações, interesses, aspirações e perspectivas na relação com a *NATUREZA*.
  - As práticas e comportamentos frente à *NATUREZA*.
  - A relação *NATUREZA*/projetos turísticos para área.
  - A criação da APA de Guadalupe e a proteção da *NATUREZA*.
  - A *NATUREZA* local, ontem e hoje.
  - As expectativas de participação nas esferas de decisões sobre a utilização da *NATUREZA* no espaço local.

Além dos pontos antes citados, foram também solicitadas e registradas informações sobre os sujeitos, variáveis consideradas pelo ALCESTE, para localização dos sujeitos típicos das classes temáticas identificadas na análise textual deste programa. São elas: idade, escolaridade, área de conhecimento, atividade profissional, tempo que conhece ou reside na área, local de origem.

Quanto à entrevista para aquisição de informações de apoio à descrição da dinâmica de contextualização e desenvolvimento local, apenas dois sujeitos foram entrevistados: um dos atuais donos do sítio de coco de Guadalupe, (62 anos) e um dos antigos donos do sítio da Gamela, (71 anos). O conteúdo destas entrevistas não foi submetido a qualquer análise específica, ele apenas compôs o quadro de informações complementares que foram utilizadas na elaboração e redação do capítulo de caracterização e contextualização da área de pesquisa e de sua dinâmica de ocupação. A entrevista aplicada a estes sujeitos teve um caráter mais estruturado, porém sem eliminar a possibilidade da livre expressão sobre pontos de interesse do estudo. Ela utilizou o roteiro a seguir:

- Ano de aquisição da propriedade pela família, (Quantas gerações).
  - Como e de quem foi adquirida a propriedade.
  - Qual o objetivo da aquisição.
  - O que sabe da história do lugar antes da aquisição pela família, (atividades produtivas, fauna, flora, população).
  - O que sabe da história do lugar depois da aquisição pela família, (atividades produtivas, fauna, flora, população).
  - Quando foi introduzido o coqueiro, enquanto atividade produtiva na propriedade.
-

- Dinâmica populacional, (origem, chegada, atrativo, trabalho, alimentação, habitação, saúde, educação formal, transporte).
- Porque a família vendeu a propriedade, (pergunta para o ex-proprietário).
- Porque a família pretende vender a propriedade, (pergunta para o proprietário).
- Como vê a atual proposta de desenvolvimento e dinâmica de ocupação da área.

## 2) Procedimentos de análise de dados

As abordagens em representações sociais vêm utilizando recentemente a análise de dados textuais através de diversas metodologias de análise de conteúdo, incluindo procedimentos que contam com o auxílio da informática.

Para análise dos dados textuais recolhidos através da entrevista semi-estruturada foi utilizado um procedimento de análise que contou com um desses instrumentos, o software ALCESTE. Este software, foi aplicado aos dados, no Laboratório de Psicologia da Universidade de Brasília – UnB, pelo Doutorando em Psicologia Aldry Sandro Monteiro Ribeiro, orientado pela Profa. Dra. Ângela Maria de O. Almeida, que também contribuiu na análise dos resultados.

Este software é um programa de análise de dados textuais, que tem como objetivo a identificação da informação essencial contida em um texto. Para Ribeiro (2000, p. 1), o ALCESTE visa obter uma classificação estatística inicial de enunciados simples do corpus estudado, em função da distribuição de palavras dentro do enunciado, com a finalidade de apreender as palavras que lhes são mais características.

O ALCESTE realiza uma análise estatística, trabalhando com um arquivo único, tipo texto, denominado por Reinert (apud. Ribeiro, 2000, p. 68) de Unidade de Contexto Inicial – UCI. Estas unidades podem ser compostas a partir do conteúdo de uma grande diversidade de material textual como: questionários, entrevistas, textos literários ou outros. Essas UCIs são definidas pelo próprio pesquisador e nesse estudo cada uma foi composta pelo conteúdo de uma entrevista, que em seu conjunto formam um arquivo único que constitui o corpus desta análise.

---

Essas Unidades de Contextos Iniciais são decompostas em unidade menores denominadas Unidades de Contextos Elementares – UCEs e analisadas a partir do desenvolvimento das palavras no texto (unidade de contexto) e da regularidade com que essas unidades de contexto são emitidas (contexto tipo).

Uma análise estatística efetua uma classificação hierárquica descendente, projetando em um gráfico as classes lexicais identificadas e as oposições existentes entre elas, seguida por uma análise fatorial de correspondência, que apresenta em um plano fatorial estas oposições resultantes da primeira análise.

Essas classes são constituídas em função da distribuição dos vocábulos que compõem as unidades de contextos elementares. Segundo Reinert (apud. Ribeiro, 2000, p. 69) uma composição que está relacionada à interação sujeito/objeto, a partir da qual emerge as representações traduzidas em enunciados lingüísticos, cuja menor unidade é o traço lingüístico, que descreve a representação de cada sujeito. Nesse contexto, cada classe possui um conteúdo semântico homogêneo e específico, com significado único, como resultado de uma análise que considera as palavras mais freqüentes destacando-as com base no valor do  $\chi^2$  (qui-quadrado).

O cruzamento entre os resultados de algumas das etapas de análise do ALCESTE (classificação hierárquica descendente, descrição das classes e seleção das UCE mais características de cada classe) permite introduzir também uma perspectiva qualitativa. O contexto semântico é revelado a partir da reconstituição do discurso coletivo dos sujeitos, que considera a relação entre as palavras, a freqüência e percentual de emergência dessas e o seu significado considerando os enunciados que permitem identificar o contexto em que as classes de palavras se inserem.

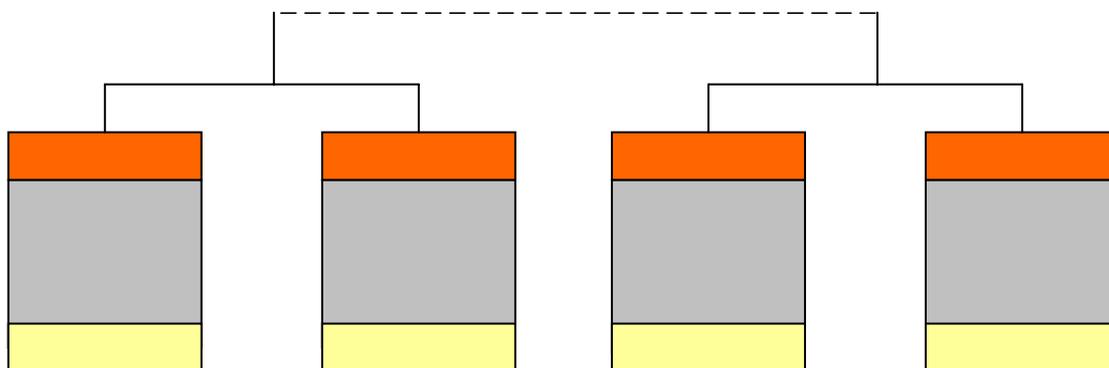
Os resultados são apresentados em um quadro síntese (Figura 1) da análise realizada pelo programa ALCESTE, abaixo apresentado como ilustração, com a seguinte composição: 1) o retângulo cinza é o espaço que apresenta as palavras representativas da classe; 2) o retângulo amarelo apresenta o percentual de contribuição de cada classe em relação ao corpus; 3) o retângulo alaranjado apresenta o título de cada classe, atribuído pelo pesquisador e 4) as linhas de ligações que representam as relações entre as classes,

---

sendo as relações fortes representadas pelas linhas contínuas e as mais fracas representadas pelas linhas pontilhadas.

Depois da apresentação dos resultados da classificação hierárquica descendente expõem-se os dados resultantes da análise fatorial de correspondência, realizada a partir das oposições existentes entre as classes lexicais reveladas nesta classificação hierárquica descendente. Uma análise que projeta as palavras analisadas em um plano fatorial, cruzando os fatores 1 e 2 com variáveis suplementares (sexo, idade, escolaridade, nível sócio-econômico, etc.).

**Figura 1** Modelo de quadro para apresentação das classes resultantes da análise do programa ALCESTE.



Procurou-se manter o rigor metodológico tratando os dados em sucessivas etapas de análise. Com relação à análise sócio-demográfica dos sujeitos, foram utilizados parâmetros de distribuição de frequência e de percentuais.

---

## CAPÍTULO 5.

### **Análise e Discussão dos Resultados**

As análises realizadas permitiram o reconhecimento de conteúdos, estrutura e processos de produção das representações sociais de *NATUREZA*, da população fixa e de dois grupos da população flutuante, que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe.

De acordo com os referenciais teóricos os resultados e as discussões estão apresentados em três fases de análise.

Na **fase 1** as análises envolveram todos os sujeitos, moradores, veranistas e turistas. O objetivo é a identificação do campo social, comum às representações sociais desses grupos. O referencial teórico que apóia esta etapa de análise é a hipótese de Doise (2000), de que, algumas significações mais generalizadas intervêm em relações simbólicas apropriadas a um dado campo social. Ou seja, circulam entres os membros de diferentes grupos sociais de uma mesma população conteúdos simbólicos comuns que definem um espaço relacional entre esses grupos.

Nessa fase de análise serão então destacados os significados compartilhados pelos diferentes grupos sociais pesquisados, em duas etapas, como a seguir: 1) Análise da estrutura da representação social, aplicada as respostas da associação livre com o apoio do software EVOG, permite três níveis de análise, das quais duas serão aqui realizadas. A análise de evocação que revela a estrutura hipotética da representação e uma análise de palavra principal que re-configura os elementos centrais, confirmando o núcleo central da representação social. 2) Análise do conteúdo da representação social, aplicada as respostas da entrevista semi-estruturada, com o apoio do software ALCESTE, que vai permitir uma classificação hierárquica descendente dos elementos analisados.

A **fase 2** vai apresentar o estudo comparativo dos grupos pesquisados. Os grupos são tomados separadamente para a análise dos dados, com o objetivo de se identificar às diferenças existentes entre eles. Os resultados desta fase serão apresentados na seguinte

---

---

seqüência: 1) Grupo dos Moradores (A); 2) Grupo dos Moradores (B); 3) Grupo dos Veranistas e 4) Grupo dos Turistas. O destaque principal será para a posição desses diferentes grupos sociais frente à *NATUREZA*.

Duas etapas vão estar, mais uma vez, presentes, também nesta fase de análise. Uma realizada com o apoio do software ALCESTE, a partir da análise fatorial de correspondência dos resultados das entrevistas semi-estruturadas, revelando as *oposições emergentes* da classificação hierárquica descendente do conteúdo destas entrevistas. A outra, analisa o conteúdo da associação de idéias com o apoio do EVOC, o que permite a identificação da estrutura das representações sociais através da análise de evocação e de palavra principal.

Esta segunda fase de análise proposta por Doise (2000) para identificação das diferentes posições entre os grupos coincide com o processo de objetivação proposto por Moscovici (1978). O objetivo é então reconstituir este processo a partir do estudo comparativo entre os núcleos centrais das representações sociais dos grupos pesquisados, revelados na aplicação do EVOC e confirmados com a análise da entrevista semi-estruturada a partir do ALCESTE. Este caminho vai permitir identificar diferenças na formação do núcleo central, que possam, apoiados pela análise fatorial de correspondência, dar sustentabilidade a hipóteses acerca da articulação de valores, atitudes (posições), necessidades e interesses no processo de inserção sócio-cultural dos sujeitos.

Em uma **fase 3** será feita a verificação do processo de ancoragem, quando se identificará as idéias, conceitos ou protótipos que estão na base das representações sociais da *NATUREZA*, além de se verificar as práticas e comportamentos que elas orientam, reconhecem e justificam. Esta análise revela as diferentes tomadas de posição nos sistemas de representações, crenças e normas sociais. O processo de ancoragem utiliza como referências princípios gerais e é responsável tanto pela significação de comportamentos individuais, como, dar suporte a comportamentos coletivos, possibilitando assim as diferenciações sociais.

## **FASE 1 - O Campo Comum das Representações Sociais da NATUREZA**

---

---

Esta pesquisa enfatiza o estudo da estrutura das representações sociais da *NATUREZA*, seu conteúdo e seus processos de formação: a objetivação e ancoragem, nos três níveis de análise sugeridos por Doise (2000).

O objetivo é verificar os sentidos e significados que orientam e justificam estas representações. O ponto de partida é a hipótese de que a identificação desses elementos é reveladora dos interesses e motivações subjacentes às interações sociais, dos grupos pesquisados com a *NATUREZA*.

Nesta fase a análise está centrada na identificação dos elementos comuns ao universo das representações sociais dos moradores, veranistas e turistas que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe. A possibilidade de que esses grupos compartilhem valores e idéias que orientam suas concepções da *NATUREZA*, em suas interações sociais, o que aponta para a existência de um campo comum dessas representações pesquisadas. Busca-se então em um momento verificar a estrutura dessas representações e em outro identificar os conteúdos que dão sentido e significado a essa estrutura definindo o campo comum dessas representações sociais da *NATUREZA*.

### **5.1.1. A estrutura das representações sociais**

A partir da orientação para verificar o campo comum das representações sociais da *NATUREZA*, elaboradas no espaço relacional, dos moradores, turistas e veranistas nas praias de Gamela e Guadalupe, todos os dados coletados foram submetidos a dois níveis de análises (análise de evocação e análise de palavra principal), buscando a identificação da organização estrutural do campo comum dessas representações pesquisadas. **1º nível – Análise de evocação.** Este nível de análise identifica os elementos centrais hipotéticos das representações sociais. O cruzamento entre frequência de emissão e ordem de evocação utilizadas pelos sujeitos em suas respostas é o critério definidor da relevância dos elementos em relação ao termo indutor, revelando a organização interna das representações. **2º nível – Análise de palavras principais.** Essa análise faz um cruzamento entre os resultados da análise de evocação com a análise das palavras

---

indicadas pelos sujeitos como as mais importantes. É um procedimento que testa a centralidade dos elementos evocados confirmando uma possível periferia da representação.

### **1º Nível – Análise de evocação: Elementos hipotéticos centrais e periféricos do campo comum das representações sociais NATUREZA**

Este nível de análise deve revelar, numa primeira hipótese, os elementos que organizam a representação social, entre todos os evocados pelos sujeitos, na associação de idéias.

O software EVOC dispõe os dados analisados, em quadrantes, com um eixo vertical que expõe a freqüência das emissões das palavras e um eixo horizontal que apresenta a ordem de evocação dessas palavras, como exposto na Tabela 10 – Anexo 3 e aqui exposto resumidamente no Quadro 2.

Como se vê o 1º quadrante, apresenta os elementos supostamente mais relevantes: *animais, animais do mar, beleza, lazer, mangue, mar, paz, plantas, preservação, sol, vida e árvore*, hipoteticamente os que compõem a zona, ou o sistema central da representação.

**Quadro 2** – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos pesquisados. (236).

	≤ 6,8	ORDEM DE EVOCAÇÃO	> 6,8
≥ 54	animais animais do mar beleza lazer mangue mar paz plantas preservação sol vida árvore		animais do mangue frutas nativas coqueiros
F/ < 54	ambiente animais domésticos ar puro areia bem-estar boa campo chuva céu degradação espiritualidade fruteira harmonia limpeza mata passarinho praia rio saúde sobrevivência sombra tudo verde		Deus alimentação amor aves cachoeira calma criação educação estrela felicidade flora flores lua madeira paisagem pedras pesca pessoas poluição respeito tema trabalho vento água

Segundo Abric (1998, p.31), o núcleo central das representações sociais é determinado pela natureza do objeto representado, pelos tipos de relações mantidas pelos sujeitos com o objeto e pelo sistema de valores e regras sociais presentes no ambiente ideológico circunstancial. O grupo assume os valores e as normas sociais do ambiente ideológico presente na significação e organização interna das representações. Os elementos desse núcleo têm uma função geradora de criação e re-significação, que lhes permite criar

---

e transformar significados, definindo e redefinindo sentidos e valores dos outros elementos da representação. O núcleo central tem também uma função organizadora que vai determinar a natureza das ligações entre os elementos. Além disso, é a base comum compartilhada por todos que compõe o grupo, sendo dotada de estabilidade e por tanto mais resistente a mudanças o que garante a permanência das representações em contextos evolutivos.

A análise dos resultados revela que os termos citados pelos sujeitos no 1º quadrante variam de elementos concretos naturais que compõem o cenário local a elementos naturais genéricos e termos abstratos que definem a *NATUREZA* com atributos qualificativos e como espaço de ação. As frequências e as ordens de evocação dessas palavras emitidas apontam para o elemento “mar” como o termo mais relevante apresentado.

No segundo e terceiro quadrante estão os elementos que compõem com o quarto quadrante a periferia das representações sociais. Como já abordado no capítulo três, esses elementos são responsáveis pelas adaptações a situações concretas, pela proteção do núcleo central e por modulações individuais. Eles são também, os elementos mais flexíveis da representação, orientando as posições dos sujeitos na sua relação com o mundo.

Os dois primeiros quadrantes do sistema periférico da representação são considerados uma periferia mais próxima e têm maior influência nos elementos nucleares, sendo assim, de mais relevância para as representações, quando comparado aos elementos do quarto quadrante.

Neste estudo, os elementos que aparecem nos segundo e terceiro quadrantes se articulam com os do primeiro, reforçando a presença do discurso de preocupação com a *NATUREZA* enquanto fonte de sobrevivência, de vida e de deleite: *ambiente, animal doméstico, ar puro, areia, bem-estar, boa, campo, chuva, céu, degradação, espiritualidade, fruteira, harmonia, limpeza, mata, passarinho, praia, rio, saúde, sobrevivência, sombra, tudo, verde, frutas nativas, animais do mangue, coqueiros.*

Os primeiros são os elementos destacados do terceiro quadrante. Eles são elementos com frequências relativamente baixas, mas, que possuem também baixa ordem de evocação. Os três últimos, destacados, do segundo quadrante, apesar de, em termos

---

---

comparativos, possuírem ordens de evocação muito altas possuem frequências tão elevadas que justifica sua inclusão neste destaque. Os elementos destes quadrantes são assim, os mais relevantes da periferia da representação social e se articulam com os do núcleo central associando-se ao sentido e significados já elucidados, numa aproximação inicial.

O quarto quadrante, teoricamente corresponde a uma periferia mais distante, com elementos de menor relevância, que ganham sentidos através dos termos: *Deus, alimentação, amor, aves, cachoeira, calma, criação, educação, estrela, felicidade, flora, flores, lua, madeira, paisagem, pedras, pesca, pessoa, poluição, respeito, terra, trabalho, vento e água*. Estes elementos aparecem nesta posição pelas suas baixas frequências e vão compor as características individuais e as adequações as situações concretas, confirmando a noção de periferia das representações sociais.

## **2º Nível – Definindo os elementos mais significativos do campo comum das representações sociais da NATUREZA**

Neste espaço de análise espera-se definir os elementos mais significativos do campo comum das representações, ou, a sua centralidade em relação ao total das emissões, através da análise de palavra principal, que considera as duas palavras identificadas pelos sujeitos como sendo as mais importantes no contexto das palavras evocadas, a partir do termo indutor *NATUREZA*.

A análise de palavra principal parte desses dois elementos selecionados pelos sujeitos, como os mais importantes, no momento da associação de idéias. Uma análise de frequência recupera então as palavras de frequências mais representativas ou mais elevadas dessas palavras consideradas mais importantes para os sujeitos (Tabela 11 – Anexo 4).

Depois da análise de frequência uma nova análise faz a confirmação dos elementos centrais e periféricos. Para isto é feita uma comparação entre as frequências totais de cada uma das palavras obtidas na evocação e as frequências das palavras principais selecionadas. Calcula-se a queda da frequência das palavras evocadas, identificando o

---

percentual de queda da primeira para a segunda frequência. A partir desta comparação chega-se aos prováveis elementos centrais e periféricos da representação.

O ponto de queda que separa os elementos mais e menos prováveis da centralidade é quase sempre a frequência média de 50%, como ponto limite entre a centralidade e a periferia. Neste caso, no entanto, como apenas o elemento bem-estar, que tem baixa frequência de evocação, aparece com queda de frequência abaixo de 50%, esta frequência média foi ampliada até a queda de frequência de 61% que inclui os dois elementos com frequência de evocação e de palavra principal mais elevada: *mar e vida*, como dispostos na Tabela 12. Provavelmente os que por suas frequências vão estar organizando o sistema ou núcleo central da representação.

**Tabela 12** – Elementos principais mais relevantes da RS da *NATUREZA* dos grupos pesquisados. (236).

Elementos	Frequência total de evocação	Frequência das palavras principais relacionadas	Queda da frequência %
Bem-estar	06	04	33
Vida	60	29	52
Deus	30	13	56
Mar	116	45	61
Água	38	13	65
Boa	10	03	70
Plantas	67	19	72
Poluição	08	02	75
Sol	56	13	77
Preservação	57	12	79
Mangue	55	11	80
Ar puro	10	02	80

**Nota:** Tabela composta pelos 12 elementos mais significativos (menor queda de frequência).

Uma análise comparativa entre os resultados da análise de evocação e da análise de palavra principal, como demonstrado na Tabela 13, apresenta os elementos *mar e vida* como centrais da representação social, por se confirmarem nos dois níveis de análises. Eles são então os elementos estruturantes na definição de significados e organização do campo comum das representações sociais da *NATUREZA* dos moradores, veranistas e turistas que interagem em Gamela e Guadalupe. Outros elementos como: *plantas, sol, preservação e mangue*, tanto por suas altas frequências, como por se confirmarem na periferia da análise de palavra principal têm também alta probabilidade de comporem a dinâmica central dessas representações. Eles estão, porém, numa periferia próxima do núcleo da representação, assegurando um espaço relacional, como mediação das intervenções no social, e das possibilidades de transformações das representações.

**Tabela 13** – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da *NATUREZA* dos grupos pesquisados. (236).

	<b>Análise de evocação</b>		<b>Análise de palavra principal</b>
<b>Zona central</b>	<b>mar</b> <b>vida</b> <i>sol</i> <i>mangue</i> animais animais do mar	<i>plantas</i> árvore lazer beleza <i>paz</i> <i>preservação</i>	<b>mar</b> <b>vida</b> <i>bem-estar</i> Deus Água
<b>Sistema periférico</b>	animais do mangue espiritualidade fruteira harmonia limpeza mata passarinho praia rio saúde sobrevivência sombra tudo	degradação verde frutas nativas coqueiros ambiente animais domésticos ar puro areia <i>bem-estar</i> boa campo chuva céu	Boa <i>plantas</i> poluição <i>sol</i> <i>preservação</i> <i>mangue</i> ar puro

Desta forma, os elementos *mar e vida*, enquanto estruturantes da representação, vão confirmando o sentido e significado de *NATUREZA* enquanto provedora, enquanto fonte de vida. Eles são os elementos mais estáveis da representação, determinam valores e regras sociais que definem sentidos e significados, geram condutas e regem comportamentos. Nesta ótica o termo preservação, por sua alta frequência e por se confirmar nas duas análises, embora que, em uma, na periferia próxima, parece estar influenciando a organização da representação, numa perspectiva mais central, incorporando-lhe o sentido da necessidade de preservação da *NATUREZA*, enquanto regra, enquanto lei. Estes sentidos associam-se a elementos de caráter mais funcionais, quase sempre na periferia da representação. Um espaço de mudança entre o velho e o novo e de mediação entre o interno (individual), e o externo (campo social), mas também e principalmente de ação e de prática social, aqui representado pelos termos, plantas, água, mangue, sol, como os elementos de mais altas frequências entre os periféricos e, portanto, mais representativo da prática social desses sujeitos.

Uma melhor compreensão e visualização destes sentidos e significados são reveladas a partir de uma aproximação do contexto semântico de inserção destes elementos: *mar, vida e preservação*, nas respostas dos sujeitos à entrevista semi-estruturada.

- 
- A NATUREZA como o **mar**, enquanto sinônimo ou um de seus elementos que é fonte de vida e trabalho:

*“A gente planta e a gente colhe da NATUREZA. Do **mar** sobrevivemos, tanta gente sobrevive dele. A NATUREZA da muito emprego.”*(Sujeito 07, morador B).

*“NATUREZA é todos os frutos, a **vida**, o **mar**, a terra, é como fonte de vida.”*  
(Sujeito 122, veranista).

- A NATUREZA enquanto o mar, demarcando espaço territorial:

*“A NATUREZA mudou muito aqui. Antes era totalmente uma mata. Morávamos na beira do **mar**, aqui era tudo mata, Mudou demais se a gente morava a beira **mar** e hoje estamos morando aqui!”* (Sujeito 74, morador A).

*“A NATUREZA mudou. Aqui onde estamos morando era mata. Eu morava na beira **mar** e hoje vivo numa vila!”* (Sujeito 101, morador A).

- A NATUREZA enquanto o mar. no contexto de preocupação com a preservação:

*“Não, tem que ter cuidado com o **mar**, com a maré, com o mangue, não jogar lixo.”* [Sujeito 34, morador (B)].

*“A NATUREZA mudou muito. Antes o **mar** tinha muito peixe, hoje é a maior dificuldade para comer um peixe. O mangue também foi destruído, colocaram veneno, acabou tudo, antes tínhamos com bonança.”* (Sujeito 80, morador A).

- A NATUREZA enquanto fonte de vida:
-

---

“A gente se preocupa muito, porque a NATUREZA é uma *vida* para nós, porque aqui o *mar* é limpo, o mangue também e se para frente poluir piora, vai ser muito ruim para nos aqui.” (Sujeito 104, morador A).

“O planeta terra é o planeta *vida*. E, para conservar essa *vida* é necessário: mais consciência e preservação. Não podemos ir de encontro a NATUREZA.” (Sujeito 209, turista).

- A NATUREZA que tem a vida enquanto sinônimo:

“É a própria *vida*. NATUREZA é *vida*, sem ela ninguém vive.” (Sujeito 167, veranista).

“A NATUREZA é *vida* e ninguém respeita. Eu respeito em primeiro lugar como sendo minha própria *vida*, sem ela eu não posso viver.” (Sujeito 232, turista).

- A NATUREZA enquanto foco de preocupação com sua preservação:

“Nesse lado seria bom, porque preservar é bom, não vai maltratar a NATUREZA, vai cuidar da limpeza e do meio ambiente que vai ficar direito, vai ser uma boa.” (Sujeito 25, morador B).

“A NATUREZA é saúde, bem-estar, preservação. Espero que venha mais preservação. Você vê os homens desmatando tudo, cada dia mais, isso só faz prejudicar.” (Sujeito 127, veranista).

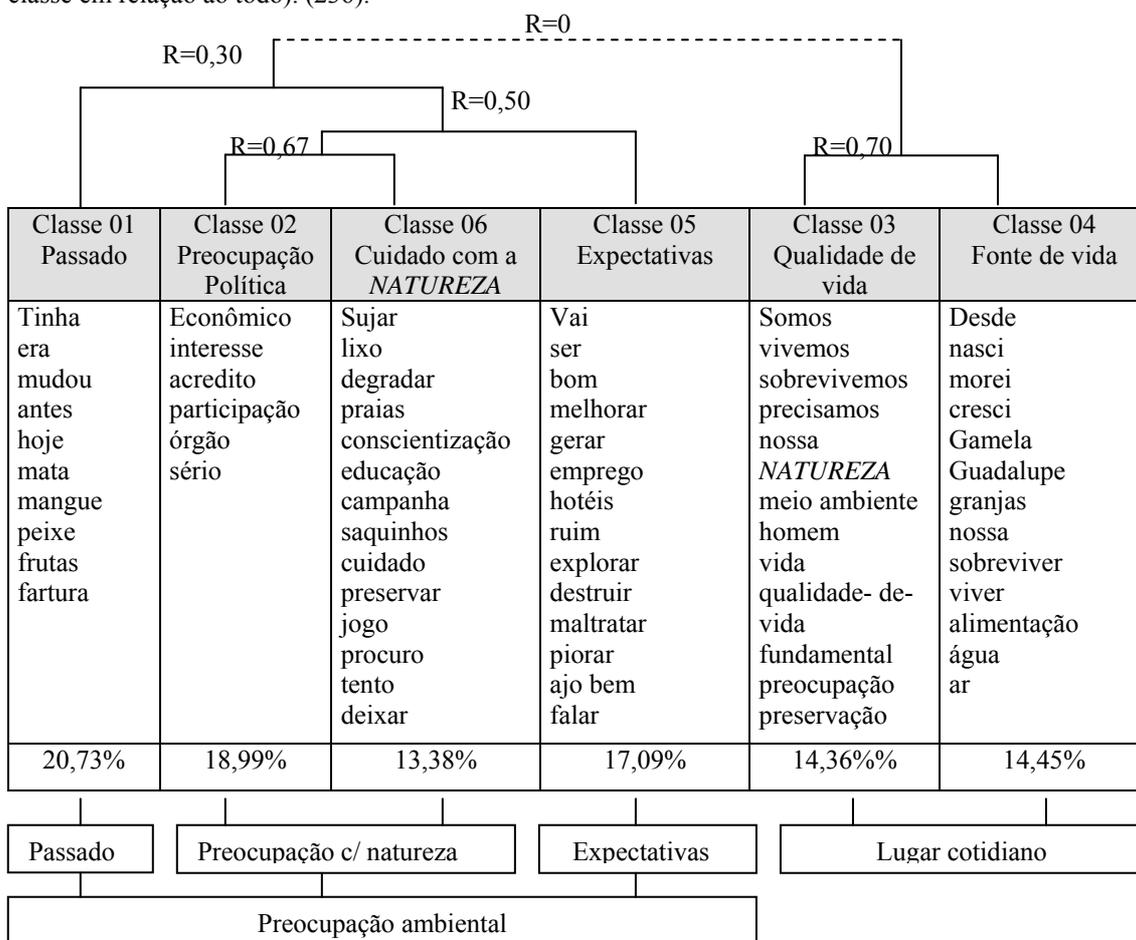
### 5.1.2. Os conteúdos das representações sociais da NATUREZA

A análise das entrevistas semi-estruturadas foi o percurso utilizado para a apreensão dos sentidos e significados que dão suporte ao campo comum das representações sociais da NATUREZA. Partiu-se de uma análise textual das produções semânticas dos sujeitos visando identificar as informações essenciais do texto, através do ALCESTE, com o

---

objetivo de identificar o conteúdo compartilhado nas relações sociais que se estabelecem entre os grupos pesquisados. Uma análise que revelou a existência de seis, classes de palavras, inter-relacionadas (Quadro 3).

**Quadro 3** – Estrutura do corpus de dados dos sujeitos, obtida na entrevista semi-estruturada, sobre suas relações com a *NATUREZA*, organizado em seis classes (Testes do  $\chi^2$  em cada classe e percentagem de cada classe em relação ao todo). (236).



As palavras que compõem cada classe foram selecionadas tomando-se como referência a frequência, o percentual de cada uma delas para sua respectiva classe e o seu “grau de significância”<sup>8</sup>. Além disso, foi dispensada especial atenção ao contexto em que

as classes de palavras estão inseridas na busca do acesso ao contexto semântico como elemento indicador de representações sociais.

<sup>8</sup> É calculado tomando-se como referência as associações das palavras em diferentes classes a partir da relação entre a expectativa de emergência e a emergência de fato dessas palavras em cada classe (cálculo do  $\chi^2$ ).

---

Como resultado da análise dois eixos de organização, que se estabelecem entre as classes foram revelados a partir do grau de relação definido em R. Um eixo apresenta quatro classes em diferentes graus de relações, que definem em seu conjunto uma preocupação ambiental. Este enfoque articula duas classes, a 2 e 6, que apresentam um grau significativo ( $R=0,67$ ), de ligações em torno da preocupação com a *NATUREZA*, e juntas, se relacionem num grau mediano ( $R=0,50$ ), com a classe 5, que encerra um sentido de expectativa. Estas por sua vez se conectam com a classe 1 por um grau de relação bem mais moderado ( $R=0,30$ ), que denota um sentido do que era a *NATUREZA* no passado. O outro eixo articula num grau também significativo ( $R=0,70$ ), as classes 3 e 4, e juntas, definem um sentido de lugar<sup>9</sup> cotidiano. Por fim estes dois eixos se encontram num grau de relação definido em  $R = 0$ , sugerindo inexistência de identidade entre si.

O primeiro eixo refere-se ao sentido de “preocupação ambiental” dos sujeitos, em função da introdução das atividades turísticas. Ele está organizado em torno da relação entre um “passado” (classe 1) nostálgico, de uma *NATUREZA* outrora provedora (tinha, era, mudou, antes, fartura), diante das “expectativas” (classe 5) com o futuro da utilização da *NATUREZA* (emprego, vai, bom, ruim, hotéis, destruir, piorar), revelando um forte sentido de “preocupação com a *NATUREZA*” (classe 6) (lixo, jogo, praias, educação, campanha, cuidado, preservar), e da “preocupação política” (classe 2), (interesse, econômico, participativo).

Já o segundo eixo articula em sua organização um sentido forte de “lugar cotidiano”, que denota uma posição de apego aos recursos da *NATUREZA* local, que denota no termo *nossa* uma resistência em relação a introdução do turismo na área. Ele articula, na classe 3, o discurso do veranista com o sentido da importância da preservação da *NATUREZA* local, enquanto “qualidade de vida”, numa perspectiva do lugar cotidiano. O contexto é de preservar a *NATUREZA* que é nossa (*NATUREZA*, homem, nossa, fundamental, preservação, precisamos, somos, sobrevivemos). Na outra classe (4), o discurso é típico do morador, e denota um sentido de fonte de vida, também marcado pela conotação do lugar cotidiano. A *NATUREZA*, enquanto aquele lugar deles, com o qual eles estabeleceram vínculos, onde nasceram, cresceram, viveram e se alimentaram (nossa, desde que nasci, vivi, cresci, alimentação, beira mar, Gamela, Guadalupe).

---

---

**Classe 6:** Cuidado com a *NATUREZA*

Esta classe apresenta um discurso típico do veranista, que expressa o cuidado com a *NATUREZA* na relação com o desenvolvimento da área a partir da introdução do turismo de massa. É um discurso que articula a sociedade e o meio com expressão centrada no cuidado com o lixo produzido e inadequadamente depositado na *NATUREZA*. Ele denuncia a agressão do homem a *NATUREZA*, o desmatamento, a poluição e a degradação em geral; denuncia também, com ênfase, o comportamento descuidado das pessoas, dos outros, ao sujar as praias, ao deixar o lixo produzido em qualquer lugar, na praia, no mar. Um discurso que reflete com muita força a necessidade de um trabalho educativo, de campanhas para a conscientização das pessoas na direção do cuidado para não degradar a *NATUREZA*: o mar, o mangue, a *NATUREZA* em geral, o coqueiral, as plantações. Todos são citados como *NATUREZA* ficando claro que para a maioria a *NATUREZA* é o ecossistema preservado, mas, são também, as plantações introduzidas pelos homens, as áreas verdes e, em especial, o coqueiral.

Na preocupação com a degradação o problema maior é o outro, o sujeito que fala, se diz quase sempre ambientalmente correto, pelo menos no que tange as suas possibilidades. Ele diz sempre tentar não sujar, não jogar papel no chão, levar sempre o saquinho para recolher o seu lixo e às vezes até o dos outros, fazer sempre a sua parte não sujando, não desmatando, não degradando, não destruindo a *NATUREZA*. Alguns acham que fazem pouco e gostariam de fazer mais, achando que todos podem fazer um esforço e dar a sua parcela de contribuição. Estes têm uma dimensão mais política da situação, compreendendo as responsabilidades das várias esferas sociais e os limites de sua ação no plano individual, tendo clareza da necessidade de ações coletivas que fortaleçam os vários setores da sociedade para a defesa da *NATUREZA*.

**Classe 2:** Preocupação política

---

<sup>9</sup> “O lugar possui um ‘espírito’, um ‘personalidade’ um ‘sentido de lugar’ que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência.” (Tuan, apud. Correa, 2001, p. 31).

---

---

O discurso desta classe, típico dos turistas e de alguns veranistas, é essencialmente político. Ele articula diferentes posições sobre a relação de força entre o poder econômico e a organização social. A *NATUREZA* apresenta-se como recurso natural para a apropriação da sociedade humana. Aparecem neste discurso os riscos da dominação econômica nas decisões sobre os rumos das intervenções na *NATUREZA*. Um jogo que segundo estes sujeitos atende aos interesses das classes que tem maior poder aquisitivo e político.

A credibilidade das pessoas, no entanto, encontra-se abalada. Para elas, os órgãos não funcionam. É questionado tanto o controle ambiental, como a efetividade e seriedade dos órgãos e das políticas públicas.

Para esta classe uma perspectiva é de que a participação e organização dos atores sociais podem ser uma saída ou apresenta-se como única saída possível para fazer com que a *NATUREZA* possa ser a prioridade no rumo das decisões quando da implantação das atividades econômicas propostas para a área. O discurso destaca então a credibilidade na possibilidade de sucesso dos trabalhos se ele de fato tiver um enfoque participativo.

#### **Classe 5: Expectativas**

Esta classe apresenta o discurso, típico do morador, em torno das expectativas com a implantação de um pólo turístico em Gamela e Guadalupe. A marca deste discurso é do conflito entre os aspectos positivos e negativos do turismo para a área. Entre os aspectos positivos está a expectativa com a geração de empregos e a melhoria da infra-estrutura local. O discurso é de que o turismo vai gerar outras opções de sobrevivência para a população e de que a vida dos nativos vai melhorar, com o surgimento de novos postos de trabalho no local. Outra vantagem para a comunidade é a implantação da infra-estrutura que eleva a qualidade de vida: o saneamento, o acesso, a comunicação, o transporte, a educação, a saúde.

Na zona de conflito entre as vantagens e desvantagens do turismo, aparecem questionamentos que envolvem a participação da população local e as conseqüências negativas do desenvolvimento do turismo. Há uma suposição de que os moradores da

---

---

região não seriam beneficiados, pois não estariam aptos a assumir os postos de serviços que são gerados, uma vez que o turismo de alto nível proposto para a área exigiria uma mão-de-obra com alto nível de qualificação, o que não corresponde ao perfil do morador local, cujo nível de escolaridade atinge, no máximo, o segundo grau em escola pública. Além disso, o desenvolvimento do turismo poderia provocar a destruição da *NATUREZA*, a perda da tranquilidade e a ameaça à segurança na medida em que é percebido também como veículo de aumento de marginalidade e criminalidade e de perda da tranquilidade da vida no lugar. Alguns sujeitos, inclusive, fazem referência ao fato de já ter havido mudanças neste sentido, uma vez que antigamente as pessoas podiam dormir de portas abertas, o que hoje não é mais possível.

### **Classe 1: Passado**

A tônica aqui é a da mudança. O discurso dos sujeitos é da transformação da *NATUREZA* e da vida local, marcado por um forte tom de nostalgia, com a lembrança de um tempo de fartura de pescados e de frutas nativas e regionais. Eles dizem que “tudo mudou muito, que antes eram muitos peixes, muitos crustáceos, muito tudo; no mar e no mangue. Havia também muita fartura de frutas e madeiras.” Uma riqueza em madeira, frutas, frutos do mar e do mangue citada por seus nomes vulgares, pelos moradores e veranistas na associação de idéias.

Os moradores com mais idade, e até os mais jovens, reeditando os primeiros, falam de uma época em que a mata ia até a beira do mar e de uma lagoa de águas límpidas que existia onde hoje está a vila dos pescadores, local de suas moradias que antes estavam na beira mar.

Este é um discurso típico do morador com uma presença marcante dos veranistas que freqüentam aquela praia há mais tempo. É o discurso da oposição entre a fartura que existia e a *NATUREZA* destruída de hoje, com uma forte marca de nostalgia.

### **Classe 3: Qualidade de vida**

---

---

Esta classe apresenta em seu discurso, a *NATUREZA* enquanto qualidade de vida, provedora das necessidades humanas. É um discurso típico do veranista e em algum sentido dos moradores. Ele está organizado em torno da importância da *NATUREZA* para as suas vidas enquanto homem. A marca maior é a da preocupação com a necessidade da preservação da *NATUREZA*. A *NATUREZA* é fundamental para as suas existências. “Somos, vivemos e sobrevivemos da *NATUREZA*. Precisamos dela para alimentação, para o descanso, para a saúde e até para o lazer.”

A ênfase maior está na preocupação com a *NATUREZA* local, com o lugar de suas moradias, ou de suas segundas residências, no caso dos veranistas. Um discurso marcado pelo sentido de territorialidade que destaca a necessidade de preservar a *NATUREZA* local com o objetivo de manter a qualidade de vida que tinham, preservando a praia, o mar, o mangue, as fruteiras, os coqueiros, o Outeiro (um pequeno morro com remanescente de mata de restinga).

#### **Classe 4:** Fonte de vida

Nesta classe está expresso um discurso organizado em torno de um sentido de lugar cotidiano. É criado um contexto semântico que destaca uma relação de propriedade com o lugar. O sentido expresso neste discurso é o da injustiça imposta aos moradores, por terem sido expulsos da beira mar, local em que moraram e viveram muitos anos, com o qual criaram vínculos de afetivos e de poder, denotando também um sentido de territorialidade<sup>10</sup>. Alguns moraram ali desde que nasceram até o momento da implantação do loteamento. Um espaço mais valorizado por estes sujeitos pela proximidade com o mar, onde guardavam suas jangadas e equipamentos de pesca, lugar hoje ocupado por barraqueiros, veranistas e turistas.

O destaque é para o forte tom do lugar, de uma *NATUREZA* que é traduzida em alimentação e fartura. A *NATUREZA* está expressa como fonte de vida, como fonte de alimento. Uma *NATUREZA* provedora, que também marca o conteúdo desta classe, com o discurso típico do morador que nasceu e cresceu na beira mar em Gamela e Guadalupe.

---

## **FASE 2 – As Peculiaridades Grupais Frente à Representação Social da NATUREZA**

Esta fase da análise vai possibilitar a identificação das peculiaridades, ou das diferenças entre as representações sociais de *NATUREZA* dos moradores (sub-grupo A e B), veranistas e turistas.

Como na fase 1 dois procedimentos de análise serão desenvolvidos: 1) análise fatorial de correspondência, que vai permitir a visualização das oposições resultantes da classificação hierárquica descendente a partir da “análise textual”<sup>11</sup> dos conteúdos da entrevista semi-estruturada; 2) análise da estrutura das representações sociais de cada um dos grupos estudados, que a partir das referências utilizadas e do modelo já aplicado, vai realizar a “análise de evocação e de palavra principal”<sup>12</sup>.

### **5.2.1. Oposições resultantes**

Um plano fatorial resultado da “análise fatorial de correspondência”<sup>13</sup>, permite em função da classificação hierárquica descendente visualizar as posições discursivas opostas, produzindo variáveis suplementares traduzidas do discurso das seis classes examinadas na fase anterior. Observa-se que o discurso dos sujeitos fica exposto em diferentes zonas que tem uma correspondência direta com o conteúdo específico de cada classe.

A projeção do plano fatorial (Figura 2 – Anexo 2), apresenta as palavras analisadas no cruzamento entre os fatores 1 e 2, projetando as variáveis suplementares (nível sócio-econômico, vínculo com o local e posição frente ao turismo), e as classes resultantes da análise de conteúdo.

---

<sup>10</sup> “Espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder.” (Souza, 2001, p. 78).

<sup>11</sup> Realizada com o apoio do software ALCESTE.

<sup>12</sup> Realizada com o apoio do software EVOC.

<sup>13</sup> Realizada com o apoio do software ALCESTE.

---

O resultado da análise apresenta as oposições resultantes que se revelam por um lado, nas tensões do nível sócio-econômico (favorecido X desfavorecido) e do vínculo com o local (permanente X flutuante); e, por outro, nas tensões das posições frente à introdução do turismo no lugar (resistência X flexibilidade). Uma análise que permite visualizar no plano fatorial de projeção dos dois fatores duas posições, ao mesmo tempo convergentes e divergentes entre si, acerca da *NATUREZA*.

**1. A NATUREZA como objeto de preocupação a partir de um olhar no passado –**

Uma *NATUREZA* que foi fonte de alimento, de saúde, de trabalho, de recursos naturais, de vida, encontra nos moradores de Gamela e Guadalupe (classe desfavorecida com vínculo permanente), um sentido de nostalgia com a saudade de um tempo de fartura e de preocupação com um futuro de escassez. Um discurso que, diante da possibilidade de introdução do turismo, oscila entre uma posição de flexibilidade e outra de resistência para o desenvolvimento, que no momento está representado pelo turismo. A primeira posição expressa no discurso dos moradores que utilizavam os fartos recursos naturais locais para sobrevivência de suas famílias, com uma posição parcial de resistência frente ao turismo, em função das dificuldades de vida da comunidade local. Assim, o turismo não é bem visto, pois, supostamente, vai destruir a *NATUREZA*, mas ao mesmo tempo poderia melhorar a vida das pessoas, gerando empregos. Mesmo assim a proposta é de que ele só pode ser introduzido com cuidado, com a proteção da *NATUREZA*, dos direitos da comunidade e de suas condições de vida. A posição de flexibilidade tem também a marca da nostalgia, a saudade dos recursos provedores que foram destruídos e estão cada vez mais escassos, porém, numa clara posição de abertura. Para estes moradores o turismo aparece como uma alternativa de sobrevivência e está gerando entre estes sujeitos grandes expectativas. Ele apresenta-se como uma nova fonte provedora para suas vidas, representa as oportunidades de trabalho e de emprego a ser gerado para a comunidade.

**2. A NATUREZA como objeto de preocupação a partir da proposta de criação do**

**pólo turístico de Guadalupe.** Uma posição de presente no discurso dos veranistas, turistas (classe favorecida e com vínculo flutuante na área) e de alguns moradores, que chamam a atenção para a necessidade de preservação, de seriedade dos setores sociais e da conscientização e educação para os usuários na relação com a *NATUREZA*. Um

---

---

discurso que também oscila de uma posição de resistência a uma posição de flexibilidade diante da introdução do turismo. Na perspectiva da resistência, o discurso de uma parcela dos veranistas é de preocupação com a necessidade de preservação, de conscientização, associado à condição indispensável de preservação da *NATUREZA* enquanto fonte de vida, para eles próprios (descanso, lazer) e para os moradores (sobrevivência). Numa perspectiva de flexibilidade, a presença do discurso do turista, de veranistas e moradores. Este é um discurso de flexibilidade, mas também, de extrema preocupação com a preservação da *NATUREZA*, o que aponta para necessidade imperiosa de um processo de conscientização, educação e da realização de campanhas educativas. Esse discurso apresenta também uma perspectiva política de preocupação com a *NATUREZA*. Ele destaca a possibilidade de dominação econômica, política e intelectual frente à fragilidade da organização social e do nível de educação e consciência da comunidade, como fatores importantes na direção de um modelo de sociedade que deve priorizar a preservação da *NATUREZA*. É ressaltada a necessidade da seriedade dos setores públicos e dos riscos de prevalecerem os interesses econômicos em detrimento da preservação da *NATUREZA* por ocasião da implantação do pólo turístico.

### **5.2.2. A estrutura das representações sociais dos diferentes grupos sociais**

A análise da estrutura das representações sociais, dos diferentes grupos sociais estudados, busca identificar as diferentes posições que caracterizam estes grupos em relação à representação social de *NATUREZA*, definindo assim os elementos do processo de objetivação dessas representações sociais. Ela será realizada, como já colocado, em dois níveis de análise, nos moldes utilizados para análise da estrutura da representação do campo comum aos grupos, e vai considerar, numa perspectiva de aprofundamento, os resultados já obtidos na análise fatorial de correspondência.

#### **5.2.2.1. O Grupo dos moradores (A)**

---

---

### **1º Nível – Análise de evocação: Os elementos hipotéticos centrais e periféricos da representação social da NATUREZA**

Os resultados da análise de evocação acenam com uma primeira hipótese dos termos que constituem a zona central e a periferia das representações (Tabela 14 - Anexo 5).

O primeiro quadrante registra os elementos que hipoteticamente constituem a zona central da representação: *animais do mar, mangue, mar, passarinho, planta e árvore*, entre os quais, os elementos *mar e planta*, por suas frequências e ordens de evocação parecem estar organizando a representação de *NATUREZA* dos moradores (A).

No segundo e no terceiro quadrante estão: *animais, animais do mangue, frutas nativas, coqueiro, animais domésticos, aves, beleza, boa, chuva, fruteira, mata, praia, rio, sombra e tudo*, constituindo uma primeira periferia hipotética e no quarto quadrante, uma segunda periferia apresenta os elementos: *alimentação, cachoeira, estrela, flores, lua, paisagem, pessoas, sol e vento*.

Os resultados revelam como termos centrais hipotéticos da representação elementos genéricos e específicos que integram a *NATUREZA* local, com destaque para os elementos *mar e planta*. Entre os termos da periferia próxima que possuem as frequências mais altas, estão vários que têm também estas características dos termos da zona central. Eles são elementos naturais genéricos ou específicos presente na área que sugerem um sentido e um significado forte de alimentação, de subsistência, de trabalho, de fonte de vida. Um sentido e significado que parece estar estruturando a representação social de *NATUREZA* para os moradores (A), em Gamela e Guadalupe.

### **2º Nível – Análise de palavra principal: Definindo os elementos mais significativos da representação social da NATUREZA**

---

Os resultados da análise de palavra principal (Tabela 15 – Anexo 6), apresentam onze elementos com queda de frequência inferior a 50%, cinco deles, porém, apresentam uma probabilidade maior de se constituírem em termos centrais da representação em função de suas frequências de evocação e de palavra principal. Os outros são termos que certamente vão integrar uma periferia próxima ou até mais distante da representação de *NATUREZA* dos moradores (A), por suas baixas frequências.

Na comparação entre as duas análises, de evocação e de palavra principal (Tabela 16), é possível identificar claramente quatro elementos prováveis de comporem o núcleo central na organização da representação. Estes elementos *mangue, mar, planta e árvore* se confirmam como elementos centrais nas duas análises realizadas.

Eles são elementos naturais genéricos e específicos, com presença forte em Gamela e Guadalupe. A *NATUREZA* se revela para os moradores (A), como fonte de vida, indispensável à existência, no contexto semântico de inserção dos termos *mangue, mar, planta e árvore*.

**Tabela 16** – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da *NATUREZA* dos moradores (A). (67).

	Análise de evocação		Análise de palavra principal	
<b>Zona central</b>	<b>Mar</b>		<b>mar</b>	<i>praia</i>
	<b>mangue</b>		<b>mangue</b>	<i>rio</i>
	<b>planta</b>		<b>planta</b>	sol
	<b>árvore</b>		<b>árvore</b>	vento
	<i>animais do mar</i>		<i>animais</i>	<i>Beleza</i>
	<i>passarinho</i>		<i>aves</i>	<i>tudo</i>
<b>Sistema periférico</b>	<i>animais</i>	<i>rio</i>	peças	<i>animais do mar</i>
	animais do mangue	<i>praia</i>	frutas nativas	chuvas
	animais domésticos	chuva	fruteiras	
	<i>aves</i>	sombra	coqueiro	
	frutas nativas	boa	mata	
	fruteira	<i>beleza</i>	flores	
	coqueiro	tudo	<i>passarinho</i>	
	mata			

“A *NATUREZA* é importante em tudo mesmo, apesar dos homens não perceberem direito. Aqui mesmo, por exemplo, a gente não depende muito das usinas, dá para viver do “mangue” e do “mar... A *NATUREZA*, quer dizer é o lugar da vegetação com todos os animais e tudo que você vê também realmente é *NATUREZA*, o mar, o mangue.” (Sujeito 53).

---

*“É muito importante porque nós sobrevivemos dela, dependemos dela. Temos como fonte de alimento o mar, o mangue. Temos a sombra das árvores para proteção. Temos muitos frutos para nos alimentar e temos a força maior que é Deus... A NATUREZA faz parte do globo, da terra.”* (Sujeito 68).

Este sentido de *NATUREZA* enquanto provedora é marcante, no contexto do conteúdo semântico dos elementos *árvore, planta, mar e mangue*. Um sentido e significado que aparecem, também, dissociados destes elementos nas respostas as entrevistas semi-estruturadas.

*“É porque é da NATUREZA que a gente come, que a gente veste. Eu para mim a NATUREZA é tudo.”* (Sujeito 63).

*“Porque a NATUREZA traz saúde, o ar puro, traz o verde, traz a vida.”* (Sujeito 92).

O sentido de *NATUREZA* enquanto fonte de recursos e de vida aparece também com uma conotação forte de trabalho.

*“A gente depende de muitas coisas da NATUREZA para viver. O homem para sobreviver depende do emprego. O pescador vai para a NATUREZA pescar peixe, aratu, lagostim.”* (Sujeito 102).

*“O ar, nossos recursos também sai dela. O trabalho, tudo sai da NATUREZA.”* (Sujeito 105).

A *NATUREZA* se revela para estes sujeitos, representada tanto pelos elementos nativos, enquanto ecossistemas, *a mata, o mangue, o mar*; como pela *NATUREZA* enquanto, elementos naturais exóticos; *coqueiros, árvores e plantas*, independentes de estarem em seu hábitat natural.

---

---

“O que mudou é que aqui, onde estamos, antigamente era uma lagoa, cercada de mata. Os coqueiros também estão se acabando e não estão replantando.” (Sujeito 62).

“Houve, porque nesse lugar aqui onde estamos morando só existiam fruteiras: mangabeira, cajueiro. Em Guadalupe tinha uma mata também que foi destruída. O coqueiral também está sendo destruído por causa das construções.” (Sujeito 65).

Todos estes sentidos e significados vão sendo re-editados, algumas vezes diretamente, outras vezes indiretamente, em diferentes momentos do discurso dos moradores (A) quando abordam outras questões relacionadas com a *NATUREZA* no contexto semântico das entrevistas. Um contexto que será sempre destacado após a identificação da estrutura das representações sociais de cada um dos outros grupos pesquisados, numa perspectiva comparativa.

#### **5.2.2.2. O Grupo dos moradores (B)**

##### **1º Nível – Análise de evocação: Os elementos hipotéticos centrais e periféricos da representação social da *NATUREZA***

Os resultados da análise da associação de idéias dos moradores (B) estão dispostos na Tabela 17 – Anexo 7 Eles fornecem uma primeira hipótese acerca dos termos centrais e periféricos dessas representações sociais.

No primeiro quadrante estão os elementos *planta, árvore e mangue*, entre os quais estão supostamente os mais relevantes ou os que integram o núcleo central da representação.

O segundo e o terceiro quadrante apresentam os que provavelmente compõe a periferia próxima da representação: *alimentação, animais do mangue, animais do mar, frutas nativas, coqueiros, mar, animais, animal domestico, boa, terra e água*. No quarto quadrante compondo uma periferia distante estão: *estrela, fruteira, lua, madeira, praia, tudo, vento e vida*.

---

Entre os elementos do primeiro quadrante, *árvore*, pode ser apontado inicialmente como o mais relevante da representação, por sua relativa frequência e baixa ordem de evocação. Os outros dois, *planta e mangue*, podem estar junto com o primeiro, compondo um sentido similar de *NATUREZA* enquanto a vegetação da área. *Planta e árvore*, enquanto elementos mais genéricos representando as fruteiras, os doces, os refrescos, as passas, a alimentação, o trabalho e o *mangue*, enquanto elemento de grande especificidade, representando os peixes, os crustáceos, os moluscos, a pesca, assim como a alimentação e o trabalho.

## 2º Nível – Análise de palavra principal: Definindo os elementos mais significativos da representação social da *NATUREZA*

Os resultados da análise de palavra principal indicados na Tabela 18 – Anexo 8 apontam para outros elementos na composição do núcleo central da representação social de *NATUREZA* dos moradores (B). São eles: *sol, mar e vida*, estes possuindo também as características de serem elementos da *NATUREZA* fortemente presente na área e de estarem também relacionados com as práticas de alimentação e de trabalho da comunidade local, que parece vivenciar a *NATUREZA* enquanto fonte de recursos e de vida.

Uma comparação entre os resultados destas duas análises confirma a inexistência de repetição dos elementos em nível central, como mostra a Tabela 19. Nenhum dos elementos se repete na outra análise, a não ser nas suas periferias próximas, como ocorre com os elementos *mar, sol e planta*, o que pode ser indicador de centralidade destes elementos.

**Tabela 19** – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da *NATUREZA* dos moradores (B). (52).

	Análise de evocação	Análise de palavra principal
<b>Zona central</b>	<b>Planta</b> árvore mangue	<b>Sol</b> <b>mar</b> vida
<b>Sistema periférico</b>	<b>mar</b> frutas nativas <b>sol</b> mata alimentação coqueiro	<b>planta</b> coqueiro água

	pesca animais do mangue animais do mar passarinho doméstico	terra boa animais animal	
--	---	-----------------------------------	--

Uma análise das frequências e ordens de evocação das palavras indicadas nas duas análises pode ser outro caminho para a identificação dos termos centrais. Esta alternativa aponta para os elementos *árvore*, *planta*, *mangue e mar*, como os mais prováveis de estarem organizando a representação social da *NATUREZA*, dos moradores (B). Eles parecem confirmar as análises anteriores da *NATUREZA* representada por estes elementos naturais, gerais e específicos, presentes em seu local de vida, com uma conotação aparente de fonte de alimentação, fonte de sustento, fonte de vida. Uma posição, que diante das diferenças nas análises de evocação e de palavra principal, só será confirmada com o resgate do contexto semântico de expressão destes elementos. Procedimento que encontra respaldo teórico em Abric (1998, p. 30), quando destaca a importância da dimensão qualitativa na definição da centralidade da representação.

*“Precisamos muito, sem a NATUREZA a gente não vive, porque a gente precisa das plantas, do mar, do mangue e da terra.”* (Sujeito 41).

*“A NATUREZA é importante, pois, os pobres pescam na maré e as mulheres no mangue, para viver. A gente aqui não compra comer do mangue e do mar.”* (Sujeito 36).

Para os elementos *mar e mangue* a análise se confirma, a *NATUREZA* representada por estes elementos é fonte de alimentação, de sustento, de vida. O elemento *árvore* aparece no contexto da quantidade de árvores, enquanto elemento da *NATUREZA*, que existia e não existe mais. Quanto ao elemento *planta* ou aparece como acima neste sentido geral e de fonte de ar ou como plantação. Estes sentidos, no que se refere aos dois últimos elementos não deixam de encerrar o significado de fonte de vida, já que, estão citados no contexto da *NATUREZA*, que reafirma sempre este sentido e significado no discurso dos moradores (B), como a seguir:

---

“A *NATUREZA* mudou. Eu cheguei aqui era tudo mata, agora tudo explorado, hoje tem muitos moradores, mudou muitas coisas, menos *árvores*, fruteiras, menos peixes, menos tudo.” (Sujeito 05)

“Nós respiramos sobre essas coisas, é o ar que respiramos. A plantação que nos comemos, as batatas, os legumes. Nós nos alimentamos da terra. A água para tomar banho. A praia para tomar banho salgado. O *mar* também dá peixe. Já o *mangue* dá aratu, siri. Nós vivemos dessas coisas, nós vivemos da *NATUREZA*.” (Sujeito 45).

O sentido de *NATUREZA*, enquanto provedora, fonte de alimentação, de recursos e de vida é reafirmado, e como no caso da representação dos moradores (A), ele tem também uma conotação forte de trabalho.

Estes são os mesmos significados que foram indicados como os mais importantes na organização da representação dos moradores (A). O contexto semântico destacado a seguir confirma o mesmo sentido e significado de base da representação do grupo dos moradores (A), também para este grupo. Um sentido e significado básico que possibilita uma semelhança ou identidade entre as representações sociais dos dois grupos de moradores.

“A *NATUREZA* é importante para a gente viver, é o emprego que a pessoa precisa, no *mangue*, no *mar*.” (Sujeito 22)

“A *NATUREZA* é importante para tirar o que a gente precisa para viver: a água, o ar que a gente respira, o sol, a lua, as estrelas, a chuva, as frutas.” (Sujeito 24).

O discurso dos moradores confirma a hipótese dos elementos *árvore*, *planta*, *mar* e *mangue* serem termos organizadores da representação social de *NATUREZA* dos moradores (B). Os dois últimos, no entanto, apresentam-se com uma força maior no contexto semântico destes sujeitos, enquanto representando a *NATUREZA* com este sentido de fonte de vida (alimento e trabalho). O que se reflete pela presença marcante desses dois ecossistemas na vida dos moradores (B) em Gamela e Guadalupe.

---

---

Uma análise geral que incorpore também os elementos prováveis de comporem a periferia da representação, confirma a hipótese defendida. Os elementos *mar e mangue* são os mais centrais na estruturação da representação, o que se justifica pela sua presença marcante na área enquanto ecossistemas preservados e pela sua função social na história de vida desses sujeitos. Esta posição se reflete e se confirma nos elementos da periferia próxima da representação, que se traduzem em elementos ligados às práticas sociais de alimentação (alimentação, animais do mangue, animais do mar, frutas nativas, frutas regionais, animais, mata, passarinho, planta, coqueiro, terra) e de trabalho (pesca, animais do mangue, animais do mar, frutas nativas, coqueiro).

*“Antes a NATUREZA tinha muito mais coisas, mais peixe, mais tudo. Quando pai ia pescar era muito peixe, era tudo mais, mais peixe, mais caranguejo, mais frutas. A NATUREZA era muito melhor, só se tirava um fruto quando estava maduro, tudo que se ia buscar tinha. Era muito siri, muito caranguejo. Quando o caranguejo andava muita gente pegava, dava para tudo mundo. Hoje as pessoas saem para pescar e não trazem nada. Antes tinha muito camarão, até nos macaios. A gente pegava muito camarão nos maceiós. Quando foi vendido acabou logo os maceiós. Caranguejo dava na salina, hoje o povo vai buscar bate o **mangue** todinho e não tem mais.”* (Sujeito 18).

Para Abric (1998, p. 31 e 32), os elementos do sistema periférico apresentam três funções básicas: concretização de ação, regulação das condutas individuais e proteção do núcleo central. Neste sentido o discurso, as práticas sociais desses sujeitos estão, a partir do contexto semântico produzido, revelando informações e atitudes que confirmam o sentido de *NATUREZA* enquanto provedora da vida, estruturada a partir dos elementos *mar e mangue, árvore e planta*.

Para estes sujeitos entre os elementos da *NATUREZA* local estão tanto os elementos nativos, quanto os introduzidos e o sentido de *NATUREZA* não está restrito a *NATUREZA* enquanto ecossistemas naturais independentes da relação com o ser humano. Aparece entre esses sujeitos o sentido de *NATUREZA* organizada, cuidada, limpa.

*“Não, se vier para organizar a limpeza é bom, porque tudo para organizar a NATUREZA é bom.”* (Sujeito 30).

---

---

“Até hoje eu ajo muito bem com a *NATUREZA*, não gosto de desperdiçar o que eu posso fazer para organizar eu organizo. Eu sempre cuidei bem dos coqueiros, dos cajueiros. As pessoas destroem e desperdiçam, eu tenho horror a essa qualidade de gente assim... Há isso é bom porque quanto mais cuidado e limpeza na *NATUREZA* melhor.” (Sujeito 21).

Este sentido e significado da *NATUREZA* enquanto fonte de recurso, fonte de saúde, fonte de trabalho, provedora da vida vai definindo algumas nuances e peculiaridade da representação de *NATUREZA* que se revelam no discurso desses sujeitos sobre a *NATUREZA* na relação com os tópicos abordados na entrevista semi-estruturada, posteriormente retomados na análise do processo de objetivação da representação social dos grupos pesquisados.

### 5.2.2.3. O Grupo dos veranistas

#### 1º Nível – Análise de evocação: Os elementos hipotéticos centrais e periféricos da representação social da *NATUREZA*

Uma primeira hipótese da centralidade e da periferia da representação social da *NATUREZA* dos veranistas é apresentada também a partir dos resultados da análise de evocação, como disposto na Tabela 20 – Anexo 9.

Numa primeira análise os elementos *mar e beleza* por sua alta frequência e baixa ordem de evocação parecem estar estruturando, junto com *paz, preservação e sol*, a representação social dos veranistas em Gamela e Guadalupe. Eles compõem, juntos com *animais, plantas, saúde e verde*, os elementos do primeiro quadrante da análise de evocação.

Na primeira periferia estão: *lazer, pessoas, vida, ambiente, bem-estar, céu, degradação, espiritualidade, frutas, coqueiros, harmonia, limpeza, mangue, peixe, praia, sobrevivência, vento e árvore*. Na segunda: *Deus, amor, aves, felicidade, flores, liberdade, litoral Sul, lua, mata, passarinho, poluição, rio, terra, tudo e água*.

---

---

Outros sentido e significado começam a emergir como diferença entre as representações sociais dos moradores e dos veranistas em Gamela e Guadalupe. Além dos sentidos de *NATUREZA* enquanto provedora, fonte de vida, similar para estes dois grupos de sujeitos, outros elementos como *descanso, paz, beleza e lazer* por suas altas frequências de evocação vão acenando, pelo menos, a princípio, para a emergência de outros sentidos e significados para a representação social destes veranistas.

## **2º Nível – Análise de palavra principal: Definindo os elementos mais significativos da representação social da NATUREZA**

A análise de palavra principal apresenta, na Tabela 21 – Anexo 10, os resultados que apontam para os elementos que tem uma maior probabilidade de compor a centralidade e a periferia da representações sociais de *NATUREZA*. O estudo de queda de frequência aponta para seis elementos com uma queda de frequência inferior a 50%, dois deles, no entanto, apresentam maior probabilidade de compor a centralidade da representação em função de suas frequências elevadas, “sol” e “vida”. Os outros com certeza estão na periferia da representação compondo alguma modulação individual, porque apesar de sua baixa queda de frequência, possuem frequências de evocação muito baixas, não sendo assim representativo do grupo.

A comparação ente as duas análises, de evocação e de palavra principal (Tabela 22), vai revelar a princípio como elemento central e estruturante da representação apenas o elemento *sol*. O que é muito simbólico para estes sujeitos, afinal, veranista é veranista e eles vão a praia preferencialmente no verão, estação da luz, do calor, do *sol*.

Quando se observa mais detalhadamente verifica-se que todos os elementos, destacados em *itálico*, prováveis de comporem a zona central na análise de evocação se confirmam na periferia próxima da análise de palavra principal. O mesmo acontece com os elementos hipotéticos centrais da análise principal, que a exceção do elemento *liberdade*, também se confirmam na periferia próxima da análise de evocação. Eles (*sol, mar, preservação, vida, paz, beleza, animais, plantas, saúde, verde, bem-estar, mangue e*

---

*sobrevivência*) seriam, portanto, elementos prováveis de comporem a centralidade da representação. Alguns destes elementos, porém, possuem freqüências de evocação muito baixas o que os impulsionam para uma posição mais distante na periferia da representação, como prováveis modulações individuais (*bem-estar, mangue e sobrevivência*). Outros elementos (*paz, beleza, animais, saúde, planta e verde*), apesar de possuírem altas quedas de freqüências, possuem freqüências de evocação tão altas, que são impulsionados para uma periferia próxima como elementos de mais influência da centralidade. Finalmente têm-se os elementos: *sol, mar, vida e preservação* como os elementos centrais e estruturantes da representação, tanto por se confirmarem nas duas análises, como por suas altas freqüências de evocação, como por suas baixas quedas de freqüências. Apesar dos dois últimos estarem um pouco acima da queda de freqüência de 50%. Além do que, todos aparecem compondo o contexto semântico desses sujeitos, de onde se destacam com muita força os elementos *vida e preservação*.

**Tabela 22** – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da *NATUREZA* dos veranistas. (75).

	Análise de evocação		Análise de palavra principal	
<b>Zona central</b>	<i>sol</i> <i>mar</i> <i>animais</i> <i>plantas</i> <i>verde</i>	<i>beleza</i> <i>paz</i> <i>saúde</i> <i>preservação</i>	<b>Sol</b> <i>mangue</i> <i>sobrevivência</i> <i>vida</i>	<i>bem-estar</i> liberdade
<b>Sistema periférico</b>	peessoas céu ambiente praia <i>mangue</i> espiritualidades peixe frutas árvore coqueiros	vento lazer <i>bem-estar</i> harmonia  <i>vida</i> <i>sobrevivência</i> degradação limpeza	Deus peessoas <i>planta</i> <i>verde</i> <i>mar</i> <i>animais</i> harmonia <i>beleza</i>	<i>paz</i> <i>árvore</i> <i>saúde</i> <i>preservação</i> poluição

“*Tudo, é o que respiro, é o que comemos, é o ar puro que respiramos, quando estamos aqui. Na cidade é uma desgraça. A NATUREZA é os pássaros contando. É o sol nascendo.*” (Sujeito 137).

“*É tudo na vida de uma pessoa. Sem ela ninguém vive. A NATUREZA dá a nossa vida em tudo: o sol, o ar, a lua.*” (Sujeito 160).

“*Eu adoro o mar. NATUREZA para mim é o mar e as flores.*” (Sujeito 149).

---

*“Eu não consigo conceber a idéia de NATUREZA sem esse respeito, sem a preservação.”* (Sujeito 175).

A NATUREZA vai assim se revelando, para estes sujeitos, mais uma vez, como provedora da vida, NATUREZA enquanto preservada, fonte de vida, mas não apenas enquanto *ar* para respirar, *alimento* para alimentar, mas também, *é saúde, é lazer, é beleza, é paz* que alimenta o lado espiritual da humanidade e a harmoniza com a vida em sua totalidade.

*“Paz de espírito, descansar um pouco, voltar-se para a família, uma redinha. NATUREZA é tudo.”* (Sujeito 185).

*“É fonte de recursos, de alimentação, de saúde, de lazer.”* (Sujeito 187).

*“É porque é através da NATUREZA que nós sobrevivemos. Se acabar a NATUREZA, acaba tudo. A NATUREZA é tudo, você tira o coco, os frutos, os alimentos e tudo mais que precisamos. É através dela que respiramos. Sem estas coisas nós não podemos viver. Até espiritualmente, a NATUREZA faz você crescer interiormente, no contato com ela.”* (Sujeito 141).

*“A NATUREZA é tudo. É fundamental para vida em si... Fico aqui porque é um recanto de paz e beleza.”* (Sujeito 166).

Esses sentidos e significados da NATUREZA vão a partir dos elementos centrais *sol, mar, vida e preservação* e dos outros já identificados, que compõem uma periferia próxima, estruturando a representação social de NATUREZA destes sujeitos e permeiam, tanto enquanto termo estruturante, como enquanto sentidos, o discurso destes sujeitos no contexto semântico da entrevista semi-estruturada.

#### **5.2.2.4. O Grupo dos turistas**

##### **1º Nível – Análise de evocação: Os elementos hipotéticos centrais e periféricos da**

---

## representação social da NATUREZA

Os elementos que compõem, em primeira hipótese, a zona central e a periferia da representação social de *NATUREZA* dos turistas estão dispostos, na Tabela 23 – Anexo 11, a partir da análise de evocação das palavras citadas por estes sujeitos, na associação de idéias, em resposta ao termo indutor *NATUREZA*.

Uma aproximação inicial aponta para os elementos *beleza e paz* como os mais centrais na organização da representação social de *NATUREZA* dos turistas, por suas altas freqüências e baixas ordem de evocação. Estes elementos juntos com *Deus, mar, saúde e vida* estão compondo a zona central da representação de *NATUREZA*, na análise de evocação.

Os elementos da primeira periferia são: *lazer, alimentação, ar-puro, frutas, harmonia, limpeza, meio ambiente, pessoas, plantas, praia, sol, tudo, água e árvore*. Enquanto na segunda periferia estão: *amor, animais, aves, campo, chuva, felicidade, infinito, liberdade, peixe, pescaria, preservação, vento e verde*.

Numa comparação com os grupos já analisados verifica-se que os elementos que compõem o universo da representação social dos turistas se diferenciam pela inexistência, nesse último grupo, de termos mais específico enquanto elementos naturais da área. Como frutas nativas, peixes do mar ou do mangue, mangue e até mesmo os coqueiros. Os termos apresentados têm, enquanto elemento da *NATUREZA*, um sentido mais genérico; sendo *peixe e mar* os que mais se aproximam em especificidade do contexto local, sem deixar de estar em um plano genérico. Os elementos *paz e beleza* que apareceram para os moradores como modulações individuais e para os veranistas numa instância periférica muito próxima dos elementos organizadores da representação, já caracterizando uma diferenciação em relação a estes grupos, aparecem agora, numa aproximação inicial, como elementos estruturadores da representação dos turistas. Elementos que em se confirmando na análise de palavra principal, pode está priorizando para a representação social de *NATUREZA* outro sentido e significado, outros valores. O sentido de *NATUREZA* enquanto fonte de energia e de vida na perspectiva da estética e do prazer ou até da espiritualidade.

## 2º Nível – Análise de palavra principal: Definindo os elementos mais significativos da representação social da NATUREZA

Esta análise vai revelar os elementos mais prováveis de estarem organizando a representação social de *NATUREZA* do grupo de turistas entrevistados em Gamela e Guadalupe. A Tabela 24 – Anexo 12 apresenta os resultados do estudo de queda de frequência que aponta para *Deus e vida* como os elementos que possuem maior probabilidade, por suas altas frequências, de estarem compondo a centralidade da representação enquanto elementos estruturantes. Os outros elementos que apresentam como estes dois queda de frequência inferiores a 50% (*meio ambiente, ar puro e verde*), possuem frequências de evocação baixas sendo impulsionados para a periferia da representação.

O estudo comparativo das duas análises de evocação e de palavra principal (Tabela 25), confirma um resultado muito próximo da hipótese inicial. Os elementos *Deus e vida* aparecem como organizadores da representação associados tanto aos elementos *beleza e paz* como aos elementos *mar e saúde* por suas altas frequências de evocação e por se cruzarem nas duas análises, mesmo que na periferia próxima. Desta forma os termos *Deus e vida*, associados a estes já citados, vão dando a representação social da *NATUREZA* dos turistas, um sentido e um significado principal de *NATUREZA* enquanto fonte de vida, na direção do alimento do prazer e do espírito. Os elementos da periferia próxima são então: *lazer, preservação, sol, árvore, ar puro, meio ambiente verde e tudo*. Eles foram definidos ou por terem frequências de evocação mais elevadas, ou, por se confirmarem nas duas análises de evocação e de palavra principal, mesmo que em nível das periferias próximas. Os outros: *alimento, frutas, harmonia, limpeza, pessoas, plantas, praia e água*, apesar de também estarem compondo a periferia próxima parecem estar mais próximos da periferia distante, por suas baixas frequências de evocação.

**Tabela 25** – Cruzamento entre as análises da estrutura da RS da *NATUREZA* dos turistas. (42).

	Análise de evocação		Análise de palavra principal	
<b>Zona central</b>	<b>Deus</b>	<i>beleza</i>	<b>Deus</b>	verde
	<b>vida</b>	<i>paz</i>	<b>vida</b>	<i>ar puro</i>
	<i>mar</i>	<i>saúde</i>	<i>meio ambiente</i>	
<b>Sistema periférico</b>	<i>meio ambiente</i>	água	sol	tudo
	sol	<i>ar puro</i>	<i>mar</i>	

	praia pessoas árvore plantas frutas	alimento lazer harmonia limpeza tudo	árvores <i>beleza</i> <i>paz</i> <i>saúde</i> preservação
--	---	--	---

Como se observa, aquele sentido de *NATUREZA* enquanto fonte de alimento continua aparecendo, mas, numa instância menos privilegiada da representação, provavelmente como modulação individual, o que aponta para uma inversão de sentidos e valores quando se comparam os termos estruturantes e periféricos da representação social dos turistas com os da representação social dos moradores, tendo na representação social dos veranistas uma instância intermediária. Um grupo social que pela sua proximidade com o contexto local, numa perspectiva temporal e vivencial, tem uma representação muito integrada a sentidos, significados e valores que destacam elementos naturais do meio, *sol e mar*, com o sentido de fonte de *vida e de preservação* enquanto *NATUREZA*. Mas, por outro lado, numa aproximação maior com os turistas, valoriza o seu vínculo de estrangeiro que busca na *NATUREZA a paz, a beleza e a saúde*, o contato com os *animais*, com as *plantas* e com o *verde*; uma condição de vida perdida a muito nos grandes centros urbanos.

A confirmação desses sentidos e significados atribuídos à *NATUREZA* enquanto *vida e Deus, beleza, paz, mar e saúde*, pelos turistas, podem ser melhor elucidados no seu contexto semântico que emerge das respostas a entrevista semi-estruturada.

“É o sentido da própria *vida*, eu ligo muito para a *NATUREZA*, para a *vida*.” (Sujeito 226).

“Para mim é tudo, é tanta coisa, é importante para nossa *saúde*, convívio, bem estar, *beleza e paz*.” (Sujeito 232).

Destes termos antes destacados na análise da estrutura da representação social da *NATUREZA* dos turistas e depois confirmados no contexto semântico de suas respostas a entrevista semi-estruturada, apenas *mar*, não aparece ou aparece citado por apenas um sujeito no contexto de diferenciação entre a *NATUREZA* e o ambiente.

---

“A *NATUREZA* é um termo complexo, engloba tudo, meio ambiente é uma parte da *NATUREZA*. O *mar*, por exemplo, é uma área da *NATUREZA*.” (Sujeito 217).

Desta forma, a presença destes primeiros elementos, reafirma uma representação social da *NATUREZA* estruturada a partir de um sentido que não é apenas o de fonte de vida enquanto alimentação e recursos materiais, mas, o de fonte de vida enquanto este sentido, e mais, o de alimento do espírito e do prazer, representado em sua essência, pela *vida* em toda a sua abrangência, o que, para estes sujeitos, inclui entre outros, os termos *paz e beleza*.

Uma diferença marcante entre as representações dos turistas, e especialmente, dos moradores é evidente. Os turistas não destacam os recursos naturais locais, os elementos naturais das praias de Gamela e Guadalupe para dar a *NATUREZA* o sentido de fonte de alimentação, fonte de vida. Apesar da identidade de sentido nesta direção a objetivação é feita, por estes sujeitos, a partir de elementos genéricos como: alimento, recursos, *saúde e vida*. Uma posição que se objetiva para os moradores, enquanto os elementos naturais do lugar: *o mangue, o mar, as plantas e as árvores* (elementos nucleares). Todos eles também com o sentido de fonte de vida, que supri as necessidades de alimentação, de recursos e de sustento dos moradores em Gamela e Guadalupe, traduzidos nos elementos da periferia: *as fruteiras, os coqueiros, os animais do mangue e do mar*. Desta forma a marca da diferença vai estar na emergência de outro sentido para a *NATUREZA* traduzido pelos termos: *beleza e paz*.

A *NATUREZA* é então para os turistas, fonte de vida e de bem estar, alimenta o corpo e o espírito. Atende aos instintos físicos e as sensações de prazer. Sentidos, significados e valores que emergem, como visto, também no contexto semântico da entrevistas.

Para concluir esta fase do estudo das diferenciações que se estabeleceram entre as representações sociais dos grupos sociais pesquisados vale destacar os pontos principais do processo de objetivação das representações sociais destes grupos, numa perspectiva comparativa. Os dois sub-grupos de moradores apresentaram uma mesma representação de *NATUREZA*, a categoria idade não foi suficiente para revelar diferenças. Eles traduziram a

---

---

compreensão, e o entendimento do que seja a *NATUREZA* nos elementos de sua prática social. Elementos que estão no seu dia-a-dia de ser e estar na *NATUREZA*: *o mangue, o mar, as árvores, as plantas*. Traduzidos em termos que definem a sua prática social: *os animais do mar e do mangue, as fruteiras, os frutos nativos o coqueiro, a mata, o sol, a sombra, o vento*. Elementos que, enquanto *NATUREZA*, como dádiva de Deus, tiveram e ainda têm sentido nas suas vidas como: *alimento, saúde, recursos, trabalho e vida, objetivados no mangue e no mar; nas árvores e nas plantas*.

Um prisma intermediário é apresentado pelos veranistas numa posição que os coloca mais próximos dos turistas, sem eliminar algumas identificações com os moradores, pelos anos de convivência nas épocas dos veraneios e temporadas esporádicas, o que se revela melhor no contexto semântico, com destaque para o interesse comum na conservação das condições e qualidade de vida do lugar em que vivem, ou passeiam.

Com relação aos termos estruturadores e aos sentidos da representação a aproximação maior é com os turistas. A construção do processo de objetivação dos veranistas está também vinculada a sua prática social. Por um lado *o sol, o mar, a vida e a preservação*. Traduzidos em sua prática por: *árvores, animais, frutas, coqueiro, sobrevivência, vento, beleza, paz, lazer, limpeza*. Elementos que têm um sentido e um significado em suas vidas. Uma prática social que se abre em um universo maior, além do veraneio em Gamela e Guadalupe. O que se expressa no termo *preservação* que está numa esfera da prática destes sujeitos entre a sua relação com o veraneio e com os veículos que traduzem o discurso ambientalista e científico (a mídia, a escola). Um termo que aparece com força na representação de *NATUREZA* destes sujeitos, pois além de compor o núcleo central desta representação, permeia o contexto semântico de todas as suas entrevistas. Aqui está bem caracterizado o fenômeno da objetivação, da naturalização descrito por Moscovici (1978). O termo preservação usado cientificamente, na área das ciências ambientais, totalmente incorporado ao discurso do senso comum destes sujeitos na direção da preocupação e do cuidado que eles têm com a *NATUREZA*. Um sentido objetivado pelos moradores no termo cuidado, que para os veranistas é traduzido com versatilidade em preservação. A objetivação aqui estaria na dimensão *do sol, do mar e da preservação da NATUREZA* enquanto *vida*, nas dimensões de satisfação do material do espiritual e do sensual.

---

---

Os moradores, apesar de seu contato com a mídia e com a escolaridade formal, no caso dos mais jovens, utilizam este termo em apenas 27% das entrevistas dos moradores mais jovens (A) e 6% das entrevistas dos moradores com mais idade (B). O termo mais utilizado por estes sujeitos com este sentido é “cuidado” que aparece em 62% das entrevistas dos moradores (A) e em 34% das entrevistas dos moradores (B). Sem falar de outras expressões (a *NATUREZA* está sendo destruída... Não pode acabar com a *NATUREZA*... etc.) muito utilizadas por estes sujeitos que também denotam este sentido de preocupação com a preservação da *NATUREZA*.

Para Moscovici (1978) a objetivação seria justamente a capacidade de transformar uma idéia, um conceito em algo concreto, real, sobre o qual exista um domínio cognitivo e uma coerência com critérios valorativos, condicionados a referências culturais do grupo. Este processo, por ele descrito, se consolida a partir da estruturação de um núcleo ou esquema figurativo, que corresponde ao núcleo central da representação social e como já abordado, organiza e coordena os outros elementos da representação de forma a naturalizá-los, torna-los materialmente e cognitivamente acessíveis à prática social dos grupos.

Os turistas vão também seguindo o seu processo de objetivação a partir de elementos de sua prática social, que lhes dão o domínio de compreensão e utilização da representação. Aparecem para eles *Deus e vida* que vão sendo traduzidos em: *beleza, mar, paz, saúde planta, água, ar puro, alimento, sol, praia, lazer, limpeza, preservação*. Mas uma vez o termo preservação que aparece no contexto das entrevistas deste sujeitos (76%), numa aproximação maior com os veranistas. Para os turistas, no entanto, a *NATUREZA* enquanto *vida* material, estética, afetiva e espiritual está objetivada em *Deus e vida, mar, beleza, paz e saúde*.

Outros termos do discurso científico e ambientalista que se relacionam com o objeto *NATUREZA* são também utilizados no contexto semântico das entrevistas dos turistas (77%) e dos veranistas (72%). O que é menos freqüente no discurso dos moradores (B) (19%) e (A) (40%). Números que apontam para a participação da escolaridade formal como elemento importante no processo de objetivação da representação social de *NATUREZA* destes sujeitos. Uma vez que, ela parece esta sendo elemento definidor dos

---

---

termos que objetivam a representação. Isto porque, os grupos que possuem um maior grau de escolaridade detêm percentuais mais altos de utilização de termos científicos, relacionados ao objeto *NATUREZA*, incorporados ao seu discurso do senso comum, enquanto os outros estão fazendo sua objetivação em elementos concretos do seu dia-a-dia. Uma condição que se adequa aos moradores (A), que apesar de não possuírem percentuais de utilização tão alto quanto os dos primeiros grupos, possui um percentual de utilização maior que o grupo dos moradores (B), diferenciados destes sujeitos pela idade e por seu grau de instrução formal. A primeira categoria, a idade, no entanto, não parece está influenciando a diferença, uma vez que os turistas e veranistas, também estão nesta faixa etária, o que aponta, então, para escolaridade como a categoria que contribuiu para a diferença deste elemento de objetivação, entre os sub-grupos (A) e (B) dos moradores. Um elemento que reforça a mobilidade das representações sociais que influenciadas pela educação formal apresentam diferenças.

Estes foram então os elementos de diferenciação e de identificação do processo de objetivação das representações sociais dos grupos entrevistados que definiram sentidos e significados; identificaram posições, valores e revelaram interesses desses turistas, veranistas e moradores acerca da *NATUREZA* em Gamela e Guadalupe.

### **FASE 3 – A Ancoragem das Representações Sociais da *NATUREZA***

O estudo da ancoragem das representações sociais da *NATUREZA* dos moradores, turistas e veranistas teve como referência à articulação entre as representações sociais de cada grupo pesquisado no quadro estrutural dos resultados obtidos nas várias análises realizadas e os elementos identificados no campo comum aos grupos (Quadro 4). Esta abordagem considera também as idéias e conceitos a eles atribuídos no contexto semântico de inserção dos sujeitos pesquisados.

No que concerne aos resultados, o estudo revelou que os moradores, turistas e veranistas partilham, como ponto de ancoragem, duas concepções de *NATUREZA*: a *NATUREZA* provedora e a *NATUREZA* degradada, ou, em processo de degradação, como referências para suas práticas sociais. Na primeira concepção a *NATUREZA* enquanto

---

provedora das necessidades humanas (fonte de sobrevivência, fonte de vida, fonte de desfrute estético e sensual). A *NATUREZA* para o ser humano, para suprir as suas necessidades. Uma concepção que se projeta em dois sentidos. Num primeiro sentido a *NATUREZA* para suprir as necessidades fisiológicas com destaque para a alimentação e o trabalho. Em outro a *NATUREZA* para suprir as necessidades do espírito e, ou, da sensualidade humana, destacando a paz, a estética, o prazer. Uma concepção que destaca ou não da presença de Deus como ser responsável pela criação da *NATUREZA*, para os seres humanos.

**Quadro 4** – Esquema síntese dos prováveis elementos centrais e periféricos das RS da *NATUREZA* dos grupos sociais pesquisados em Gamela e Guadalupe.

Morador (A) (67)	Morador (A) (B) (52)
pessoa boa animais domésticos aves tudo passarinho animais do mar coqueiro sol mata animais do mangue <b>mangue mar</b> fruteiras frutas nativas <b>árvore planta</b>	vida passarinho sol terra animais boa animais do mangue animais do mar pesca <b>mar mangue</b> coqueiros mata <b>planta árvore</b> frutas nativa água
Vida	Mar
beleza espiritualidade paz <b>preservação vida</b> árvore plantas coqueiro <b>sol mar</b> ambiente animais peixe harmonia sobrevivência lazer praia limpeza Deus pessoa saúde céu degradação	<b>vida beleza mar</b> sol praia lazer <b>Deus paz saúde</b> preservação limpeza harmonia água árvore tudo ambiente alimento ar puro pessoa
Veranistas (75)	Turistas (42)

Esta orientação está ancorada na concepção de que a *NATUREZA* existe para bem servir a humanidade. Na concepção destes sujeitos, não se sabe se só para isto, mas, com certeza para isto. Esta é uma concepção, já revisitada por muitos no decorrer da evolução da sociedade humana. Como já visto no capítulo 2, uma concepção que foi priorizada e destacada, entre outras, como guia para o pensamento oficial ocidental nos dois últimos milênios e que terminou por influenciar fortemente os rumos da relação sociedade/*NATUREZA*, no mundo ocidental.

Esta idéia permeia então vários momentos históricos, a partir das várias reedições desta concepção. Num movimento retrospectivo o ponto de partida é a antiguidade clássica, com Aristóteles (apud. Thomas, 1989, p. 21), para o qual nada na *NATUREZA* fora feito em vão e que tudo fora feito para servir ao seu ser superior, o homem, feito a imagem e semelhança de Deus. Na antiguidade tardia, os estóicos, também destacavam esta concepção: a *NATUREZA* existia unicamente para servir aos interesses humanos (Brown, 1991). Depois esta idéia foi reeditada por toda idade média, com Santo Agostinho

---

(final da idade antiga 354 – 430) e São Thomas de Aquino que também priorizaram esta ótica (Thomas, 1989). A idade moderna reafirma esta posição através de seus expoentes intelectuais, Bacon e Descartes. Para o primeiro o domínio da *NATUREZA*, perdido com o pecado original, será devolvido ao homem pela ciência. Já Descartes, afirmava a separação homem/*NATUREZA*, justificando o domínio ilimitado deste sobre esta, pela singularidade do primeiro, como único ser racional (Thomas, 1989). Outros expoentes, como Hegel e depois Marx, já no entardecer do mundo moderno, embora que, por outro caminho, o da negação da *NATUREZA*, ainda seguiam a tradição desta como algo inferior ao humano, que tinha sua existência na dependência da consciência humana. (Thomas, 1989).

A *NATUREZA* para estes sujeitos é boa. Ela doa seus recursos. Ela oferece tudo para a vida: os alimentos, as fruteiras, os peixes, a água, o ar, as árvores, as plantas, o mar, o sol, o mangue, a saúde, e até, a beleza, o lazer e a paz. É a verdadeira imagem do jardim do éden revisitado, o paraíso, perdido com o pecado original e restaurado após o dilúvio. Um espaço de satisfação e prazer. O que existe de ruim na *NATUREZA* pode ser cuidado e organizado para que ela perca cada vez mais a semelhança com o paraíso decaído do pecado original e adquira a performance do verdadeiro paraíso permitido por Deus aos homens, depois do dilúvio. A *NATUREZA* existe então para servir a humanidade; para ser modificada e utilizada.

A idéia da *NATUREZA* como expressão do belo e do sensual, origina-se de duas concepções diferentes. Uma concepção já trabalhada, para a qual a beleza da *NATUREZA* está no paraíso concedido aos homens após o dilúvio, e a outra, a beleza exótica e selvagem do romantismo. Neste último, uma concepção que buscava na beleza da rebeldia e nos contrastes da *NATUREZA* um espaço de estímulo à auto-reflexão, excluindo-lhe a visão puramente utilitarista. Um movimento, segundo Passmore (1995, p. 101), que é parcialmente responsável pelo estímulo a um olhar diferenciado para a *NATUREZA*. Na primeira idéia, uma beleza que vai sendo restaurada pelo próprio homem, o qual deve devolver a *NATUREZA* os contornos desse paraíso perdido, transformando em jardins as ruínas de um paraíso destruído pelo pecado de Adão. Em outro momento histórico, a *NATUREZA* é a própria negatividade, o homem deve proceder à sua humanização, fazendo-a perder sua selvageria, sua estranheza, tornando-a bela, transformando-a em jardins ou em fazendas. Uma beleza que dilacera, que destrói a *NATUREZA*, e que, talvez

---

---

possa ser a referência para a beleza natural tão propalada por grande parte das experiências divulgadas como turismo ecológico. De acordo com Passmore (1995, p. 96), diferentes matizes do mesmo pensamento. A primeira marcada por um pensamento comum à antiguidade cristã, a outra idéia, foi formulada por Hegel no final da era moderna.

Já o romantismo traduz a busca por uma *NATUREZA* que em sua selvageria, em seu exotismo apresenta-se como misteriosa e fantástica, elementos de fascínio para os românticos que buscam no sentimento, na subjetividade e na estética subverter a racionalidade predominante no classicismo. Uma *NATUREZA* que é buscada como ela é. Um misto de mistério e fantasia; de beleza e grandiosidade, de inspiração e auto-reflexão. Como se vê uma concepção menos utilitarista da *NATUREZA*, que parecia querer começar emergir por entre as fendas da sólida construção do antropocentrismo. Ela traduz uma oposição ao urbano, a cidade; a busca é pelo nativo, pelo exótico, pelo selvagem. Uma concepção enfatizada por alguns veranistas e turistas, no contexto semântico, quando se posicionam contra a implantação de um pólo turístico em Gamela e Guadalupe, uma vez que, o que procuram é justamente o nativo, o não organizado, o ambiente selvagem, marcado por aquele ritmo da vida nativa, que é determinada pela *NATUREZA*, pelo canto dos pássaros, pela luz do sol, pela direção do vento e pelas ondas do mar.

A segunda concepção da *NATUREZA* que permeia o campo comum das representações sociais é também marcante entre os moradores, veranistas e turistas: a *NATUREZA* degrada, ou em processo de destruição, de onde emerge o sentido imperativo da necessidade da responsabilidade para com a *NATUREZA*, para com a fonte de vida da humanidade. Nesta concepção o homem deve preservar, cuidar, respeitar a *NATUREZA*. Um apelo que surge como marca do discurso ambientalista, associado às dificuldades concretas da degradação ambiental, com a conseqüente perda da qualidade de vida da sociedade. Esta concepção, porém, não é de tudo nova. Ela tem raízes antigas e embora não tenha feito eco ao longo destes dois mil últimos anos de história, faz parte do ambíguo legado judaico-cristão.

Segundo Keith Thomas (1989, p. 29) durante todo este tempo os teólogos ingleses teimaram em desconsiderar as passagens do antigo testamento que sugeria o dever da responsabilidade humana para com a criação divina, tese também defendida por Passmore (1995, p. 93) que chama a atenção também para que nem sempre a *NATUREZA* tivera

---

---

como prioridade o homem. O primeiro autor lembra o trecho dos Provérbios, que ensinava que: o justo cuida da vida de seus animais e da parte de Oséias, em que estava implícito serem os animais partícipes da aliança divina (Thomas, 1989, p. 29). O segundo destaca o trecho do livro de Jó, que diz: Deus provoca chuva em terras onde não há homens, nas áreas selvagens, para satisfazer o chão desolado e gasto; para fazer brotar a erva tenra e a primavera e outro trecho destaca a pergunta de Paulo – Deus cuida das vacas? Pergunta que teria um sim como resposta (Passmore, 1995, p. 93). Um espaço de responsabilidade para com a *NATUREZA*. Passmore lembra inclusive que por muitos séculos, estas idéias de que tudo fora feito para o homem, foram interpretadas por uma ótica conservadora de que seria pecado transformar o que Deus criou, que o homem não teria esta autoridade.

As idéias que estão circulando na base das representações sociais de *NATUREZA*, dos grupos pesquisados, em Gamela e Guadalupe são um tanto quanto ambíguas. Elas denotam o conflito atual entre o modelo de desenvolvimento trilhado pela sociedade humana e a escassez e degradação dos recursos da *NATUREZA*, para sustentação deste modelo. Uma encruzilhada onde “todos querem salvar a *NATUREZA* se salvando, mas ninguém que ir a pé”.

Nesta encruzilhada os conflitos anunciados parecem estar sugerindo a busca por uma negociação entre o velho e o novo. De um lado o velho: a *NATUREZA* existe para suprir as necessidades humanas. Uma representação hegemônica, que vem se configurando e re-configurando por séculos e séculos, na relação com tantas outras, que se diluíram no confronto com os interesse dos setores e classes sociais, de cada época. Uma concepção totalmente arraigada à prática das várias classes sociais. Uma marca imprimida pelo modelo de sociedade, pelos modos através dos quais os grupos sociais e os seres humanos aprenderam a reproduzir a sua existência. Um espaço relacional, que está sempre definindo e redefinindo uma nova gestalt entre as representações da *NATUREZA* e da humanidade.

Neste rumo, os estoques pesqueiros estão no limite de sua exaustão; parte da restinga e do manguezal em Gamela e Guadalupe foi consumida pelo coqueiral, que atualmente junto com os dois primeiros também está sendo devorado pelo loteamento e pela infraestrutura viária. Agora, a expectativa é de mais uma onda de destruição, com as construções da rede hoteleira. Mas, a representação hegemônica da *NATUREZA* associada

---

---

á ideologia do progresso, agora na fachada do turismo ecológico, reafirma a necessidade de utilização da *NATUREZA*. O discurso agora é de um desenvolvimento sustentável, que deve trazer melhores condições de vida sem destruir a *NATUREZA*. A proposta é a melhoria da infra-estrutura e a geração de emprego. A prática, no entanto, parece seguir direção oposta a este discurso. Pelo menos, no que concerne a destruição da *NATUREZA* local, foram muitas as denúncias, nesta direção, feitas durante as entrevistas. Quanto ao emprego, até agora, nenhuma posição a respeito fora manifestada, afora alguns cursos para produção de artesanato dados para a comunidade local. Os trabalhadores empregados na construção das obras viárias vieram de fora, contratados pelas empreiteiras que realizaram as obras, porém, os sonhos nunca morrem e as expectativas nesta direção são enormes.

O novo é representado por este anseio de responsabilidade para com a *NATUREZA*, que como visto, não é tão novo quanto parece, pois é uma reedição de uma concepção que no passado não se constituiu em representação hegemônica por não se adequar aos interesses dominantes. Esta concepção revisitada agora é, no entanto, tratada como nova. Ela surge do contexto da ansiedade humana frente à crise ambiental. Tanto tem origem no antigo testamento, com uma orientação divina, como na ciência com uma orientação naturalista. É o grito de preocupação, de representantes de todos os setores sociais, que se vêem diante de uma degradação cada vez maior de sua qualidade de vida e das denúncias dos crimes ambientais, tão alardeados pela mídia. Está é uma concepção que permeia o discurso ambientalista, o discurso da mídia e o da ciência oficial. A degradação é cada vez maior, a *NATUREZA* está sendo destruída. Os satélites denunciam, a cada imagem, a destruição de novas áreas de floresta. Os estudos científicos comprovam o aumento dos níveis de poluição e de degradação ambiental. E quem está destruindo a *NATUREZA*? A resposta dominante aponta para o *HOMEM*, divinizado ou naturalizado. A mídia faz o eco mais forte nesta direção. É o crivo da ideologia dominante. O fato é que a *NATUREZA* está sendo sempre destruída por alguém, por algum ou alguns homens. Uma posição que apareceu claramente na entrevista. Os sujeitos diziam sempre ser o outro, ou os outros, os destruidores da *NATUREZA*. O eu não existe. Neste contexto o grito pela responsabilidade está também diluído na dimensão do outro, ou dos outros. A presença da dimensão sociedade humana, modelo de sociedade é destacada superficialmente apenas por aproximadamente 25% dos sujeitos pesquisados.

---

---

A representação social hegemônica da *NATUREZA*, para estes sujeitos parece viver um momento de crise, de conflito, de um lado a boa *NATUREZA*, provedora, a ofertar seus recursos; de outro a *NATUREZA* degradada por um homem mau, um destruidor, insaciável na utilização dos recursos naturais, ao qual se cobra à responsabilidade para com a primeira.

Uma representação de *NATUREZA* positiva, a *NATUREZA* edenizada, o paraíso ofertado por Deus, oposta à imagem do homem, que de sua generosidade usufrui. O ser humano, o outro, que no contexto das entrevistas, encarna o verdadeiro pecado original, é demonizado. Ele é mau, um destruidor da *NATUREZA*. Um contexto de conflito, por um lado a oferta, a *NATUREZA* para utilização e por outro a censura por sua utilização. Um espaço relacional, mediado pela alteridade, que vai definindo o eu e o outro, o nós e a *NATUREZA*, na construção e reconstrução das representações sociais da *NATUREZA* e da humanidade. Espaço de delineamento tanto das identidades individuais quanto grupais, de onde emerge as diferenças.

Com relação a estas diferenças, o foco vai estar nas diferenciações grupais. Os resultados revelam que a princípio os grupos estudados compartilham as mesmas concepções na construção das representações sociais de *NATUREZA*. Apesar desta orientação, emerge da comparação entre eles, diferentes enfoques, em função das diferenças de escolaridade, do nível sócio-econômico e do tipo de vínculo estabelecido com o lugar.

Para os moradores o destaque é para a *NATUREZA* provedora na dimensão física que se encontra objetivada nos recursos naturais locais: o mangue, o mar, os animais do mangue e do mar, as árvores, as plantas, as frutas nativas, o coqueiro. A dimensão espiritual é presença marcante no contexto semântico, objetivada em Deus como o criador da *NATUREZA*, o lado sensual aqui aparece apenas como modulações individuais. O vínculo com a *NATUREZA* está estabelecido a partir de suas práticas sociais na luta pela sobrevivência, que faz utilização direta destes recursos para a reprodução de suas vidas. A percepção é da dimensão de utilização prática da *NATUREZA* através de referências funcionais como pescar, plantar, se alimentar, trabalhar.

---

---

No que concerne ao apelo da responsabilidade para com a *NATUREZA* parece começar a emergir uma referência mais normativa. Estes sujeitos trazem para o contexto semântico muitas ilustrações de destruição da *NATUREZA* local. Os depoimentos são sempre na direção de que antes a *NATUREZA* era mais rica, tinha de tudo com fartura, uma evidência de que o homem está destruindo a *NATUREZA*. Um contexto de onde emerge a cobrança da responsabilidade, no sentido do apelo de que é preciso, de que se deve cuidar da *NATUREZA*; de que não se pode deixar destruir mais a *NATUREZA*.

Os outros sujeitos, os veranistas e turistas destacam a mesma concepção de base dos dois primeiros grupos de moradores, mas, como já colocado, com algumas diferenciações. Na concepção da *NATUREZA* enquanto fonte de vida, a ênfase vai além da dimensão física e espiritual eles trazem o lado sensual da relação homem/*NATUREZA*. Outra diferença vai estar no plano da objetivação, estes sujeitos utilizam em suas expressão para dar sentidos e significados as suas concepções da *NATUREZA* elementos que são cada vez mais genéricos, mais distantes de uma relação concreta de subsistência com os recursos naturais locais, tanto no contexto da análise da estrutura, como do conteúdo semântico. Os elementos destacados revelam outro tipo de vínculo na relação com o lugar, expressos em termos como: sol, mar, coqueiro, mangue, peixe, frutas, árvores, animais, beleza, paz, lazer, preservação (veranistas) e vida, mar, árvore, planta, alimento, água, sol, beleza, paz, lazer, preservação (turistas). Como se vê, o segundo grupo ainda mais do que o primeiro.

Uma diferenciação que se estende também para a dimensão estrutural da análise. Diferente dos primeiros, estes dois grupos, veranistas e turistas, já colocam na estrutura da representação social a concepção da preocupação com a degradação da *NATUREZA*. Um sentido que só aparece para os moradores no contexto semântico de abordagem. Com uma diferença também no que se refere à perspectiva da objetivação. Para os moradores a objetivação é feita em termos como: destruir e cuidar. Os outros sujeitos, os veranistas e os turistas, além de abordarem esta dimensão da responsabilidade e da preocupação com a *NATUREZA* já no contexto estrutural, fazem a objetivação em termos como: degradar e preservar. Elementos que pelo contexto semântico de emissão estão destituídos do significado científico a eles atribuídos pelas ciências ambientais, especialmente quando se refere ao termo preservação. Eles apresentam, então, o mesmo sentido e significado de

---

---

destruir e cuidar usado pelos dois primeiros grupos, com a mesma carga normativa, de que é preciso, de que tem, de que se deve cuidar da *NATUREZA*, de que ela não deve ser destruída.

Uma aproximação, agora, na direção da comparação entre os veranistas e os turistas vai ainda apontar para uma diferença que já se revela na abordagem estrutural. A concepção da preocupação com a degradação ambiental aparece como mais central para os veranistas, representada pelo elemento preservação, enquanto os turistas têm sua maior preocupação na dimensão estética e sensual da *NATUREZA* provedora, é a preocupação com o seu lazer, trazendo para a centralidade da representação os termos mar, vida, beleza, paz. Diferente dos veranistas, que centram sua grande preocupação na degradação da *NATUREZA* local. Como os moradores, eles têm uma percepção aguçada de que a *NATUREZA* local está sendo destruída. Neste sentido, os veranistas apresentam uma posição de mediação entre os moradores e os turistas. Eles, como os moradores, também destacam a destruição da *NATUREZA* local a partir de ilustrações concretas. Isto é obvio pelo tempo e tipo de vínculo que estabelecem com o local. Já, quanto aos termos utilizados, a relação mais forte, como já abordado, é com os elementos apresentados pelos turistas, se diferenciando apenas em relação à posição de centralidade ou periferia em que estes termos têm destaque na representação.

Este sentido de preocupação, de responsabilidade e de imposição na direção da proteção da *NATUREZA* está expresso na necessidade de instalação de um processo de educação para o desenvolvimento de uma consciência crítica na direção da preservação da *NATUREZA*, tanto para os veranistas, como para os turistas. Ele é, no entanto, uma concepção muito mais forte para os primeiros, evidência de sua preocupação com a destruição da *NATUREZA* local, seu lugar, seu refúgio de beleza, tranquilidade e paz.

Uma concepção que pela lógica deveria apresentar-se com mais força para os moradores, que destacam na concepção de *NATUREZA* provedora o sentido de sua sobrevivência. Posição que denota a flexibilidade, destes sujeitos, por um espaço de negociação entre a perda de um pouco mais da *NATUREZA*, que já não é mais tão provedora, e, o ganho de uma nova opção de sobrevivência e até de melhoria das

---



---

direção da mudança da representação da *NATUREZA*, altera-se a representação da humanidade. O que revela um espaço relacional onde se efetiva a gestalt das representações humanidade/*NATUREZA*. Uma gestalt em movimento, que se configura a partir das mudanças das representações sociais da *NATUREZA* e da humanidade, definidas e redefinidas na busca de relações mais equilibradas entre a sociedade humana e a *NATUREZA*.

---

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem das representações sociais vem sendo utilizada enquanto orientação teórica e instrumento de pesquisa para o estudo de vários objetos e categorias analíticas, por muitas áreas do conhecimento, entre as quais pode-se destacar a psicologia, a antropologia, a sociologia e mais recentemente a pedagogia. Ainda mais embrionária é a utilização desta ferramenta em estudos na perspectiva interdisciplinar das ciências ambientais. Alguns estudos começam a ensaiar tal perspectiva, ao aproximar-se da relação homem/*NATUREZA*, sociedade/*NATUREZA*, enquanto categoria analítica.

Com base nesta abordagem teórica o interesse deste trabalho foi verificar as possibilidades de utilização do estudo das representações sociais de *NATUREZA* como instrumento para a gestão e educação ambiental. A idéia de partida é de que diferentes grupos sociais constroem diferentes representações sociais da *NATUREZA* em função do tipo de relação que estes grupos estabelecem com este objeto a partir de seus conhecimentos, de suas práticas sociais e da forma como se apropriam dos recursos ofertados pela *NATUREZA* para reprodução de suas vidas. Representações, que não seriam de tudo diferentes pelas marcas comuns a elas impressas através de representações hegemônicas (ideologia dominante). Uma base comum marcaria as diferentes representações e práticas sociais: valores, interesses, sentidos, e significados; definindo e redefinindo as interações entre grupos sociais diversos no curso das construções do ambiente.

A partir deste tronco norteador o estudo foi direcionado para verificar as representações sociais dos moradores, veranistas e turistas que interagem nas praias de Gamela e Guadalupe, na APA de Guadalupe, com a finalidade de fundamentar a utilização deste referencial teórico e prático como instrumento para a gestão e educação ambiental.

As hipóteses foram confirmadas, as representações analisadas apresentam tanto elementos de diferenciação como de identidade entre si. Os elementos de identidade emergiram da relação entre os diferentes elementos estruturadores das representações e

---

---

uma mesma base ideológica que destaca como comum aos grupos o sentido de *NATUREZA* enquanto fonte de vida para o homem, definindo uma orientação marcada por referências ideológicas. As peculiaridades grupais são estruturadas a partir de diferentes elementos, aos quais vão sendo atribuídos também diferentes sentidos e significados que definem identidades, posições, conhecimentos, valores, interesses, motivações e práticas sociais subjacentes às inserções sociais de cada grupo. A *NATUREZA* foi sendo traduzida então como alimentação e trabalho, como paz, beleza e lazer ou até como cuidado e preservação.

A análise das peculiaridades grupais revelou, também, que das duas categorias básicas utilizadas para identificação das diferenciações entre os grupos apenas uma apresentou resultados. A categoria idade, utilizada somente para o grupo de moradores, não interferiu nos resultados. Os sub-grupos dos moradores (A) e (B) apresentaram identidade nas representações sociais de *NATUREZA*. A outra categoria definida, denominou os sujeitos como morador, veranista e turista. Ela foi constituída a partir do tipo de vínculo e de relação que estes sujeitos tinham com o lugar, apresentando resultados que estão, no entanto, inter-relacionados com outras categorias identificadas, como nível sócio econômico e escolaridade.

O grande traço de identidade entre os grupos está apoiado nos elementos da ancoragem que marcados pela ideologia dominante justificam as atuais práticas sociais dos diferentes grupos pesquisados. Um espaço revelador de referências ambíguas, espaço de transformação, que destaca um conflito entre o velho e o novo. No velho a presença de elementos cristalizados traduzidos na concepção da *NATUREZA* boa, que existe para suprir as necessidades humanas. No novo a *NATUREZA* degradada por um homem mau, descolado de seu modelo de sociedade, ao qual se cobra a responsabilidade para com a primeira. De um lado uma representação social hegemônica que vem permeando os últimos dois mil anos de história da relação sociedade humana/*NATUREZA*; no outro, uma representação, que mesmo em processo de transformação ou reconstrução, já apresenta sinais de uma trilha de dominação e dos caminhos na direção de sua hegemonia, quando descontextualiza este ser humano de seu modelo de sociedade, imprimido-lhe ainda, a culpa pela destruição da *NATUREZA*.

---

---

Um espaço que de acordo com estes resultados se projeta como relacional. O estudo das representações sociais do objeto *NATUREZA* está sempre nesta dimensão relacional de onde emerge não apenas o objeto *NATUREZA*, mas, a relação, a categoria analítica humanidade, sociedade humana/*NATUREZA*, encontro do eu e do outro, do nós e da *NATUREZA* na construção e reconstrução de novas gestalts desta relação. Um encontro já revisitado em diferentes épocas e lugares por Brown (1991), Thomas (1989), Passmore (1995) e Arruda (1998), entre tantos outros. Os trabalhos destes autores foram retomados neste estudo para destacar o papel que as representações hegemônicas da *NATUREZA* e da humanidade têm exercido na dominação de povos, classes e setores sociais no percurso de construção desta relação. Nesta ótica, resgata-se também a posição de Passmore (1995, p. 98) quanto à importância do pensamento racional e da ciência para apropriação do objeto *NATUREZA*, nesta dimensão relacional. Posição, que se coaduna com a perspectiva científica de possibilidade de transformação das representações sociais da *NATUREZA*, guiados por um processo educativo que tenha por base uma orientação científica do objeto *NATUREZA* e do processo do conhecer.

O contexto de reflexão dos resultados obtidos abre também espaço para se pensar, sobre os limites e dificuldades existentes para aplicação deste referencial teórico a ação teórica e prática da educação ambiental. Inicialmente aparece como dificuldade a pouca produção de trabalhos na área – representação social/educação ambiental – que alimente o espaço de crítica e reflexão gerando novos avanços e contribuições. Depois, a dificuldade da identificação de metodologias de pesquisa e análise adaptada aos interesses e objetivos da ação da educação ambiental.

Nesta direção os resultados vão revelando outras constatações. Agora uma reflexão acerca da metodologia utilizada para coleta e análise dos dados por este estudo e uma proposta de adaptação desta. Uma proposta que busca avançar no aprimoramento da utilização das abordagens metodológicas orientadas pela teoria das representações sociais para as ações em educação ambiental, que inclusive pode ser orientada para outros objetos. O objetivo é melhorar a compreensão das relações entre representação social da *NATUREZA* e prática social.

---

---

Esta proposta esta respaldada por um lado na posição de Moscovici (2000, p. 14), que destaca a complexidade e elasticidade da teoria das representações sociais como sinônimo de fluidez e de possibilidades de adaptação à diversidade de problemas a resolver e de novos fenômenos a descrever e explicar. Uma elasticidade que se estende também aos enfoques metodológicos utilizados. As metodologias e técnicas de pesquisa não devem ser um fetiche. É necessário se buscar possibilidades alternativas e múltiplas, poder contar com as análises quantitativas, sem eliminar a riqueza das aproximações qualitativa e participantes.

No outro lado, está a importância do entendimento da dimensão teórica e prática das interações sociedade/*NATUREZA* para ação da educação ambiental. Um espaço de preocupação, que em se tratando do senso comum é foco de interesse também da teoria das representações sociais. Neste sentido, a relação entre representação social da *NATUREZA* e a efetiva prática social dos grupos com a *NATUREZA* precisa ser melhor compreendida, para que estratégias e conteúdos educativos adequados possam ser efetivamente identificados e aplicados.

A proposta é direcionar o estudo das representações sociais para dois focos: O que é a *NATUREZA*? e, quais as práticas sociais dos sujeitos para com a *NATUREZA*? Uma orientação perfeitamente adaptável aos instrumentos de coleta e análises de dados utilizados. Para o primeiro ponto (O que é a *NATUREZA*?), o contexto semântico a ser produzido pelos sujeitos, para análise pelo ALCESTE, deve ter origem na análise de palavra principal a partir da associação de idéias, revelando em que sentido as palavras priorizadas pelos próprios sujeitos são *NATUREZA*. Um procedimento já utilizado por alguns pesquisadores. Procedimento ao qual deve estar associado um novo procedimento que analise numa dimensão relacional esta produção com a produção de um contexto semântico relativo ao segundo ponto (Quais as práticas sociais dos sujeitos com a *NATUREZA*). Uma análise que pode também contar com o apoio do software ALCESTE. Estes procedimentos podem garantir a produção de dois blocos de conteúdos para uma análise comparativa, constituindo-se em um fértil espaço para compreensão das relações que se estabelecem entre as concepções e as práticas sociais frente à *NATUREZA*, dos sujeitos pesquisados.

---

---

Além desta primeira reflexão acompanhada de uma proposta de adaptação metodológica para melhor compreender este espaço entre representação social da *NATUREZA* e a efetiva prática dos grupos sociais, outro ponto de reflexão merece especial atenção para aplicação desta abordagem.

Trata-se de uma referência aos cuidados que devem ser tomados pelo pesquisador para evitar, por um lado, a dimensão subjetiva de sua análise, e por outro, buscar enxergar para além do que o sujeito pode estar querendo filtrar nas suas informações com base em seus valores e interesses, ou até, com base no que ele está entendendo que se quer ouvir. Esta é uma referência que está diretamente relacionada aos procedimentos e referenciais metodológicos a serem utilizados. Uma decisão a ser tomada com base na adequação entre as condições e objetivos da pesquisa, as possibilidades metodológicas disponíveis e as características dos sujeitos a serem pesquisados. Possibilidades, que de acordo com as orientações teóricas e práticas das abordagens em representações sociais se abrem tanto para os métodos quantitativos, como qualitativos, e na melhor das hipóteses, para abordagens pluri-metodológicas que possam garantir maior segurança dos resultados.

Outros pontos, que se coadunam com os princípios norteadores da educação ambiental, foram reafirmados neste contato inicial teórico e empírico com a abordagem das representações sociais. Eles reforçam a importância desta abordagem na ação da educação ambiental e alguns deles merecem destaque: a ótica da complexidade e plasticidade; a orientação interdisciplinar e intersubjetiva; a perspectiva relacional individual/social; a constatação da existência do espaço relacional dialógico entre o senso comum e o conhecimento científico e o caráter dinâmico das representações sociais que se abre à possibilidade de mudanças na ação social.

Todas estas constatações anteriores confirmam a fertilidade deste espaço de produção de conhecimento. Orientação imprescindível a uma ação de educação e gestão ambiental coerente com os princípios da interdisciplinaridade, respeito à diversidade cultural e adequação à realidade e aos conteúdos e conhecimentos das comunidades e públicos a serem envolvidos em uma ação educativa, que tenha como perspectiva estimular o processo de construção de um pensamento crítico, acerca da relação sociedade humana/*NATUREZA*. Um processo que pressupõe o diálogo entre o conhecimento

---

---

científico e o senso comum da *NATUREZA* e da humanidade, na direção da construção de representações sociais, destes objetos, mais adequadas as soluções dos problemas ambientais em foco.

Os conhecimentos produzidos estão colocados em duas dimensões aplicativas. Uma primeira como resposta às hipóteses específicas, que produziram os conhecimentos acima resumidos para utilização na ação educativa e gestora local. Numa segunda, a dimensão que responde à hipótese geral deste trabalho e acena na direção da viabilidade de utilização da teoria das representações sociais da natureza como um instrumento de ação teórico e prático para estas e outras situações de gestão e educação ambiental, coerente com princípios e orientações teóricas e metodológicas que também permeiam a perspectiva de abordagem das ciências ambientais.

Neste sentido, considera-se importante a realização de novos estudos que possam fortalecer estas diferentes dimensões. Na primeira duas perspectivas se revelam: a) a realização de uma abordagem educativa, organizada a partir dos dados obtidos no presente estudo, para os grupos já pesquisados, um espaço de consolidação da aplicabilidade deste referencial teórico e metodológico; b) a necessidade de pesquisa para o conhecimento das representações sociais da natureza dos outros grupos sociais que interagem na APA de Guadalupe, com a finalidade de realizar uma ação educativa e gestora, em toda a unidade de conservação, mais crítica e comprometida com um processo de apropriação e reconstrução do “real”, integrando os diferentes valores, sentidos e interesses de todos os grupos sociais na busca de um agir e conhecer a natureza, mais coerente com a realidade dos problemas locais do ambiente e a gravidade da crise ambiental global.

A outra dimensão extrapola os limites da APA de Guadalupe. O objetivo é ter a relação humanidade/natureza, nas mais diferenciadas situações de encontro, como categoria analítica para o estudo das representações sociais da natureza constituindo-se num espaço crítico para o conhecer e reconhecer a natureza nesta perspectiva relacional, condição que se apresenta imprescindível à ação crítica, teórica e prática, da gestão e educação ambiental.

---

---

Nesta direção este trabalho teve a pretensão de contribuir com o aprofundamento da discussão acerca da utilização da teoria das representações sociais como um dos referenciais teóricos e instrumentos metodológicos para o conhecimento das representações sociais da natureza que se constitui no espaço relacional sociedade humana/natureza no percurso da construção do ambiente e da realidade da questão ambiental.

---

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. *A Abordagem Estrutural das Representações Sociais*. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 1. ed. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.

ALVES e SILVA, Lúcia Maria. *Sucesso e Fracasso em Educação Ambiental – estudo de caso de uma ação de educação ambiental da CPRH*. Monografia apresentada ao curso de especialização em educação ambiental, UFMT. Cuiabá, 1994.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação*. Em Aberto. Brasília, 1994. ano 14, n. 61, jan/mar.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & MAZZOTTI, Tarso Bonilha. *Projeto Integrado – Representações Sociais e Epistemologia*. Departamento de Fundamentos da Educação – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

ANDRADE, Maria Antônia de Alonso. *A Identidade como Representação e a Representação da Identidade*. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (orgs.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 1. ed. Goiana: AB, 1998. p. 141-149.

ARRUDA, Angela. *O Ambiente Natural e seus Habitantes no Imaginário Brasileiro: Negociando a diferença*. In: ARRUDA, Angela (org.). *Representando a Alteridade*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 17-46.

BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: ARIES & DUBY (Dir.) *História da vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. v. I.

COMPANHIA PERNAMBUCANA DO MEIO AMBIENTE – CPRH. *Diagnóstico Sócio-Ambiental da APA de Guadalupe*. Recife, 1998.

---

---

COMPANHIA PERNAMBUCANA DO MEIO AMBIENTE – CPRH. *Diagnóstico Sócio-Ambiental & ZEEC – Zoneamento Ecológico Econômico Costeiro/Litoral Sul de Pernambuco*. Recife, 1999.

CORREA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito – chave da Geografia*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15-45.

DOISE, Willem. *Da Psicologia Social à Psicologia Societal*. Conferência proferida por ocasião da aula inaugural do Instituto de Psicologia, UnB, Brasília. 2000.

DOISE, Willem. *L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. Présentation: MOSCOVICI, Serge. Nouvelles Voies en Psychologie Sociale*. Lauréat de l'Académie des Sciences Morales et Politiques. 1980.

GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 17-25.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE PERNAMBUCO – CONDEPE. *Rio Formoso*. Série monografias municipais. Recife. 1992.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Re(Des)cobrando o Outro*. In: ARRUDA, Angela (org.). *Representando a Alteridade*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 69-82.

LEÃO, Ana Lúcia Carneiro & ALVES e SILVA, Lúcia Maria. *Fazendo Educação Ambiental*. 2. ed. Ver. Atual. Recife: CPRH, 1998. 32p. (Biblioteca Pernambucana do Meio Ambiente, 002).

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. *Elementos para a Introdução da Dimensão Ambiental na Educação Escolar – 2º Grau*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. *Amazônia – Uma Proposta interdisciplinar de Educação Ambiental: documentos metodológicos*. 1. ed. Brasília, 1994.

---

---

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Tradução de Alvaro Cabral. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade Contra a Natureza*. Lisboa: Edições Bertand, 1975.

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-16.

MULTICONSULTORIA. *Proposta para o Desenvolvimento do Turismo no Litoral de Pernambuco e Alagoas: Estudo sumário*. Recife, 1990.

PAES BARRETO, Carlos Xavier. *O Rio Formoso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda. 1955.

PASSMORE, John. *Atitudes Frente a Natureza*. Tradução Chistine Dabat. *Revista de Geografia*, Recife, 1995. v. 11, n. 2, jul/dez.

PERNAMBUCO. Secretaria de Planejamento. *Plano Diretor do Centro Turístico de Guadalupe – Memorial descritivo*. Recife, 1994.

\_\_\_\_\_. *Decreto n. 19.635 de 13 de março de 1997. Declara como área de proteção ambiental a região situada nos municípios de Serinhaém, Rio Formoso, Tamandaré e Barreiros e dá outras providências*. **Diário Oficial do Estado**, Poder Executivo, Recife, PE, 14 de mar. 1997. p. 04.

PIRES & FILHO, Advogados Associados. *Estudo de Impacto Ambiental do Centro turístico de Guadalupe*. Recife: AD/DIPER-PE, 1993.

RIBEIRO, Aldry Sandro Monteiro. *Macho, Adulto, Branco, Sempre no Comando?* Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2000.

---

---

SÁ, Celso Pereira de. *A Representação Social da Economia Brasileira Antes e Depois do “Plano Real”*. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 1. ed. Goiânia: AB, 1998. p. 49-69.

SANTOS, Maria de Fátima de. *Representação Social e Identidade*. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 1. ed. Goiana: AB, 1998. p. 151-159.

SOUTO MAIOR, Mário & DANTAS, Leonardo Silva. *A Paisagem Pernambucana*. (org.). *A Paisagem Pernambucana*. 1. ed. Recife: Massangana, 1993.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O Território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77-116.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

---

---

# **ANEXOS**

---

## ANEXOS

Anexo 1	Fragmento de cartaz de lançamento do loteamento A Ver o Mar.....	169
Anexo 2	Figura 2 – Projeção de palavras em plano fatorial como resultante da análise do conteúdo semântico.....	170
Anexo 3	Tabela 10 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos pesquisados.....	171
Anexo 4	Tabela 11– Palavras principais, por ordem decrescente de frequência.....	172
Anexo 5	Tabela 14 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS dos moradores (A).....	173
Anexo 6	Tabela 15 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (A).....	174
Anexo 7	Tabela 17 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B).....	175
Anexo 8	Tabela 18 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos moradores (B).....	176
Anexo 9	Tabela 20 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos Veranistas.....	177
Anexo 10	Tabela 21 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos veranistas.....	178
Anexo 11	Tabela 23 – Os Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da <i>NATUREZA</i> dos Turistas.....	179
Anexo 12	Tabela 24 – Elementos principais mais relevantes da RS da <i>NATUREZA</i> dos turistas.....	180



Helipouso

Camping

Bosque

Parque com vegetação local

Mirante

Golf

Escola  
Centro Comercial

Hotel

Quadra de Esportes

Lago Natural

Hotel

Clube de Náutica

Lago Artificial

Centro Comercial

Qualquer que seja o seu "hobby", entregue-se a ele em AVER-O-MAR. Acampe, jogue futebol, golf, voley. Faça natação, "cooper", pescaria ou se deixe apenas ficar ao sol. O projeto AVER-O-MAR possibilita mil opções de lazer. E tudo em meio a própria natureza, sem ruído, buzina, escape livre...  
lagos artificial e natural — camping — campo de golf — quadras de esporte — praças — bosque — helipouso — ancoradouro — centro comercial — centro de saúde — água — luz — 40% das ruas calçadas águas claras e muita beleza.



Informações no local e em  
AVER-O-AMAR IMÓVEIS LTDA.  
Av. Abdias de Carvalho, 155  
"Pertinho da Sede do SPORT"  
Fones: 27-1133 — 27-0212



## ANEXO 3

### Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos pesquisados

**Tabela 10** – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS comum aos grupos pesquisados. (236).

		<b>Ordem de evocação</b>			
		<b>Inferior a 6,8</b>	<b>Superior a 6,8</b>		
<b>F R E Q U Ê N C I A</b>	<b>≥ 54</b>	72 - animais 62 - animais do mar 75 - beleza 65 - lazer 55 - mangue 116 - mar 70 - paz 67 - plantas 57 - preservação 56 - sol 60 - vida 67 - árvore	6,347 6,177 3,533 6,662 6,145 5,466 6,029 3,672 5,789 6,464 6,050 4,030	73 - animais do Mangue 80 - frutas Nativas 155 - coqueiros	10,027 9,300 7,061
	<b>&lt; 54</b>	12 - ambiente 09 - animais Domésticos 10 - ar-puro 05 - areia 06 - bem-estar 10 - boa 10 - campo 18 - chuva 18 - céu 19 - degradação 05 - espiritualidade 39 - fruteira 20 - harmonia 16 - limpeza 30 - mata 43 - passarinho 35 - praia 28 - rio 36 - saúde 07 - sobrevivência 11 - sombra 36 - tudo 23 - verde	3,250 5,111 6,200 5,000 5,833 4,100 6,600 6,611 6,278 6,368 5,600 4,436 5,750 5,438 5,833 5,977 4,657 6,214 5,917 4,429 5,364 6,750 4,739	30 - Deus 50 - alimentação 19 - amor 18 - aves 05 - cachoeira 05 - calma 05 - criação 05 - educação 14 - estrela 14 - felicidade 05 - flora 30 - flores 18 - lua 10 - madeira 09 - paisagem 05 - pedras 11 - pesca 43 - pessoas 08 - poluição 05 - respeito 22 - tema 05 - trabalho 24 - vento 38 - água	7,800 9,640 7,421 6,889 8,200 10,600 8,000 7,200 9,714 8,071 7,600 9,700 7,944 17,300 7,444 12,400 8,364 7,256 8,125 7,200 8,091 8,000 8,583 6,895

## ANEXO 4

### Palavras principais, por ordem decrescente de frequência

**Tabela 11** – Palavras principais, por ordem decrescente de frequência. (236)

F/	Palavra	F/	Palavra	F/	Palavra
45	Mar	05	praia	03	vegetação
25	vida	05	tudo	02	lazer
19	plantas	04	bem-estar	02	limpeza
18	coqueiros	04	verde	02	mundo
13	Deus	04	viver	02	árvore
13	sol	04	homem	02	alimento
13	água	04	mata	02	amor
12	preservação	04	meio ambiente	02	ar puro
12	animais	04	Saúde	02	cuidado
11	mangue	04	terra	02	céu
08	paz	03	boa	02	essencial
07	beleza	03	harmonia	02	felicidade
07	árvore	03	passarinho	02	maravilhosa
06	floresta	03	pureza	02	pescaria
06	liberdade	03	cajueiro	02	poluição
06	peixe	03	caranguejo	02	sombra
05	fruteiras	03	chuva	02	tranqüilidade

## ANEXO 5

### Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS dos moradores (A)

**Tabela 14** – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS dos moradores (A). (67).

		Ordem de evocação			
		Inferior a 6,8	Superior a 6,8		
<b>F</b>	<b>≥ 23</b>	23 - animais do mar	5,826	29 - animais	6,931
		31 - mangue	5,968	25 - animais do mangue	8,400
		44 - mar	5,500	51 - frutas nativas	6,941
		29 - passarinho	4,690	44 - coqueiro	9,614
<b>R</b>		33 - planta	3,394		
		30 - árvore	4,000		
<b>E</b>	<b>&lt; 23</b>	09 - animal doméstico	6,000	07 - alimentação	17,000
		08 - aves	6,625	04 - cachoeira	8,250
		06 - beleza	3,500	06 - estrela	9,500
		04 - boa	2,750	16 - flores	9,313
		08 - chuva	6,250	04 - lua	7,750
		15 - fruteira	5,000	04 - paisagem	9,500
		17 - mata	5,118	12 - pessoas	7,417
		10 - praia	5,600	13 - sol	7,154
		17 - rio	5,941	10 - vento	10,100
		04 - sombra	6,750		
		07 - tudo	4,000		

## ANEXO 6

### Elementos principais mais relevantes da RS da NATUREZA dos moradores (A)

**Tabela 15** – Elementos principais mais relevantes da RS da *NATUREZA* dos moradores (A). (67).

<b>Elementos</b>	<b>FE</b>	<b>FPP</b>	<b>QF%</b>
Praia	10	07	30
Beleza	06	04	33
Mar	44	29	34
Animais	29	19	35
Rio	17	11	35
Aves	08	05	38
Mangue	31	18	42
Planta	33	19	43
Árvore	30	17	43
Tudo	07	04	43
Sol	13	07	46
Vento	10	05	50
Pessoas	12	05	58
Fruteira	15	06	60
Flores	16	06	63
Chuvas	08	03	63
Animais do mar	23	07	70
Coqueiro	44	13	71
Mata	17	05	71
Passarinho	29	08	73
Frutas nativas	51	03	94

## ANEXO 7

## Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos moradores (B)

		Ordem de evocação			
		Inferior a 6,7		Superior a 6,7	
F R E Q	≥ 15	20 - mangue	6,400	31 - alimentação	7,968
		15 - planta	3,667	46 - animais do mangue	9,522
		20 - árvore	3,150	32 - animais do mar	6,938
U Ê N C I A	< 15			72 - frutas nativas	7,028
				34 - coqueiros	8,941
				22 - mar	7,909
		10 - animais	4,900	05 - estrela	8,400
		10 - animal doméstico	5,100	13 - fruteira	6,923
		05 - boa	6,400	07 - lua	7,571
		10 - mata	5,300	10 - madeira	18,200
		05 - pesca	5,400	09 - praia	7,000
		06 - passarinho	2,833	07 - tudo	7,857
		10 - sol	5,700	06 - vento	7,333
		08 - vida	6,875		
		06 - terra	6,000		
		14 - água	6,214		

Tabela 17 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos moradores (B). (52).

## ANEXO 8

### Elementos principais mais relevantes da RS da NATUREZA dos moradores (B)

**Tabela 18** – Elementos principais mais relevantes da RS da NATUREZA dos moradores (B). (52).

<b>Elementos</b>	<b>FE</b>	<b>FPP</b>	<b>QF%</b>
Sol	10	07	30
Vida	08	05	37
Mar	22	11	50
Coqueiro	34	09	74
Água	14	03	79
Planta	15	03	80

## ANEXO 9

### Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos veranistas

Tabela 20 – Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos veranistas. (75).

Ordem de evocação						
		Inferior a 7,1	Superior a 7,1			
<b>F R E Q U Ê N C I A</b>	<b>≥ 16</b>	25 - animais	6,480	34 - lazer	7,118	
		35 - beleza	3,171	20 - pessoas	7,950	
		37 - mar	4,703	26 - vida	7,731	
		40 - paz	6,775			
		16 - plantas	3,813			
		36 - preservação	5,222			
		21 - saúde	6,286			
		23 - sol	6,522			
		16 - verde	4,563			
		<b>&lt; 16</b>	06 - ambiente	2,333	13 - Deus	11,000
			05 - bem-estar	6,000	11 - amor	7,273
			10 - céu	5,600	06 - aves	9,833
			07 - degradação	3,857	08 - felicidade	8,875
			04 - espiritualidade	6,000	05 - flores	9,600
			10 - frutas	7,000	09 - liberdade	7,778
			15 - coqueiros	5,933	04 - litoral-Sul	10,250
			14 - harmonia	6,000	06 - lua	8,500
			08 - limpeza	4,875	05 - mata	12,400
			04 - mangue	4,500	06 - passarinho	10,500
			06 - peixe	4,833	05 - poluição	7,600
			09 - praia	3,222	06 - rio	10,167
			04 - sobrevivência	4,500	12 - tema	9,333
			06 - vento	6,500	12 - tudo	7,167
			10 - árvore	5,300	09 - água	10,556

## ANEXO 10

### Elementos principais mais relevantes da RS da NATUREZA dos veranistas

**Tabela 21** – Elementos principais mais relevantes da RS da *NATUREZA* dos veranistas. (75).

Elementos	FE	FPP	QF%
Sol	23	02	19
Bem estar	05	04	20
Vida	26	16	38
Liberdade	09	05	44
Mangue	04	02	50
Sobrevivência	04	02	50
Água	09	04	56
Planta	16	06	62
Preservação	36	13	64
Poluição	06	02	67
Mar	37	12	68
Deus	13	04	69
Harmonia	14	04	71
Animais	25	05	80
Verde	16	03	81
Beleza	35	06	83
Pessoas	20	03	85
Saúde	21	03	86
Paz	40	04	90

## ANEXO 11

### Os Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos turistas

**Tabela 23** – Os Elementos hipotéticos centrais e periféricos da RS da NATUREZA dos turistas. (42).

		Ordem de evocação			
		Inferior a 6,4		Superior a 6,4	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 12	14 - Deus	5,786	16 - lazer	6,938
		30 - <b>beleza</b>	3,633		
		12 - mar	3,500		
		27 - <b>paz</b>	5,333		
		12 - saúde	4,833		
		12 - vida	4,833		
	< 12	05 - alimentação	5,400	06 - amor	7,167
		04 - ar puro	5,500	08 - animais	7,125
		03 - frutas	6,000	03 - aves	6,667
		05 - harmonia	5,600	03 - campo	9,000
		07 - limpeza	5,857	04 - chuva	6,500
		04 - meio ambiente	4,750	04 - felicidade	6,500
		06 - pessoas	6,000	03 - infinitivo	11,667
		08 - plantas	4,500	03 - liberdade	9,000
		06 - praia	1,667	05 - peixe	9,400
		11 - sol	5,364	03 - pescaria	12,000
		05 - tudo	6,000	11 - preservação	6,909
		04 - água	2,750	04 - vento	6,500
		06 - árvore	4,833	04 - vida	7,250

## ANEXO 12

### Elementos principais mais relevantes da RS da NATUREZA dos turistas

**Tabela 24** – Elementos principais mais relevantes da RS da *NATUREZA* dos turistas. (42).

<b>Elementos</b>	<b>FE</b>	<b>FPP</b>	<b>QF%</b>
meio ambiente	04	03	25
ar puro	04	03	25
Vida	12	07	42
Deus	14	08	43
Verde	04	02	50
Tudo	05	02	60
Preservação	11	04	64
Mar	12	04	67
Árvores	06	02	67
Saúde	12	03	75
Sol	11	02	82
Paz	27	03	89
Beleza	30	02	93